



DESENVOLVIMENTO

Com Lula, Consórcio Nordeste ganha protagonismo nacional

João Azevêdo, presidente da entidade, comemora a volta do diálogo com o Governo Federal. **Página 13**



Ilustração: Tônio



Foto: Roberto Cuedes

Turismo deve superar patamar pré-pandemia

Presidente da PBTur, Ruth Avelino, destaca ações que irão apoiar o setor ao longo de 2023.

Página 4

Centro de Convenções de JP fará 10 anos

Governo do Estado planeja ampla revitalização no equipamento, um dos mais completos da América Latina.

Página 3

Pesquisadores divergem sobre a fundação da PB

Ao contrário do que registra a história oficial, estado teria nascido em Santa Rita, 11 anos antes da fundação de João Pessoa. **Página 25**

Foto: Divulgação/Circo Mundo Mágico



Alegrias e desafios da vida de circo

Conheça a rotina dos artistas circenses, equilibrados entre o mundo mágico da tradicional arte milenar e os treinos, estrutura e afazeres da vida sob a lona.

Página 5

Foto: Marcos Russo



Competições prometem movimentar o handebol

Paraíba é destaque na modalidade, revelando o talento de atletas, tanto na areia quanto na quadra.

Página 21

Cresce procura por consultor de organização

Profissional otimiza espaços da casa e do trabalho, tornando mais funcional o dia a dia do cliente.

Página 7

Sudema fará mapeamento da fauna paraibana

Ação visa reunir dados técnicos para promover políticas públicas voltadas à conservação das espécies.

Página 20

Carlos Newton Júnior lança novo livro de poemas

Especialista na obra de Ariano Suassuna, ensaísta pernambucano também é apontado pela crítica como um dos maiores poetas brasileiros da atualidade.

Página 9

■ “O ódio também surge como resposta ao desamparo, caracteriza-se por ser a reação de intolerância contra o outro”.

Kleber Maux Dias

Página 10

■ “(No diário), autor e narrador como que se confundem na tentativa, imagino que inútil, de superar os malogros no jogo das máscaras”.

Hilberto Barbosa Filho

Página 11



Imagem: Nova Fronteira/Divulgação

Editorial

Feiras de sentidos

Há informações de que municípios paraibanos estão colocando em pauta a necessidade de realizarem feiras de livros, a exemplo do que acontece em João Pessoa, Campina Grande e Boqueirão, sem entrar no mérito desses eventos, no que diz respeito ao acervo e à estrutura oferecidos à população. Importa saber que as feiras existem e podem ser ampliadas, geograficamente, como também aperfeiçoadas, para atender melhor o público.

As feiras de livros ou festivais literários têm uma função cultural da maior importância. Aproximam as pessoas que escrevem livros daquelas que os leem, incentivando as mais afastadas do universo editorial a tomarem conhecimento do que dizem os livros, nos planos real e ficcional. Ou seja, são um grande estímulo à escrita e à leitura; à sociabilidade. Quando bem programadas, são de largo atrativo também para crianças e jovens.

Do ponto de vista econômico, as feiras literárias também cumprem um papel significativo. Facilitam o escoamento da produção das editoras locais e nacionais e ajudam os escritores independentes a projetarem suas obras para um público maior e mais diversificado. A troca de informações entre os protagonistas da cadeia do livro – editores, escritores, livreiros, leitores etc. –, é outro fator positivo associado a esses eventos.

Os eventos literários já consolidados foram prejudicados, nos últimos dois anos, pela pandemia de Covid-19, mas estão retornando com força não só no Brasil, como em muitos países de vários continentes. Para este ano, estão previstas, por exemplo, a 21ª Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (setembro), a 14ª Bienal Internacional do Livro de Pernambuco (outubro) e a Feira Internacional do Livro de Havana (fevereiro).

A pandemia de coronavírus não é mais um grande problema, no entanto, muitos organizadores de feiras literárias queixam-se de atrasos na elaboração da programação e na previsão de datas, devido a atrasos na liberação de verbas da Lei de Incentivo à Cultura. Outra herança perversa do governo de Jair Bolsonaro, que certamente já entrou para a história como um dos presidentes mais nocivos à arte e à cultura brasileiras.

Que venham mais feiras literárias, na Paraíba, no Brasil e no mundo. Os livros – não importa se físicos ou digitais – são indispensáveis para a construção de um mundo pautado pela justiça e alegria de viver, em todos os sentidos. Mas só cumprirão seus objetivos se a eles tiver acesso o maior número possível de pessoas. Eis talvez a missão precípua das feiras literárias, colocar em todas as mãos um livro; em todas as cabeças, sonhos e ideias.

Artigo

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com

Viva o Rei!

Assistir aos jogos de futebol com a presença de Pelé em campo sempre foi um deleite. Era a certeza de que a genialidade do Rei se apresentaria a qualquer momento e, num instante, haveria arte, transgressão criativa, a surpresa, com uma jogada que desafiaria a Física e enganaria os olhos. Beleza plástica, velocidade, dribles olhares...

Essas qualidades extrapolaram as fronteiras e ganharam o reconhecimento mundial e Pelé deixou de reinar nos limites da soberania brasileira e passou a ter súditos em todo o mundo, pela importância de sua genialidade e de sua generosidade para a popularização do futebol como o esporte do planeta. O Mundo que ele ajudou a aprender a amar o futebol. Mundo sem barreiras, tendo como referência espacial um campo de futebol.

Poucos são associados imediatamente a uma profissão. Talvez Beethoven à música, Chaplin ao cinema e Pelé ao futebol. Não só pelo que foram capazes de desenvolver em suas artes, mas pelo que foram capazes de inovar, de descobrir e de deixar um legado espetacular. Entregaram às próximas gerações algo que muda o futuro, preocupação de todos, êxito de raros.

Na ciência há o método, uma série de requisitos que precisam ser cumpridos para a produção de uma teoria, por exemplo. Há teses que precisam ser defendidas e isso requer estudo e conhecimento, muito conhecimento. Esforço e mérito!

O esporte e a arte não podem prescindir do conhecimento, mas exigem algo incomum que vai além da criatividade, do conhecimento, da preparação. É necessário mágica, fazer o impossível fácil aos olhos, embora todos saibam que a execução exigirá perícia, preparo. Em Pelé esses requisitos estão presentes em cada passe, no lance que desafia a lógica, no gol que faz explodir a alegria contagiante que une todos numa explosão espetacular que extravasava a emoção reprimida.

E Pelé foi vencendo todos os adversários sem nutrição especial, sem academias hipertecnológicas, sem preparação física científica e sem a milagrosa fisioterapia. Um atleta diferenciado. Ou foi abduzido ou foi dom de Deus.

Poucos levaram o Brasil além aos quadrantes do mundo de forma tão sublime, olímpica. Pelé enche de orgulho qualquer ser que um dia se encontrou com uma bola, que ele dominou como instrumento musical, dominando-a com os pés, amortecendo no peito, fazendo malabarismos com a

cabeça, deslizando-a pela coxa até apascentá-la no gramado e a liberar para correr ao encontro de um companheiro melhor colocado ou para o gol.

E foram tantos gols, que não há quem tenha feito tantos. Gols de todos os estilos, classes, formas. Gols de plástica espetacular, mas nunca humilhantes. Foram 1.283 bolas nas redes muitas inesquecíveis, decisivas, de placa.

A grandeza do rei do futebol foi tão magnânima que onde houver um ser humano certamente ele terá tido notícias de que existiu um gênio fora de lâmpadas, além da imaginação mais criativa capaz de seduzir seus semelhantes com uma arte que inspira jovens, que proporciona um negócio capaz de movimentar bilhões por pura diversão à espera de liberar um grito de alegria.

Até nos gestos Pelé foi soberano ao popularizar o soco no ar após um salto para comemorar seu maior objetivo dentro das quatro linhas: o gol.

Pelé se foi por quatro causas: insuficiência renal, insuficiência cardíaca, broncopneumonia e adenocarcinoma de cólon, segundo explicações médicas.

Mas como ele não foi apenas um corpo, um organismo, Pelé está entre todos nas lembranças marcantes de como tratou a emoção.

E na imaginação coletiva Pelé deu um dribble na morte. Viva o Rei!

“

Poucos são associados imediatamente a uma profissão. Talvez Beethoven à música, Chaplin ao cinema e Pelé ao futebol

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda



A arte de todos

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Eudésia Vieira – Primeira médica paraibana

Os movimentos femininos emancipatórios da década de 20 do século passado, oportunizaram às mulheres ganhar maior visibilidade na ocupação dos espaços públicos. Na Paraíba algumas se destacaram como protagonistas dessas lutas. Dentre elas, Eudésia de Carvalho Vieira. Paraibana, nascida no povoado de Livramento, município de Santa Rita, no ano de 1894, foi uma mulher plural, polivalente. Professora, historiadora, escritora, crítica literária, ensaísta e médica.

Em 1911 formou-se pela Escola Normal da Paraíba, sendo admitida, quatro anos depois, como professora do ensino público estadual, através de concurso público, iniciando a carreira do magistério na cidade de Serraria. Em 1917 se casou com José Taciano da Fonseca Jardim, com quem teve cinco filhos. Contrariando a vontade do marido, matriculou-se na Faculdade de Medicina, em Recife, sendo a única mulher da turma e a primeira paraibana a receber o diploma de ciências médicas e cirúrgicas, dedicando-se às áreas de ginecologia e obstetrícia, com consultório instalado na Rua Duque de Caxias, em João Pessoa. Durante o período em que esteve frequentando o curso de medicina foi obrigada a trancar a matrícula, algumas vezes, em razão da jornada triplíce de mãe, esposa e professora.

A atividade profissional que abraçou não fez com que abandonasse a sua vocação para escritora. Publicava seus artigos em jornais e revistas da Paraíba no começo do século 20. Em uma dessas publicações na revista Era Nova, escreveu um texto intitulado “A Mulher”, dedicado a seu marido, onde defendeu a liberdade para as mulheres atuarem igualmente com os homens em todos os espaços em que se mostrassem competentes. Como historiadora fez por merecer sua eleição para ocupar a cadeira de número 04 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em 1922. Em 1933, como sufragista, organizou uma conferência para “defender a necessidade da colaboração da mulher brasileira nos futuros destinos do Brasil”, reivindicando o direito feminino de votar e ser votada.

No seu livro “Torpedeamento do Afonso Pena”, relata os momentos angustiantes que

“

Em 1911 formou-se pela Escola Normal da Paraíba, sendo admitida, quatro anos depois, como professora do ensino público estadual

Rui Leitão

viveu em 1943, quando fazia uma viagem de navio partindo de Recife em direção ao Rio de Janeiro, que foi atacado pelos italianos na costa do estado da Bahia, causando a morte de 125 pessoas. Eudésia conseguiu, no entanto, se salvar, considerando ter sido beneficiada por um milagre de Nossa Senhora de Fátima, de quem se tornou devota fervorosa.

Segundo a professora Anice Oliveira, “Eudésia Vieira foi uma vanguardista quanto a sua posição social e quanto a mulher ferindo preconceitos sexistas tradicionalistas que imperavam no início do século”. Em maio de 1933, a jornalista Lygia Guedes escreveu no Jornal do Brasil Feminino, o artigo “A mulher Parahybana: seu desenvolvimento intelectual”, assim se expressando: “Eudésia Vieira, professora e acadêmica de medicina, é outra joia da intelectualidade feminina parahybana. Cursa actualmente o 5º ano da Faculdade - o que no seu caso particular de esposa e mãe - é a prova evidente de uma vontade de ferro a serviço de um grande talento. Já publicou um livro de versos: ‘Cirrus e Nimbus’ e um de História da Parahyba para usos das escolas deste Estado.” Em seu livro “Terra dos Tabajaras!” deu voz aos índios da Paraíba, denunciando o processo de escravidão a que estavam submetidos.

Morreu em 16 de julho de 1981 e foi homenageada com seu nome dado a uma rua no Bairro dos Estados, em João Pessoa.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

REVITALIZAÇÃO

Centro de Convenções de JP vai passar por reforma

Licitação sairá após levantamento técnico, que estará pronto em fevereiro

Ítalo Arruda
 Especial para A União

O Centro de Convenções Poeta Ronaldo Cunha Lima, em João Pessoa, passará por uma extensa reforma nos próximos meses. A informação foi confirmada pela secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico da Paraíba, Rosália Lucas, que esteve reunida com outros secretários, nesta semana, para discutir o projeto que vai revitalizar toda a estrutura do equipamento. Inaugurado há 10 anos, o equipamento é um dos mais modernos e completos da América Latina.

Na ocasião, além de apresentarem as principais demandas para a reestruturação do prédio, os secretários decidiram que uma equipe técnica da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) fará um levantamento detalhado, com todas as necessidades do equipamento. Participaram da reunião o secretário de Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seihma), Deusdete

Queiroga, a superintendente da Suplan, Simone Guimarães, e o gestor do Centro de Convenções da capital, Alexandre Cunha.

Ainda segundo Rosália Lucas, o governador João Azevêdo já tem conhecimento da necessidade e “se colocou à disposição para colaborar com o que for preciso”, inclusive, com a pretensão “de inovar e estruturar o empreendimento com capacidade de funcionamento para mais 10 anos”. A previsão, conforme explicou a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, é que o levantamento técnico esteja pronto ainda em fevereiro.

“Feito isso, encaminharemos para a próxima etapa, que é a licitação, para que as obras sejam autorizadas e iniciadas”, afirmou Rosália, destacando que já existe um “relatório fotográfico”, no qual são apontados problemas elétricos, hidráulicos e de infraestrutura, “decorrentes de processo natural, já que está localizado em uma área e que há muita agressão da maresia”, acrescentou, sem detalhar o valor do investimento.

A reforma se estenderá por toda a estrutura do Centro de Convenções – que engloba a Torre do Mirante, o Pavilhão de Feiras e Exposições, o Pavilhão de Congressos e Convenções e o Teatro Pedra do Reino – um dos espaços mais frequentados, sobretudo, com a realização de shows e espetáculos.

De acordo com Rosália, as obras de revitalização, certamente, contribuirão não só para a valorização do equipamento como um todo, mas também para o desenvolvimento do turismo no estado da Paraíba e a captação de eventos de grande porte. “Com essa reestruturação, pretendemos captar ainda mais feiras, mais congressos e mais eventos para o Centro de Convenções que, além de ser um dos melhores empreendimentos que temos, é um forte indutor do turismo paraibano”, destacou a secretária.

A reforma do Centro de Convenções de João Pessoa, avalia Rosália, também impulsionará o Polo Turístico do Cabo Branco – projeto do Governo da Paraíba que

“

Obras irão favorecer a captação de mais feiras, congressos e outros eventos importantes para o Centro

Rosália Lucas

destina 35 lotes para a construção de resorts, parque aquático, equipamentos de animação e estabelecimentos de comércio e serviços. O complexo é o maior já planejado no Nordeste. “Quando houver a inauguração desses equipamentos, o Centro de Convenções estará devidamente reformado, pronto para receber os turistas e os paraibanos que o visitarem”, observou Rosália Lucas.



Foto: Roberto Queirós

O equipamento foi inaugurado há 10 anos e é considerado um dos mais modernos e completos da América Latina

Equipamento já abrigou importantes eventos

Inaugurado em agosto de 2012, o Centro de Convenções Poeta Ronaldo Cunha Lima, na capital paraibana, é um dos mais modernos equipamentos do Brasil e da América Latina, com capacidade para receber e acomodar milhares de pessoas e diversos eventos empresariais, como congressos, simpósios, multifeiras, além de shows, concertos e outros espetáculos.

Com uma área de, aproximadamente, 48 mil metros quadrados, a estrutura é adequada ao Plano de Controle Ambiental, com um corredor ecológico e vasta vegetação preservada. Além disso, o Centro de Convenções de João Pessoa possui mecanismos de acessibilidade, com elevadores e rampas de acesso a cadeirantes, além de dispositivos para pessoas com deficiência visual.

Grandes eventos

Grandes eventos já foram sediados no Centro de Convenções de João Pessoa como, por exemplo, a RoboCup – um dos maiores eventos de tecnologia do mundo –, realizada em 2014. Também é palco da maior feira de tecnologia

do Nordeste, a Expotec, que desde 2015 recebe o evento. Além disso, importantes espetáculos teatrais e musicais também se apresentaram no local, com casa cheia.

No ano passado, em novembro, o Centro de Convenções sediou o Congresso

Nacional da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt). Na ocasião, mais de 2,5 mil participantes estiveram presentes. Para 2023, também estão previstos outros grandes eventos e congressos, como o da Cultura Geek, previsto para acontecer em abril.



Foto: Evandro Pereira

Rosália Lucas já iniciou as discussões sobre o projeto

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

TOLERÂNCIA ZERO: FALA DE LULA PARA BARRAR DESVIO DE CONDUTA DE MINISTROS FOI PROVIDENCIAL

Na primeira reunião ministerial com os ministros de estado, na sexta-feira, 6, o presidente Lula (PT) procurou cingir seu governo, evitando que antes mesmo de a gestão começar a dar seus primeiros passos pudesse haver pontas soltas. E, figurativamente, apertou os nós para que nada se apresentasse frouxo. Sobretudo no tocante à preservação dos valores éticos na condução das pastas. Não existe meio-termo. Ou os auxiliares trabalham com eficiência e honestidade ou serão convidados a sair. Isso ficou bem evidente na fala do presidente: “Quem fizer algo errado sabe que tem só um jeito: a pessoa será simplesmente, da forma mais educada possível, convidada a deixar o governo. E se cometer algo grave a pessoa terá que se colocar diante das investigações e da própria Justiça”. Recado dado. Não será tolerado desvios de conduta dentro do governo. A fala de Lula vem em meio à polêmica envolvendo a ministra do Turismo, Daniela Carneiro, que foi apoiada por um miliciano, acusado de homicídio, na campanha de 2018, no Rio de Janeiro – ela é deputada federal pelo União Brasil, reeleita este ano. Coube ao ministro Rui Costa, da Casa Civil, afirmar à imprensa

que “[esse] assunto não tem nada relevante ou substantivo que justifique qualquer preocupação, neste momento, do governo”. Já a ministra divulgou, por meio de sua assessoria, que não compactua com apoiadores [de sua candidatura] que tenham cometido ato ilícito. A fala de Lula, porém, foi providencial para evitar desgaste no governo nos próximos meses.

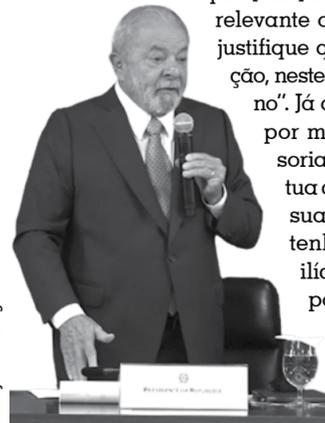


Foto: José Cruz/Agência Brasil

“VAMOS CONVERSAR SOBRE FUTURO”

“Vamos prestar contas do que foram os quatro anos de governo. Haverá um material impresso para que todo mundo fique com os dados arquivados daquilo o que nós conseguimos produzir. E iremos conversar também sobre futuro”. Do governador João Azevêdo, reportando-se ao evento a ser realizado amanhã, no Espaço Cultural, quando fará um balanço administrativo do seu primeiro mandato.

“NÃO TEM A MENOR PRETENSÃO”

O deputado estadual diplomado Luciano Cartaxo (PT) negou a existência de articulação no PT para indicar um cargo federal para a sua esposa, Maysa. “Ela não tem a menor pretensão. Ela é professora da universidade, não pensa em deixar a academia para ocupar um cargo”.

“BANCADA PARAIBANA SERÁ OUVIDA”

No tocante à indicação de cargos federais de segundo escalão na Paraíba, Cartaxo disse que esse debate será feito pelo PT no momento oportuno. E também envolverá legendas aliadas. “A bancada paraibana [na Câmara dos Deputados] também deverá ser ouvida. Esse debate será feito internamente, o presidente Jackson Macedo já falou sobre isso”.

QUER SER LÍDER NO SENADO

E o senador diplomado Efraim Filho quer chegar ao Senado Federal de modo protagonista. Nos bastidores, tem atuado para ser indicado como líder do União Brasil na casa. O partido tem uma bancada de 10 senadores. O parlamentar já foi líder partidário na Câmara dos Deputados, na época em que era filiado ao Democratas.

AÇÃO PARA ZERAR CIRURGIA INFANTIL

Até o fim de março, o Governo do Estado quer zerar a fila de espera para cirurgias pediátricas na Paraíba, por meio do programa Opera Paraíba Infantil, informa o secretário de Saúde, Jhony Bezerra. De acordo com ele, havia “uma demanda reprimida de pediatria”, o que fez a gestão focar diretamente nesse público.

ELEITOR TEM ATÉ AMANHÃ PARA JUSTIFICAR AUSÊNCIA NO 2º TURNO

Quem não votou no segundo turno das eleições, no dia 30 de outubro do ano passado, e ainda não justificou a ausência à Justiça eleitoral terá até amanhã para fazê-lo. Os eleitores que não fizerem a justificativa ficarão sujeitos ao pagamento de multa e a sanções que vão desde o impedimento de ser investido em cargo público à impossibilidade de tirar ou renovar passaporte. A justificativa pode ser feita pelo aplicativo e-título.

Ruth Avelino

Presidente da PBTur

Feiras e famtours devem movimentar o turismo em 2023



Expectativa é de que o número de visitantes, neste verão, seja maior do que o observado em 2020, antes da pandemia

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Assim como em todas as cidades brasileiras, o turismo na Paraíba enfrentou índices baixíssimos de ocupação durante o período crítico da pandemia, mas desde o ano passado já dá ares de retomada. Em 2023, a expectativa é que o número de visitantes volte com força, superando índices anteriores ao da chegada da Covid-19. “A perspectiva para janeiro é de superar os números de antes da pandemia, ou seja, o verão de 2020, quando a gente teve um fluxo bacana, mas a gente deve superar. Nossa ocupação para este mês deve bater a casa dos 85%, o que é muito bom”, afirmou a presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, em entrevista ao Jornal A União. Segundo ela, as estratégias para lançar o destino Paraíba de forma mais arrojada no país, fortalecer os atrativos do interior do estado e divulgar mais a marca Paraíba no turismo internacional já foram traçadas. Há ainda a perspectiva de mais investimento no setor por parte do Governo do Estado para elevar o fluxo turístico a patamares mais altos, e fazer com que as belezas naturais, históricas e culturais do estado sejam contempladas por um público cada vez maior. Confira a entrevista.

Entrevista

■ Como foi o fluxo de turistas na Paraíba em dezembro? Superou as expectativas?

Só teremos dado oficial do fluxo de dezembro a partir do dia 15. Mas, tivemos um dezembro muito bom. Historicamente, esse mês só fica mais movimentado depois do dia 26, porque as pessoas gostam de passar o Natal em família. A gente estima que a ocupação no mês inteiro de dezembro tenha chegado entre 78% e 80%. Em 2022 as expectativas foram superadas em todos os meses do segundo semestre. Desde o São João, verificamos uma retomada do turismo no Brasil, e na Paraíba não foi diferente. Houve fluxo não só no Litoral, mas no interior inteiro: Brejo, Cariri, Curimataú e Sertão.

■ E qual a perspectiva para janeiro? Deve ser maior do que o mesmo período do ano passado?

A perspectiva para janeiro é de superar os números de antes da pandemia, o verão de 2020, quando a gente teve um fluxo bacana, mas a gente deve superar. Nossa ocupação de janeiro de 2023 deve bater a casa dos 85%, o que é muito bom. Lógico que terá período, como o final de semana, em que a ocupação é maior, muitos hotéis chegam a lotar. Quando chega a segunda, terça e quarta-feira dá uma caída na ocupação. Então, a gente estima uma ocupação de 85%, que é infinitamente melhor do que o ano passado, e cerca de 5% maior do que antes da pandemia, que foi o verão de 2020.

■ Quais os destinos mais procurados nessa época do ano?

Nessa época do ano, os destinos mais procurados são os atrativos do Litoral. É verão, é sol, e as pessoas querem praias. Então, geralmente todas as cidades litorâneas são procuradas. João Pessoa, obviamente, é a porta de entrada e muita gente fica na capital porque temos o maior parque hoteleiro. No entanto, as costas do Conde, Pitimbu, Lucena, Baía da Traição, Barra de Camaratuba e Barra de Mamanguape são muito procuradas também. Tem gente que não curte praia e vai para o Cariri,

Brejo e Curimataú, mas geralmente em janeiro as pessoas querem praia. É por isso que João Pessoa fica tão lotada, porque além dos moradores da cidade, há as pessoas que são de outras regiões da Paraíba que vêm para o Litoral e têm os turistas que vêm de outros estados e países.

■ Quais os demais destinos que a PBTur trabalha para atrair turistas nesta época do ano?

A gente trabalha muito todo o Litoral. Temos destinos mais estruturados, ou seja, que tem uma boa rede hoteleira, há bares e restaurantes que podem atender a essa demanda. Então, além de João Pessoa, a gente trabalha muito a costa do Conde, Lucena, Baía da Traição e Barra de Camaratuba, que fica em Mataraca. Isso porque são destinos estruturados. Agora, a gente já tem aí Barra de Mamanguape surgindo com pousadas, com restaurantes, o que estimula muito a divulgação, porque a gente divulga um lugar onde as pessoas tenham uma infraestrutura quando chegarem; tenham bom acesso, uma pousadinha ou um hotel, bar e restaurante para que ele possa comer com segurança. Tudo isso é analisado quando se faz a promoção de um destino. Essas são as cidades que a gente divulga mais para o verão. Também divulgamos o interior, porque tem gente que não gosta de praia. Nesse período, ainda há quem prefira ir para Bananeiras, Areia, Araruna, onde fica o Parque Estadual Pedra da Boca. No Cariri, há Cabaceiras, que continua com um fluxo muito bom por conta dos lajedos de Pai Mateus e outros atrativos.

■ Como a PBTur avalia o número de voos que chegam hoje à Grande João Pessoa? É suficiente para atender a demanda?

Nesse verão, a gente conseguiu muitos voos da Azul. Então, estamos com sete voos semanais dedicados ao turismo e obviamente o paraibano também pode viajar nele, que é um voo muito vendido pela operadora Azul Viagens, que pertence a Azul Linhas Aéreas. São voos que

chegam todas as semanas: tem um de Ribeirão Preto, outro de São José do Rio Preto e um de Campinas, interior de São Paulo, que é um destino emissor muito importante para a Paraíba. Temos ainda o voo de Uberlândia e dois voos semanais de Belo Horizonte que vêm de Minas Gerais. Tem um voo inédito, que se Deus quiser vai continuar permanente, que é o que liga Goiânia, capital de Goiás, a João Pessoa. Esses voos começaram a ser operados na última quinzena de dezembro, devem ficar até o Carnaval e alguns deles a gente espera que fiquem como voos regulares. Esses sete voos semanais estão sendo muito importantes para o turismo. Fora isso, houve o anúncio, pela Associação Brasileira das Empresas de Aéreas (Abea), de que tivemos em torno de 200 voos extras regulares da Azul, da Latam e da Gol, que têm mais frequência durante o dia. Então, isso foi provocado pela alta estação do mês de janeiro. O número de voos atende à demanda, sim e, obviamente, a gente sempre precisa lutar por uma malha aérea melhor, inclusive, com preços acessíveis.

■ Quais os principais trabalhos que a PBTur realizou em 2022 para divulgar o destino Paraíba?

Em 2022, a PBTur fez um trabalho gigante de promoção. O governador João Azevêdo triplicou o orçamento da PBTur, percebendo que era um ano realmente de retomada do turismo. Então, a gente participou de todos os grandes eventos profissionais do Brasil, que são as grandes feiras. Fizemos eventos exclusivos da Paraíba junto à Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) e com a Secretaria de Turismo de João Pessoa. Em alguns eventos tivemos apoio do Sebrae e também da Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado da Paraíba (Fecomércio-PB). Fora isso, outra coisa que nos ajudou muito foram os eventos das grandes operadoras que foram realizados em João Pessoa. Só para se ter uma ideia, em março realizamos o evento “O Agente tá On”, da Azul Viagem, que trouxe para premiar aqui os 50 maiores vendedores do Brasil. Em maio, sediamos o B2Meet FRT, da operadora FRT, a maior do Sul do Brasil. O evento trouxe para a Paraíba os 50 maiores agentes de viagens deles. Em agosto, a Operadora Foco, do Rio Grande do Norte, realizou aqui a Rodada de Negócios da Foco, que trouxe para cá 850 profissionais de turismo do Brasil inteiro. Em outubro, realizamos o Mega Famtour da Viagens Promo, que é uma operadora nova de São Paulo e trouxe 120 agentes de viagens, os maiores de São Paulo e Minas Gerais. Então, foi um ano em que o agente de viagem conheceu muito a Paraíba. Fora isso, realizamos e recebemos muito famtour das grandes operadoras e famtour significa familiarização do turismo. Foi um ano muito importante e não é à toa que a Paraíba e João Pessoa, em especial, está entre os 10 destinos mais procurados do

Brasil em todas as buscadoras. E somos hoje, o destino mais vendido dentro da Operadora Azul Viagens, batendo recordes de vendas desde agosto. Isso é uma coisa inédita e a gente louva muito esse trabalho.

■ Quais os projetos traçados para este ano?

Temos um projeto para 2023 muito arrojado, já discutido com todo o trade turístico da Paraíba. Nos reunimos em dezembro com os hoteleiros, receptivos e prefeituras para discutir nossas ações: as feiras, os eventos exclusivos, os famtours e fampress que a gente vai receber aqui esse ano. Temos a certeza de que o governador João Azevêdo vai aumentar ainda mais o orçamento da PBTur. Foi uma promessa que ele fez para o trade turístico e vai possibilitar a gente fazer um trabalho arrojado, elevando a Paraíba, e principalmente a capital que é a porta de entrada, a um patamar muito alto. A gente tem muitos projetos traçados. É importante que se diga que esses projetos não são feitos exclusivamente pela PBTur, porque sempre temos a parceria da prefeitura de João Pessoa, do Conde, de Cabedelo, Bananeiras, de algumas cidades que estão sempre conosco. Temos a parceria da ABIH e do Sindicato das Empresas de Hospedagens e Alimentação de João Pessoa. Ainda temos a Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico do Estado, em que Rosália Lucas está se propondo a ser ainda mais parceira da PBTur para conseguir mais orçamento e fazer um trabalho mais arrojado em 2023. A grande novidade é que a gente vai voltar a participar dos eventos internacionais, porque acreditamos que esse será o ano da retomada do turismo internacional.

■ Além de sol e mar, quais os demais atrativos paraibanos destacados pela PBTur no decorrer de todo o ano?

Desde 2011, quando a gente assumiu a presidência na PBTur, criamos a marca do destino Paraíba, que não existia. Todo governo criava uma marca diferente, e a gente criou uma marca que vem se consolidando, já é conhecida no Brasil e no exterior. A gente espera que, no futuro, os próximos governos não mudem, porque a Itália tem a mesma marca há 40 anos, a Bahia tem a mesma marca há 35 anos. Então, é muito importante que essa marca seja mantida porque ela é a cara da Paraíba. Uma marca maravilhosa, belíssima, colorida, e tem justamente o slogan “Paraíba, muito mais que sol e mar”. Então, a gente sempre trabalha muito a questão do interior, de Campina Grande com seus eventos, não só o São João, mas o Carnaval da paz e o Natal iluminado. A gente trabalha o Brejo, com o Caminhos do Frio, com sua temperatura agradável, os engenhos, sua gastronomia; o Curimataú com a Pedra da Boca, Araruna que é uma pérola, além de outras cidades importantes. Também trabalhamos muito o Cariri, onde o carro-chefe é Cabaceiras, que tem a Hollywood Nordeste;

há outras cidades importantes como Monteiro, com sua renda renascença e os forrozeiros; No Sertão, temos Matureia, onde tem o Pico do Jabre e uma estrutura fantástica de pousadas, restaurantes e trilhas; ainda há Patos, Sousa, Cajazeiras, Pombal e vários outros municípios. Inclusive, já temos um voo ligando Sousa a Recife e o Governo está lutando para ter mais voos no interior do estado.

■ Na divulgação do destino Paraíba, internacionalmente, em quais países ele é apresentado?

O fluxo internacional ainda é muito pequeno na Paraíba e no resto do Brasil. Tirando a porta de entrada, que é o Rio de Janeiro, São Paulo, alguns estados nordestinos como o Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia, que trabalham muito o mercado estrangeiro, o resto do país tem um fluxo pequeno. A não ser no Sul do país, que recebe muitos argentinos por causa da proximidade. Mas, a gente tem um voo internacional, que liga Buenos Aires a João Pessoa. Temos um trabalho muito forte na Argentina, estamos com uma mídia do Governo do Estado, por meio da Secretaria de Comunicação, em Buenos Aires. Este ano, vamos participar de vários eventos em Buenos Aires como forma de fortalecer esse voo. A gente também vai ampliar nossa divulgação na América do Sul: Uruguai, Chile e outros países. E na Europa, a gente trabalha muito o mercado de Portugal, Espanha, Itália, porque são países que têm uma tendência maior a gostar de sol e mar, que viaja mais em família e que tem mais o perfil de João Pessoa, da Paraíba.

■ Quais os desafios enfrentados no turismo paraibano?

São desafios comuns a vários estados. No momento, o nosso desafio é a retomada dos voos que a gente tinha durante a pandemia, e alguns não conseguiram voltar. A gente precisa melhorar a malha aérea, que é uma questão nacional. Precisamos de mais voos, de passagens mais baratas. Sabemos que a nova ministra do Turismo, Daniela Carneiro, já se comprometeu em fazer um estudo junto às companhias aéreas. O preço das passagens é alto no Brasil não é porque as companhias queiram, mas porque o custo para operar uma aeronave é muito caro no país: a despesa do querosene de aviação (QAV) e a alíquota do ICMS que incide sobre esse combustível é muito alta. Na Paraíba temos o Aerotur, que é um programa fiscal do Governo do Estado para com as companhias aéreas. Nós temos parcerias com a Gol, com a Azul e a Latam para reduzir a alíquota que é comum a todos os estados em 25%; mas na Paraíba chega a 17% e nós estamos baixando para 6% para algumas companhias, como é o caso da Gol. A questão da malha aérea é um grande desafio que nós temos de enfrentar. Temos uma qualidade de vida reconhecida por todo mundo. É tanto que os turistas que vêm para a Paraíba, quando respondem aos questionários, mais de 90% dizem que pretendem voltar e para morar.



Foto: Edson Matos

Viver num circo é não ter residência fixa e construir, a cada apresentação, um mundo mágico, com o objetivo de não deixar o espetáculo parar e, assim, manter viva a milenar tradição circense

PÉ NA ESTRADA

Vida e magia sob a lona do circo

Circenses levam alegria, enquanto dividem a rotina da montagem da estrutura, treinos e afazeres domésticos

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Ser circense é um desafio diário. Sem residência fixa, vivendo em trailers e carretas, as viagens são incontáveis e as cansativas mudanças compõem a rotina de quem trabalha para fazer o outro sorrir. A educação das crianças se divide pelos mais variados recantos do país. Cuidar da saúde exige jogo de cintura, sem contar com toda a logística para gerenciar o espaço de diversão e entretenimento. Mas, ser circense é essencialmente paixão, amor, dedicação e, mesmo com todos os obstáculos, a palavra desistir está fora do dicionário.

“A vida no circo não é fácil, mas é mágica e eu não trocaria por nada nesse mundo”. Com essa frase, Andreza Alvarado, uma das proprietárias do Circo Mundo Mágico, que é de Minas Gerais e está em João Pessoa, define bem o que é ser do circo. “Ser circense é amor mesmo, porque para estar nessa vida, andando de um lado para o outro, tem que gostar muito. Para mim, ser circense é amor porque tem que ter muito amor para enfrentar essa batalha diária”, resume.

Ela admite que não é uma vida fácil, lamenta que ainda é pouco valorizada e compara a uma empresa que precisa ter documentação, inspeção de Bombeiros, Vigilância Sanitária, Meio Ambiente, alvarás. Toda vez que o circo sai em viagem, é como se pegasse uma empresa, colocasse todos os funcionários dentro e ficasse de 30 a 60 dias em cada lugar, tendo que documentar, legalizar e construir tudo.

“Perante toda a logística que o circo tem e a grandeza cultural que é na vida das pessoas, eu acho que a parte mais difícil é essa desvalorização. Muitas vezes, chegamos na cidade

e não tem o espaço adequado para montar”, ressalta.

Do ensaio ao espetáculo

Ensaios, verificação dos aparelhos de trabalho, malabarista confere seus acessórios, mágico testa suas magias. Cada um cuida do número que vai apresentar. Mas, além do espetáculo, a rotina do circo é semelhante à de uma residência, afinal de contas, aquele é o lar de 34 pessoas, das quais seis crianças, de famílias tradicionais circenses.

Alguns moram em trailer, outros em *motorhome*. “Lavamos roupa, fazemos comida. Em época de aula, levamos as crianças para a escola, vamos ao mercado. Cuidamos dos ensaios, limpeza e manutenção do circo”, enumera Andreza Alvarado.

Até a hora de entrar em cena, há uma sequência de ações. Além de conferir os aparelhos, tem a maquiagem, o figurino. E antes de cada espetáculo, por mais experiência que cada um possua, sempre bate um frio na barriga. “Todos os dias, o nervosismo toma conta, pois o espetáculo é ao vivo. Então, tudo tem que sair perfeito”, comenta.

■ No caso do Circo Mundo Mágico, são 34 pessoas de famílias tradicionais circenses que integram a trupe, incluindo seis crianças

Talento de sobra, inclusive fora do picadeiro

Andreza faz parte da sexta geração do Circo Mundo Mágico. Nascida em meio a espetáculos, ela conta que já realizou todas as atividades no picadeiro. Foi trapezista, bailarina, mágica. Hoje está no setor burocrático, assumindo a função de seu pai que, idoso e com problema de visão, não conseguiu mais dar conta do trabalho. Ela garante não sentir falta de estar no picadeiro e diz que o trabalho de cada um é fundamental para o circo.

As crianças que, assim como Andreza, nasceram no circo e crescem nesse meio, participam quando querem. Aos poucos, vão aprendendo a postura no picadeiro, como se apresentar. Já os adultos, quase sempre compõem algum número, mas alguns jamais farão, por exemplo, atividades na altura. “É como na vida, temos que nos encaixar onde nos sentimos bem”, comenta.

A filha mais velha da circense tem 16 anos e não gosta do picadeiro. “Quando era menorzinha, tinha uma contorcionista chamada Soraya por quem ela era apaixonada. Começou a copiar e até achei que se tornaria uma contorcionista. Quando anunciavam a Soraya, ela saía correndo, de fralda, e ficava olhando na frente do palco”, lembra Andreza. “Quando ficou maiorzinha, ela dizia que queria ser contorcionista. Fizemos a banquinha e ela começou a se apresentar. Aos 10, 11 anos, começou a demonstrar que não era a praia dela. Por outro lado, ajuda na parte burocrática, almoxarifado, mas picadeiro não é com ela”.

“Enterra o morto”

A vida itinerante do circo exige que a lona seja montada e desmontada inúmeras vezes. Numa delas, aconteceu uma história engraçada com a equipe do Mundo Mágico. Alguns ferros de sustentação da lona são chamados de pau de roda, tem as estacas, retinida – uma espécie de corda – acessórios que só quem é de circo conhece. Entre eles, a parte que sustenta a lona principal é chamada de morto. Quando o terreno é mais mole, as estacas-pino não dão a sustentação adequada. Nesses casos, tem que ser feito um tipo de estaqueamento chamado morto. Certa vez, o grupo chegou a uma cidade entre 23h e meia-noite, e começou a descarregar o material e a montar a estrutura para o espetáculo. Eles comentavam que deveriam “enterrar o morto” para que, no dia seguinte, na hora de abrir a lona, o trabalho estivesse adiantado já que era um período chuvoso.

“E começaram a dizer: vamos enterrar o morto. Os vizinhos ouviram. Imagine. Chega um monte de gente falando para enterrar o morto. Pois, daqui a pouco, foram umas 10 viaturas de polícia chegando, cercando todo mundo, perguntando cadê o morto”, relatou Andreza.

Os policiais disseram ter recebido uma denúncia de que o pessoal do circo estava enterrando um morto. “Foi uma confusão. Em seguida, os ‘adultos’ explicaram o que era o morto e que estavam fazendo buracos para enterrar”, conta Andreza.

Morte dos avós

Otaviano, o Palhaço Cheiroso, e Mafalda, avós de Andreza Alvarado, morreram no circo, ambos no mês de julho, com a mesma idade, aos 84 anos, e na mesma cidade, Papagaio, em Minas Gerais. Apenas os dias foram diferentes. Primeiro, morreu o avô, dentro da carreta onde morava. Ele almoçou, sentou para ver TV, teve um infarto fulminante e morreu ali. Dois anos depois, a avó.

O lugar era uma cidade onde era muito boa para o circo, tinha um bom público. Porém, após a morte do marido, a avó Mafalda não queria ir para lá porque a cidade traria lembranças tristes. Um dia ficou acordado que iriam para uma cidade chamada Maravilhas, a 15 quilômetros de Papagaio. No entanto, como iria acontecer uma festa justamente no terreno onde seria montado o circo, só seria possível ir para lá em duas semanas.

Ao perceber que a equipe ficaria parada nesse período, a avó mudou de ideia e decidiu ir para Papagaio. O circo chegou numa terça-feira e estreou na sexta-feira. A avó fez a bilheteria, saudável, e foi embora para o ônibus onde morava.

Um familiar dormia com a idosa para que não ficasse sozinha. A prima que ficaria naquela noite avisou que iria lanchar e voltaria para dormir. Quando retornou, a idosa estava caída ao lado da cama, já morta. Ela foi enterrada na cidade, no mesmo túmulo que o marido. “São coisas que não têm explicação”, lamenta Andreza.



Fotos: Dirrúgção

Por trás dos espetáculos que envolvem contorcionistas, malabaristas e mágicos, entre outros artistas, os integrantes do circo vivem numa comunidade em que todos contribuem em prol do sucesso coletivo

ALTA ESTAÇÃO

A procura pelo corpo saudável

Estrutura física ideal é a que atende aos anseios da pessoa, sem a necessidade de se encaixar em estereótipos

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

O Verão já chegou. Sol, calor e praia representam a alta estação. Com isso, a saúde do corpo, neste período, se torna uma preocupação ainda maior. Porém, o que vem a ser um corpo realmente saudável? Será o corpo magro ou com músculos definidos que são divulgados nos comerciais de televisão? Para a nutricionista Dinara Xavier, existe uma distorção na sociedade no que diz respeito ao que é de fato um corpo com saúde.

Um corpo saudável é aquele que cumpre o papel de manter suas funções corporais dentro dos limites, fornecendo combustível para a manutenção das atividades, sem ocasionar carência de nutrientes ou

excesso deles, explicou a especialista. Assim, a saúde do corpo não está necessariamente relacionada à estética magra ou musculosa, não tem nada ver com os estereótipos criados pela grande mídia.

Xavier ressaltou que é importante entender que cada corpo tem uma estética diferente que deve ser respeitada. “Há pessoas que têm um biotipo voltado para uma silhueta mais magra, outras, voltadas para um padrão mais encorpado”. Entretanto, destacou ainda que não há possibilidade de haver um obeso saudável. “O excesso de gordura cria um quadro de inflamação corporal que leva ao surgimento de várias doenças em longo prazo”, alertou.

Sobre estar ou não aci-

ma do peso, a nutricionista afirmou que nem sempre as pessoas que estão com sobrepeso apresentam excesso de gordura corporal e, à vezes, não apresentam nenhum risco à saúde. Então, é algo muito relativo, apontou. Para saber, de fato, sobre a saúde do corpo, é importante consultar um especialista da área para que possa fazer uma avaliação corporal aprofundada, considerando a complexão do corpo, para daí realizar uma avaliação exata.

Para ter um corpo saudável no Verão, assim como em qualquer estação, é imprescindível praticar atividade física, ao menos uma caminhada que pode ser feita três vezes na semana; tomar pelo menos dois litros de água, o que deve ser feito com mais atenção nes-

sa estação do ano, já que é o período mais quente e ter uma alimentação rica em nutrientes, evitar frituras e industrializados, recomendou a nutricionista.

Com relação à procura pelos procedimentos estéticos, Dinara Xavier afirmou que é um caminho mais “fácil”. Entretanto, alertou que geralmente têm efeito de curto prazo. “Eles podem ser decepcionantes para aqueles que decidem utilizá-los para emagrecer, sendo, às vezes, um investimento que não tem o retorno esperado”. Para que isso não aconteça, sugere que os procedimentos devem estar aliados à alimentação saudável e à atividade física, o que vai potencializar o efeito, tornando-o duradouro e assegurando a saúde do paciente.

Foto: Divulgação



Há pessoas que têm um biotipo voltado para uma silhueta mais magra; outras, voltadas para um padrão mais encorpado

Dinara Xavier

Autocobrança e autoafirmação

Nessa época do ano quando em que o Verão dita moda, existe uma cobrança embutida, inconscientemente, nas pessoas em relação à estética do corpo. Isso é tão contudente que é comum ouvir os jargões de “projeto verão” ou projetos que estipulam dias para emagrecimento, por exemplo. A afirmação é da psicóloga, Danielle Azevedo.

A especialista alertou que manter a autoestima elevada é interessante e que isso pode ser feito com cuidados básicos. Porém, é importante ter cuidado em relação aos excessos de autocobrança com a aparência. Ela contou que esse comportamento pode se tornar um transtorno, provocando a deturpação de imagem. “É como se a pessoa não conseguisse mais enxergar a si mesmo como realmente é, o que termina sendo nocivo psicologicamente”, alertou.

Com isso, o indivíduo se torna propenso a desenvolver transtornos tais como a bulimia, anorexia e a vigorexia - o excesso de definição muscular -, todos relacionados à aparência. A psicóloga reforçou que cuidar-se é importante, mas a autoaceitação do corpo é uma forma de se respeitar, o que é imprescindível para uma vida psicologicamente saudável.

O cuidado com a imagem é um comportamento natural entre as pessoas e que ajuda inclusive na elevação da autoestima, o que faz muito bem para qualquer indivíduo. No Verão, época em que representa corpos mais expostos e festividades, as pessoas se preocupam ainda mais com a aparência, levando à realização de procedimentos estéticos, principalmente em relação às mulheres.

Para Danielle Azevedo, a busca pela aparência acaba sendo uma forma de validação e autoafirmação. “A partir do momento que o paciente se cuida, que faz atividade física, que dorme melhor e se sente mais seguro consigo mesmo, ele passa a externar isso, porque há uma cobrança do julgamento do outro, isso é feito com objetivo de ser visto, elogiado, apreciado, é como se fosse a confirmação daquilo que fez e que o favorece, trazendo a certeza de que está no caminho certo”, ressaltou.

Foto: Divulgação



É como se a pessoa não conseguisse mais enxergar a si mesmo como realmente é, o que é nocivo psicologicamente

Danielle Azevedo



Foto: Pixabay

Equilíbrio é a palavra de ordem, porque o corpo saudável requer também a mente sã; o excesso para se encaixar num padrão estético pode ser nocivo psicologicamente

Verão causa corrida aos procedimentos estéticos

A busca pela estética é tão grande, principalmente entre as mulheres, que muitas não resistem e cedem aos procedimentos estéticos, desde aos mais simples como aos de maior complexidade. A busca pelo corpo esteticamente “ideal” ainda é uma procura muito frequente nos consultórios de esté-

■ **A gordura localizada e a celulite são as campeãs de reclamações das mulheres**

tica e de cirurgias plásticas.

A esteticista Vânia Freire, que é responsável por uma clínica de estética em João Pessoa, contou que durante a alta estação a demanda sempre aumenta. Uma das maiores insatisfações das clientes é a gordura localizada e a celulite, sendo os campeões de queixas das mulheres. A es-

teticista informou que realiza em torno de 45 procedimentos estéticos por semana, sendo em média, de 100 a 150 por mês.

Com relação aos tratamentos mais procurados, destacou o detox corporal, que trata a gordura localizada com procedimentos modernos com intradermoterapia, tratando também a flacidez corporal. Já a gluteoplastia, é novidade no mercado, segundo ela, o procedimento é feito por meio de bioestimuladores e volumizador de bumbum, sendo o segundo mais procurado. Vânia Freire relatou que as mulheres chegam ao seu consultório com autoestima baixa e quando realizam o procedimento estético, modificando o que tanto as incomodavam, saem satisfeitas e felizes.

Já o cirurgião plástico Aracoeli Ramalho, que atua na área há 30 anos, membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), explicou que as cirurgias ambulatoriais são muito procuradas. Elas são assim chamadas porque podem ser realizadas em ambulatórios devido ao baixo nível de complexidade que

possuem, isto é, são procedimentos cirúrgicos de curto tempo, com duração entre 30 minutos a uma hora, além de recuperação muito mais rápida, em torno de 15 dias.

Aracoeli frisou que “a estética é a principal preocupação dessas pacientes, mas, acima de tudo, a busca pela autoestima, isso faz com que procurem a cirurgia de baixa complexidade. É uma necessidade de olhar para si e gostar do que vê”. Além disso, contou que existem pesquisas que apontam que as cirurgias mais procuradas no país são a lipoaspiração e a prótese de mama, conforme Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP).

O especialista citou alguns procedimentos cirúrgicos de baixa complexidade como a mini lipo, o *lifting* de coxa - remodela a região reduzindo o excesso de pele e gordura -, a aplicação de botox para realizar preenchimentos na face, a cirurgia dos castanhares - trata-se da suspensão das sobrancelhas. Ele mencionou também alguns procedimentos que podem ser realizados no nariz, como a redução da “asa”, quando é muito larga e o rejuvenescimento do lábio superior.



Foto: Pixabay

Durante o Verão, existe uma espécie de cobrança inconsciente pelo chamado “corpo perfeito”

NOVA PROFISSÃO

Cresce demanda por organizadores

Consultores de organização prometem mais praticidade no dia a dia e menos estresse para seus clientes

Alexsandra Tavares
 lekajp@hotmail.com

Um lar onde todos os objetos estão sempre em ordem nos armários da cozinha, na dispensa, guarda-roupa, closet, e em outros locais do domicílio certamente torna o dia a dia dos moradores mais agradável. No entanto, para se atingir e manter esse grau de funcionalidade muitas vezes é preciso pedir ajuda a um consultor de organização, ou “personal organizer”, como alguns preferem. Trata-se do profissional capacitado para organizar ambientes domiciliar e empresarial, fazendo com que os usuários do local não percam tempo quando tiverem de localizar um item de trabalho ou doméstico. Assim, podem conduzir a vida com menos estresse e mais praticidade. Desde a pandemia, a procura por esse serviço aumentou até 100% na Paraíba, segundo empreendedores do ramo.

“Desde a pandemia a procura cresceu muito, chegou a 100%. As pessoas ficaram em casa por mais tempo, conciliando a vida doméstica com o trabalho, com os filhos, e teve de se organizar”, afirmou a consultora Maria Hilda Lucena.

Pioneira na Paraíba nessa área, ela sempre se interessou por tudo no lugar certo dentro de casa. Quando criança, tinha de dividir o espaço para brincar e estudar com oito irmãos mais novos e para isso colocava as coisas em ordem. “Na casa da minha mãe, era eu quem organizava, porque eu precisava de espaço para mim”, destacou.

O tempo foi passando, ela se tornou professora, casou, morou por vários anos em Brasília, e quando o marido e ela estavam aposentados voltaram a morar na Paraíba. “Aposentada, longe dos conhecidos de Brasília, fiquei meio triste e sem saber com o que ocupar o tempo. Aí, uma sobrinha me falou que eu deveria investir nessa área de organização, já que minha casa não tinha nada fora do lugar. Ela disse: “Tia, a senhora é uma organizadora nata”, contou Hilda.

Há 12 anos, quando começou a investir na função consultora de organização, a atividade era tão incipiente no estado que era difícil conseguir até as caixas organizadoras, bastante usadas pelos profissionais. Então, Hilda Lucena não perdeu tempo, e abriu um empreendimento para produzir esses itens. “Hoje vendo para vários estados do país e até para o exterior, para lugares como Portugal, Estados Unidos e Noruega”, destacou.

Ao longo do tempo, ela também se capacitou e atualmente tem uma equipe que a ajuda na função. Segundo Hilda, a atividade é procurada por famílias de diferentes classes sociais, porque há orçamentos variados, que vão desde a organização de um guarda-roupa até projetos maiores, que incluem uma pós-mudança. O serviço é sempre personalizado, se adequando à rotina e espaço apresentado pelo cliente. “E a minha maior satisfação é ver os olhos da pessoa brilhando quando terminamos o serviço. Sabemos que depois daquela organização, a vida dela vai ser menos estressante, porque ela vai encontrar tudo com facilidade.



Foto: Arquivo pessoal

Danielle Frota disse que o isolamento na pandemia levou muitos a se organizarem melhor



Foto: Arquivo pessoal

Hilda Lucena, pioneira na Paraíba



Foto: Arquivo pessoal

Tudo no lugar e fácil de encontrar



Foto: Arquivo pessoal

Organizadoras ensinam técnicas para dobrar e guardar roupas de forma correta

de. A pessoa vai ter mais tempo de ficar com a família, de passear. Me sinto uma verdadeira fada”, contou Maria Hilda.

Outra *personal organizer* que atua na Paraíba é Danielle Frota. Ela também percebeu um aumento significativo da demanda durante a pandemia. No caso dela, a alta chegou a cerca de 90%. “Pelo fato de estarem em casa por mais tempo, as pessoas sentiram a necessidade de se organizar, de tornar o lugar mais aconchegante. Então, desde a pandemia as coisas mudaram, o aumento no meu caso chegou a 80%, 90% e continua crescendo”.

Para ela, um “personal organizer” é um profissional que ajuda a pessoa a otimizar o tempo, a ganhar espaço e encontrar soluções para que a rotina seja mais funcional. “É um profissional que facilita sua vida com a organização”, salientou. E quem pensa que vai ter de adquirir móveis novos para

que tudo fique no seu devido lugar, se engana. Com a própria mobília, se traz soluções de organização. Geralmente, o que se usa são os organizadores - colmeias, caixas, e outros itens, para transformar o ambiente.

Em uma casa, Danielle frisou que o local mais demandado é o closet ou guarda-roupa. “De longe, eles são os mais procurados. Depois vem a cozinha”, disse. E para deixar tudo do agrado do cliente, é preciso antes de tudo fazer um trabalho de análise do espaço, do volume de objetos, conhecer a rotina da pessoa que está contratando o serviço. Isso porque há várias formas de dispor os itens. Em um guarda-roupa, por exemplo, as vestimentas podem ser ordenadas por cores ou tipo de peças (de trabalho, social, esportivas), dispostas conforme técnicas para dobrá-las, conciliando o desejo do cliente com o que o projeto pede para cada espaço.

Harmonia no ambiente com soluções eficientes

Diferenças

Organizar e arrumar não são sinônimos. Arrumação é mais estética e organização é um sistema para o ambiente ser mais funcional

Além da praticidade que traz para o dia a dia, o *personal organizer* também deixa o ambiente esteticamente mais aconchegante, harmônico, porque ele analisa o espaço disponível, trazendo soluções eficientes, que deixam o espaço sem aquele aspecto abarrotado. Atuando nessa função há cinco anos, Danielle Frota contou que muitas vezes as pessoas têm itens que não usam há muito tempo. Então, é preciso descartá-los. Mas, nem sempre a prática do despejo é bem-vinda pelos clientes.

“A questão do despejo às vezes acaba sendo um problema para a gente. Mas no final, tentamos conciliar tudo da melhor forma e sempre dá certo”, declarou. Ela enfo-

cou que existe uma diferença entre “arrumar” e “organizar”, termos que para muita gente podem ser sinônimos. “Arrumar é algo mais estético. Você coloca um objeto em qualquer lugar, tira-o da sua frente e pronto, dá uma impressão de que está limpo, arrumado. Já na organização, você encontra um local certo para se guardar essa coisa, cria um sistema para esse objeto ser encontrado mais rapidamente. Depois do nosso serviço, que é personalizado, será muito difícil uma pessoa mudar os objetos do lugar para deixá-lo melhor”.

O preço pelo serviço de *personal organizer* varia conforme o espaço e quantidade de itens que serão organizados. Um guarda-roupa, por exemplo, pode ficar em ordem por cerca de R\$ 300, mas tudo vai depender desses dois requisitos: quantidade de material e tamanho do móvel. Já um projeto maior, como pós-mudança, pode ficar por R\$ 2 mil, mas esse orçamento é variável considerando também o número de objetos e área a ser organizada.

Pós-mudança facilitou a vida de uma designer

Em ordem

Érica usou o serviço de um organizador pela primeira vez e ficou maravilhada com o resultado. Até hoje ela obedece às regras que aprendeu

Há cerca de um ano, a designer de interiores Érica de Oliveira Carvalho buscou ajuda de um profissional quando teve de se mudar de São Paulo para João Pessoa. O apartamento alugado não continha móveis planejados para acomodar seus pertences. Preocupada com o volume de coisa que tinha de pôr em ordem, ela decidiu contratar um *personal organizer*. “O resultado foi mais do que esperava. Na ver-

dade, eu achava até que sabia organizar, mas quando vi o trabalho fiquei impressionada. Sabe aquela sensação de limpeza e alívio? Foi uma satisfação ter tudo no seu devido lugar após uma mudança que abrange toda uma logística de um estado para outro”, declarou.

Segundo Érica, o investimento pelo serviço chegou a, aproximadamente, R\$ 2 mil, incluindo os elementos organizadores. A forma como os itens foram dispostos nos móveis continua sendo obedecida dentro de casa até hoje. “Minha secretária, por exemplo, consegue manter no lugar as roupas de cama, roupas pessoais, porque tudo está devidamente organizado, com a casa sob controle. Por isso, diria que pra mim foi essencial este trabalho”.

Foto: Arquivo pessoal



Érica usou os serviços e ficou satisfeita. “Alívio”, disse

CASARÕES SENHORIAIS DA PB

Cuitegi é destaque no turismo rural

Entre as atrações da cidade, na Região Metropolitana de Guarabira, estão a barragem de Tauá e a Pedra de Mucunã

Mayra Santos
mayraalvessantos@hotmail.com

“

A expectativa é de um grande público [na Festa de Reis], porque são quatro noites de festa e acreditamos que as pessoas comparecerão para prestigiar essa celebração

Marlene Cardoso

Com quase sete mil habitantes, o município de Cuitegi, na Paraíba, localizado a 88 quilômetros da capital, é destaque pelo turismo rural que ganha visibilidade com a barragem do Tauá, a Pedra de Mucunã, além dos belos casarões senhoriais. Os cuitégienses são um povo de fé que, além de acolhedor e generoso, são devotos de Nossa Senhora do Rosário. O município já foi distrito de Guarabira, mas foi desmembrado em 1961, quando ocorreu sua emancipação política.

A economia local ganha notoriedade em Cuitegi pelo uso da argila na confecção de cerâmicas, sendo uma fonte geradora de emprego e renda. De acordo com o prefeito Geraldo Serafim, antes da fabricação de cerâmicas, o uso da argila era muito comum e, na época, era a principal fonte de renda das mulheres que sustentavam famílias comercializando utensílios nas feiras.

Com o tempo, a utilização da argila saiu de uma produção rústica e artesanal para uma produção mais industrial e de grande escala, gerando empregos diretos e in-

diretos através da produção de tijolos, lajotas, telhas, entre outros, contou Serafim. Isso se deve às inúmeras jazidas de argila que fazem do município um importante polo de confecção de louça. Além disso, o investimento na fruticultura, plantação de mandioca e criação de gado também faz parte da economia local.

A cidade que faz parte da Região Metropolitana de



Fotos: Alexandre Henriques

O povo cuitégiense é de forte religiosidade e tem ainda uma devoção maior a Nossa Senhora do Rosário, padroeira do lugar

Guarabira tem como municípios limítrofes Alagoinha, ao sul e Pilõesinhos, ao norte. Recentemente, Cuitegi completou 61 anos, em 26 de dezembro. A data foi comemorada com uma grande festa contando com participação da população em geral. Entre as atividades culturais, as festividades mais celebradas pela população são o dia de Santos Reis, São João, Dia de

Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, que acontece no dia 7 de outubro e o dia de emancipação política de Cuitegi, em 26 de dezembro.

Já nesta semana começa a tradicional Festa de Reis que acontece durante quatro dias, de 4 a 7 de janeiro. A festa reúne não só a população cuitégiense como também a população das cidades circunvizinhas. Este ano, a cele-

bração acontece pela primeira vez na praça de eventos Antonio Cunha Dantas. Além disso, o evento conta com um palco do brega, que é mais uma tradição da cidade para todos que pretendem se divertir.

Festas

De acordo com a secretária de Cultura, Marlene Cardoso, trata-se de um data festiva muito importante,

porque sempre foi comemorada pelos antepassados, e os filhos de Cuitegi reconhecem a relevância desta data. “A expectativa é de um grande público, porque são quatro noites de festa e acreditamos que as pessoas comparecerão para prestigiar essa linda celebração que engrandece e fortalece a identidade cultural dos cuitégienses”, ressaltou a secretária.

Água límpida e pura: uma das características da região

A barragem de Tauá é uma reserva hídrica considerada uma das mais limpas e puras de todo estado, por isso é tida como um dos maiores patrimônios da cidade. Isso se deve ao fato de o curso das águas dos rios não passar pela zona urbana de nenhuma cidade, desse modo, impede a contaminação com esgoto, o que torna limpa e pura, abastecendo a barragem. Além disso, a barragem se destaca pela beleza exuberante.

A pedra de Mucunã é outro ponto que encanta os adeptos do ecoturismo e esportes radicais, visto que favorece a prática de trilhas e de

rapel. Da pedra de Mucunã é possível ter uma visão privilegiada da barragem de Tauá, o que atrai ainda mais a visita de turistas para o local. Além disso, existem as pedras do Espinho, é uma pequena igreja construída sobre a rocha, atraindo o turismo religioso também.

Casarões senhoriais

Com arquitetura colonial, os casarões senhoriais de Cuitegi remetem a um passado não muito distante, em que a monocultura da cana-de-açúcar e a escravidão faziam parte da realidade da época. No trajeto para os casarões, há pequenos restaurantes insta-

lados nas trilhas, sendo uma forma de fomentar a gastronomia regional com as tradições da culinária dos engenhos.

Esporte

A prática de esporte também é um dos pontos fortes do município, principalmente, em relação ao futebol que vem sendo incentivado com a promoção de campeonatos que mobilizam o jogadores de Cuitegi. O judô é outra modalidade que vem sendo estimulada no município. Além disso, Cuitegi tem recebido incentivos para prática de esportes com a construção do campo de futebol de Várzea. A obra foi construída

pelo Governo do Estado, em 2020, com um investimento de mais de R\$ 700 mil.

Religiosidade

Devotos de Nossa Senhora do Rosário, os cuitégienses são conhecidos pela capacidade de acolhimento e pela mansidão. O povo vive a fé com devoção ao sagrado coração de Jesus. Na data em alusão a Nossa Senhora do Rosário, que acontece no dia sete de outubro, o povo percorre às ruas acompanhando a procissão com a imagem da santa, esculpida em madeira. A igreja matriz da cidade foi tombada como patrimônio nacional.

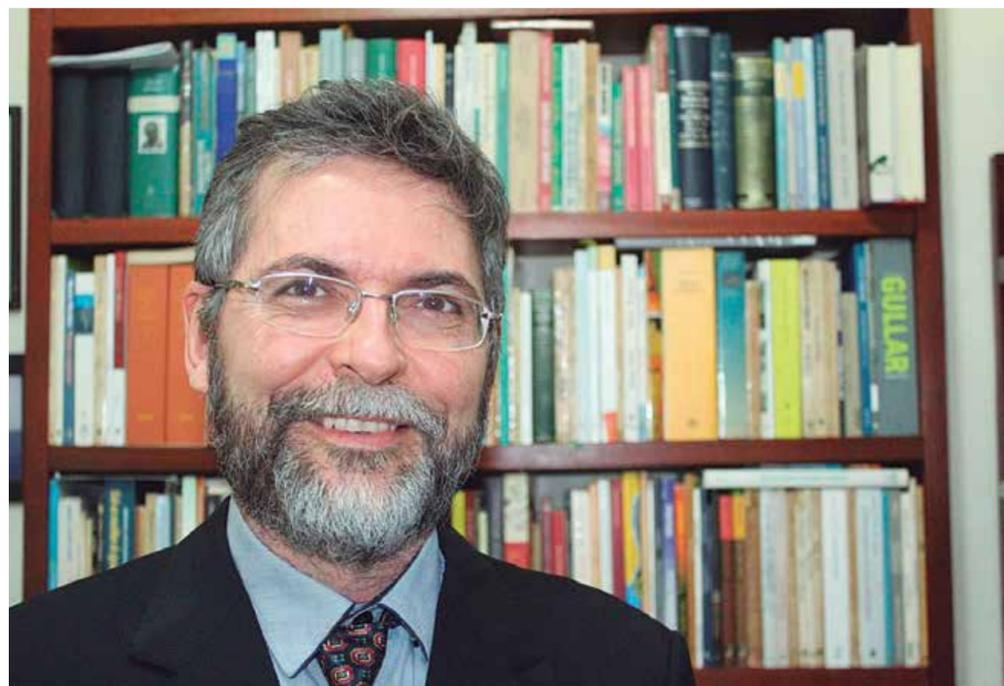


Vista da Pedra de Mucunã para a barragem do Tauá, um dos maiores patrimônios da cidade: área favorece a prática de trilhas e de rapel e encanta os adeptos do ecoturismo e dos esportes radicais

O impulso materializado em arte

Carlos Newton Júnior lança a sua décima antologia de poesia, 'Vontade de Beleza', que trata de temas caros ao autor, do ponto de vista poético

Foto: Divulgação



Poeta, ficcionista, ensaísta e professor pernambucano, Newton Jr. reúne em seu novo trabalho cerca de 115 poemas inéditos, todos escritos ao longo do ano passado

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Batizando vários poemas dentro da obra, *Vontade de Beleza* é o título do novo livro publicado pelo poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário pernambucano Carlos Newton Júnior. A obra saiu pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, tem 152 páginas, com cerca de 115 poesias inéditas, ao preço de R\$ 49,90.

Décima coletânea de poesias do autor, a obra reúne versos escritos ao longo do ano passado. “A temática é variada e inclui, por exemplos, a questão da memória, o tempo, a morte, o amor, o protesto e a crítica social. Esse novo livro, que é o quarto que lançou pela Editora Nova Fronteira nesse gênero literário, é quase uma continuação do meu livro anterior, *Coração na Balança*, lançado em 2021, porque *Vontade de Beleza* é dividido em tópicos, em assuntos. *Vontade de Beleza* é o título de vários poemas dentro do livro, que é dividido em séries temáticas. No livro *Coração na Balança* tem, por exemplo, a série *Otimismo primeiro, segundo e terceiro*”, explicou Newton Júnior.

O título de uma das séries do livro foi escolhido para dar nome ao mesmo porque – nas palavras do poeta – representa o impulso que leva o artista a materializar a beleza em uma obra de arte. “O escritor usa as palavras para conseguir isso e o pintor utiliza as cores, por exemplo. A intuição poética, de uma forma geral, nada mais é do que o impulso, a intenção para realizar uma obra de arte. Nesse novo livro há uma série de amor chamada *Arte Amatória*, que é a arte de amar e que mostra o poder do amor”, justificou Carlos Newton Júnior, que é natural da cidade de Recife e

é considerado pela crítica como um dos maiores poetas brasileiros da atualidade.

Aldeia global

Quem assina o posfácio da antologia poética é o crítico paraense Wagner Schadeck. “Carlos atinge o universal a partir do local, tratando dos temas universais a partir da sua aldeia. Advém daí, certamente, o seu apego tanto a formas poéticas tradicionalmente ligadas

“

É uma pretensão de todo autor escrever sobre temas universais, a partir da sua realidade. É como Ariano Suassuna fez, por exemplo, em 'Auto da Compadecida'

Carlos Newton Júnior

das à literatura erudita, como o soneto, quanto a outras de viés mais popular, a exemplo da quadra com versos de sete sílabas”, registra Schadeck em seu texto para a obra, em que o escritor pernambucano trata de temas que lhe são caros, do ponto de vista poético, e dialoga com grandes autores da literatura universal.

“É um posfácio bastante erudito. Ficou muito bonito o texto. É uma pretensão de todo autor

escrever sobre temas universais, a partir da sua realidade. É como Ariano Suassuna fez, por exemplo, em *Auto da Compadecida*, inspirada e ambientada numa cidade nordestina, Tapeiroá, localizada na região Cariri da Paraíba, mas que fala de temas universais. É quando os autores procuram respostas para três perguntas, ou seja: Quem somos? De onde viemos? E para onde vamos?”, indagou o autor pernambucano.

Referindo-se, ainda, à obra *Auto da Compadecida*, Carlos Newton Júnior observou que “Ariano fala sobre temas como a morte, a necessidade de sobrevivência e a exploração do homem pelo homem. O padeiro e sua mulher representam a burguesia, enquanto João Grilo e seu melhor amigo, Chicó, são funcionários do padeiro e representam a exploração do homem pelo homem. O escritor russo Tolstói chegou a dizer que pinte bem a sua aldeia e você será universal”, comentou o poeta e pesquisador da obra de Ariano, que tem projetos para escrever outros livros, mas não revelou detalhes, ao menos por enquanto, pois ainda está se dedicando à tarefa de divulgar sua obra literária mais recente.

Newton Júnior confessou que gostaria de também realizar o lançamento de *Vontade de Beleza* na Paraíba. “Vontade eu tenho, pois minha família paterna é da Paraíba. O problema é a logística, porque as livrarias fixas estão, cada vez mais, desaparecendo. A internet é uma moeda de duas faces: o lado bom é o de adquirir exatamente aquilo que se quer e o outro lado é o de não ter o convívio, na livraria física, para garimpar e até encontrar um livro, uma novidade que não esperava. Mas o lançaria, se recebesse algum convite”, justificou ele.

CONFIRA DOIS POEMAS PRESENTES NA COLETÂNEA:

Filhos

Nos filhos, nós renascemos: num jeito de olhar, num gesto, num sorriso, como um resto de vida que viveremos.

Nos filhos, ressuscitamos para a luta que perdemos. De novo, agora, queremos o mundo com que sonhamos.

Nos filhos, reencarnamos: fundimos o nosso sangue, nossos rios, nosso mangue, na carne que tanto amamos.

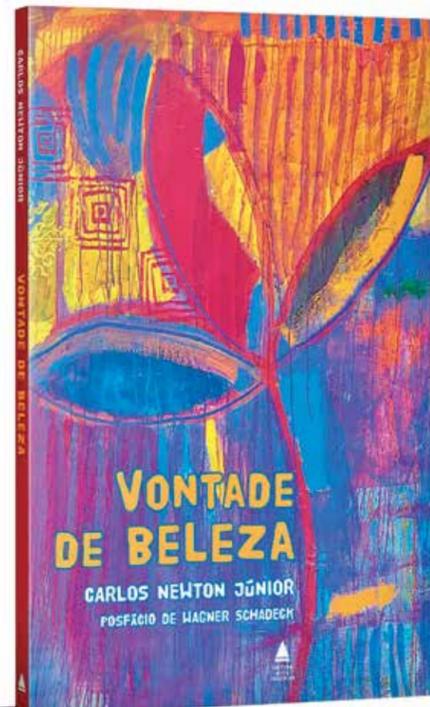
■■■■■

Didática magna

Não há saber sem sabor, sem alegria fremente. Só se sabe o que se sente e se conquista no amor.

Ir além da superfície, rompendo as crostas do ser; fazê-lo só por prazer de caminhar na planície.

Todas as coisas que eu sei (podem ser poucas, decerto) eu as conheci de perto — só as sei porque as amei.



Com uma temática bastante variada, o livro aborda assuntos como a questão da memória, o tempo, a morte, o amor, o protesto e a crítica social

Imagem: Nova Fronteira/Divulgação

CINEMA

Mostra Ecofalante abre inscrições para 12ª edição

Festival recebe filmes para programação competitiva até o próximo dia 15

A Mostra Ecofalante de Cinema abre as inscrições para seus dois programas competitivos: a Competição Latino-Americana e o Concurso Curta Ecofalante. Interessados podem inscrever seus filmes através do site do festival até o dia 15 deste mês. A 12ª edição acontecerá na cidade de São Paulo (SP), em junho, com toda a programação gratuita.

Presente na Mostra desde 2014, a Competição Latino-Americana premia os melhores filmes latino-americanos de temática socioambiental, contemplando longas e curtas-metragens. Nesta edição, serão aceitas obras latino-americanas finalizadas a partir de 2021, sem restrições quanto a gênero ou duração. Os filmes devem abordar temas relacionados a questões socioambientais, tais como: energia, água, emergência climática, consumo, trabalho, povos tradicionais, questão racial, ativismo socioambiental, resíduos sólidos, contaminação, poluição, políticas públicas, cidade, mobilidade, habitação, alimentação, economia, globalização, vida selvagem, sustentabilidade, entre outras.

Os selecionados concorrem nas categorias Melhor Longa-Metragem pelo Júri (a partir de 60 minutos), com prêmio de

R\$ 15 mil; Melhor Curta-Metragem pelo Júri (até 59 minutos), com prêmio de R\$ 5 mil; e Melhor Filme pelo público.

Já o Concurso Curta Ecofalante foi criado em 2015 com o objetivo de estimular a produção audiovisual brasileira, premiando curtas-metragens de estudantes para incentivá-los no início de suas carreiras.

Os regulamentos, formulários de inscrição e outras informações estão disponíveis no site oficial do evento (ecofalante.org.br).



Longa 'Escrevendo com Fogo', que estava na programação do ano passado



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Mostra Ecofalante

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Desigualdades e ódio

"[...]o ódio está lá, em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, claro, mas também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, na forma como às vezes olhamos, no tom de nossa voz, em nosso desejo de dominar, em nossa voracidade, na maneira pela qual evitamos responder-lhe, no como se não o tivéssemos visto, no suspense em que mantemos ou na resposta imediata, no ridículo para onde o jogamos, na lama em que chegamos a arrastá-lo, em nossas pretensas gentilezas ou em nossas falsas amabilidades... ou, mesmo, em nossos silêncios; enfim, examinando-o um pouco mais de perto, é preciso aceitar uma constatação: o ódio me habita, está na minha vida, desde o início, sem dúvida, e antes mesmo do que eu possa lembrar. Então, pergunta-se: quem é ele ou, ainda, de onde ele vem?" Essa citação está na página 13 do livro *O futuro do ódio*, escrito pelo médico e psicanalista belga Jean-Pierre Lebrun (1945).

Nos dias atuais, os estudos que tratam da saúde mental estão diante do desafio de apresentarem quais são as condições de possibilidade que permitam pensar a alteridade como princípio de dignidade e contraste das diferenças afirmando o indivíduo como sujeito constituído de direitos sobre o próprio desejo. Um dos temas – dessas pesquisas – é analisar a atuação das identidades coletivas como resposta ao desamparo, e a instituição do outro como segregado e os "encaminhamentos propulsionados" que são direcionados à diferença de acordo com os atos e os discursos de ódio. Também, como as saídas "pulsionais" que são mobilizadas no interior da coletividade e canalizadas ao outro como segregado, isto é, excluído. Diante desse mecanismo psíquico e/ou de falhas estruturais da mente, observa-se que esses temas relacionados às diferenças geralmente gravitam em torno do desejo do outro desde a infância, bem como as relações de amor/ódio e de rejeição.

O ódio também surge como resposta ao desamparo, caracteriza-



Psicanalista belga Jean-Pierre Lebrun

se por ser áreação de intolerância contra o outro a partir de um lugar de exclusão, que gera um traumatismo na própria existência. Isso foi apresentado pelo psiquiatra, neurologista e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) em seu texto *Pulsão e seus destinos* (1915). Nesse artigo, um dos seus argumentos afirma que "pensar o ódio, enquanto inserido em relações objetivas, seria mais antigo que o amor e que no embrião de sua origem ele tem sua fonte na recusa do mundo exterior, que emite estímulos, isto é, recusa que emana do eu narcísico". Por exemplo, os "discursos de ódio", que estão na tensão política e nas relações sociais destrutivas, possibilitam a fantasia do acesso ao tipo de "prazer irrestrito" e "livre de qualquer interdição". Essa aproximação ao "gozo/prazer", perdido ou proibido no "complexo de castração" (que é a experiência inconsciente na qual a criança rompe a ideia de onipotência) encontra um bloqueio na cultura, que é representado no outro. Isso gera a limítrofe do próprio eu, que é construído a partir de uma relação de "exterioridade" e de "exclusão", a fim de realizar o "prazer incompleto" que

seja possível de ser realizado. Por consequência, cria-se a separação ou eliminação desse outro.

No texto *Totem e Tabu* (1913), Freud fundamenta que a constituição e o início da sociedade repousam na sua manutenção a partir das próprias "renúncias pulsionais", e de "eliminação do pai do corpo social". Esse trabalho é a história de um mito criado por Freud com fundamentos antropológicos, sociológicos e psicológicos para a formação de um modelo especulativo de comunidade/povo, que seja capaz de explicar a origem da civilização e o trajeto de sua passagem para a cultura. Nessa transição se observa o surgimento e o desenvolvimento do neurótico. E o lugar do "pai" estaria – desde a comunidade primária – na base das "estruturas coletivas", também das "sociedades ocidentais", e o desejo narcísico e compulsivo de destruir esse "pai". Por causa disso, a civilização e o seu planejamento são constituídos por mal-estar que buscam – como defesa – a uniformização de vínculos de amor e de ódio. Diante disso, segundo Freud, o "conflito civilizatório descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem estes dois aspectos: proteger os homens contra a natureza; ajustar os seus relacionamentos mútuos". Isso está no livro citado acima (Freud, 2006, p. 96).

O discurso de ódio é uma cultura perversa, manifesta-se como sintoma dos desafetos, que surgem – geralmente – no desamparo através das falhas psíquicas e/ou de sexualidade, desde a infância. Manifesta-se em "identidades coletivas" de forma repressiva e com a finalidade de destruir o outro e/ou de impor a desigualdade.

Sinta-se convidado à audição do 402º Domingo Sinfônico, deste dia 8, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintonize FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Apresentarei as peças de tango do Astor Pantaleón Piazzolla (1921-1992) e a sua contribuição na unificação do seu país, também na construção da sua arte na identidade cultural como patrimônio mundial.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Thomas lá, dá "K"

Em nenhum momento nos quase 60 minutos da conversa que tive com o dramaturgo e diretor teatral Gerald Thomas, ouvi ele dizer "etc".

Jamais "sextô", como dizem aqui no Brasil. Thomas sabe que não existe essa palavra no idioma.

Já "etc." é a abreviatura da expressão latina "et cetera", que significa "outras coisas mais", e assim por diante. Diante de Gerald Thomas não existe essa descontinuidade do diálogo, esse tal de etc.

No ensino secundário alguns professores nos avisaram para evitarmos a expressão, sobretudo se quiséssemos exprimir-nos com clareza e de forma completa. Então, etc nunca serviu para nada, porque nada é nada.

Thomas está em Nova Iorque (EUA), onde mora com sua mulher Adriane – bonita, brasileira, que apareceu nas imagens da nossa conversa no vídeo.

Conversamos sobre muitas coisas, até sobre os paulistas sulistas idiotas que tiram onda do sotaque nordestino e Thomas é feroz, saiu em defesa contra esses papos caretas. Ele é politicamente incorreto. Eu também *soul*. Adora música.

Como jornalista, usei quase nada como abreviatura nos meus textos, até porque escrevo numa rapidez tamanha, que só vejo a presença da essência do texto no que há de melhor para se comunicar, embora ainda hoje escuto pessoas dizendo que não entendem nada do que eu escrevo. Nem seu.

Eu venho de longe, sabe Thomas, venho do Sertão de mim, como quem sai do chão batido para o mundo. O que me fez ter ficado em João Pessoa foi o mar, a única referência que temos do bucolismo cosmopolita.

Mas eu quero pensar como Gerald Thomas. Que homem incrível, inteligente, sem nenhum facilitismo, sem papas na língua, que venha atender e apagar a mesmice Brasil, ao afirmar tantas ideias do existir na diversidade das coisas, nunca a mesma coisa. Jamais. Thomas não é um cartum.

Não preciso citar os livros que Gerald Thomas escreveu, as peças de teatro, as performances, sequer o dia em que Gal canta o Brasil de Cazuya, com os peitos de fora. Tudo Thomas. Clap, Clap!

Ele tem em alta a figura de Gal, ligada no seu trabalho longe da miserável muleta daqueles que não sabem o que é bom. Ele tem uma comunicação e uma clareza dolorosa do que estamos passando. Sua voz é pública que o torna mais público ainda, que pode passar pela náusea e o arrepio. Thomas é foda.

Quem melhor ou talvez não definiu a coisa do alimento da linguagem tenha sido La Rochefoucauld (1613-1680), ao afirmar que a verdadeira eloquência consiste em dizer tudo aquilo que é preciso, e não em dizer seja lá o que for.

E não estamos nem falando na arte de aforismos, os essenciais, Hipócrates, 400 anos antes de Cristo, que usou essa palavra que herdamos do grego e significava "definição" e depois caiu na graça de Erasmo de Roterdã, Rabelais, La Rochefoucauld, Voltaire, Benjamin Franklin, Flaubert, Nietzsche, Kafka, Karl Kraus, Sartre ou Adorno, mas os favoritos dos meus ouvidos são Montaigne, Emil Cioran e é claro, Camus e Thomas.

Valeu nossa conversa Gerald Thomas, pela sensibilidade e construção que nos aproximou, certamente para algo desencontrado do que mais essencial pude aprender, um com outro, mas preciso aprender mais. Muito mais.

Thomas lá, dá "ká".

Kapetadas

1 - Para começar bem o dia, basta estar vivo. Ou não;

2 - Todo ano que chega é sempre novo. Só os usuários não mudam;

3 - Um filme de terror chamado "Chegou a sua fatura do cartão de crédito";

4 - Pois é, felizes são os sonâmbulos, que têm insônia nos pés.

Foto: Wilton Junior/Estadão Conteúdo



Dramaturgo, diretor e politicamente incorreto Gerald Thomas

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema que sempre nos deu boas referências

A cada início de ano que chega, dentre as muitas avaliações pessoais que faço, em sendo jornalista com foco na cultura cinematográfica, sempre busco nas minhas referências aquele algo de comparativo ao *status quo* atual das coisas; não menos, de um cinema que sempre vivi. E aqui, não me situaria como meramente saudosista, ou coisa parecida, mas ter como boas alusões aquilo que deu certo e que, hoje, deve nos servir de balizamento às nossas próximas realizações.

Como “proeza” local, e não só essas, citaria alguns filmes baseados em textos literários importantes, como *Menino de Engenho* e *Fogo Morto*, ambos de José Lins do Rego, dirigidos, respectivamente, por Walter Lima Júnior e Marcos Farias; *Fogo – O Salário da Morte*, com direção de Linduarte Noronha, visto como um dos últimos filmes realizados em preto e branco, no país; do faustoso romance *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, travestido no cinema para *Solitude*, com direção de Paulo Thiago; *Parahyba Mulher Macho*, de Tizuka Yamazaki, a partir de texto do paraibano José Joffily sobre Anayde Beiriz, durante os conturbados anos 1930. Além de muitas outras produções sobre conteúdos literários genuinamente paraibanos.

Hoje, não sem razão, vejo a nossa Academia Paraibana de Cinema (APC) como uma verdadeira guardiã dessas referências; quer se queira ou não. E vivendo esse novo momento inusitado do cinema paraibano, sob as distintas inovações/influências, sobretudo tecnológicas, desejo que sua gestão atual tenha o compromisso ainda maior, em resga-



Escritor José Américo de Almeida, uma valorosa contribuição ao cinema paraibano

tar eventos que deram origem à sua real criação. Como é caso do Serviço de Cinema Educativo da Paraíba, do saudoso João Córdula, e Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba. Notando ainda, no plano realizador, o simbólico documentário *Aruanda*, de 1960, do sempre lembrado Linduarte Noronha, também patrono da APC.

Todos esses feitos, de mais de meio século, devem ser razões plausíveis a nortear as ações da APC; e não apenas em cinema, mas por sua literatura. Motivações que se forjaram em estudos doutrinados e implementados pelo cineclubismo de havia anos, pelas verdadeiras sessões de cinema de arte, em algumas salas da nossa capital. E as motivações e influências seriam muitas, e sempre foram marcantes e notórias, quando foram a *História do Cinema (da/na) Paraíba*, como bem rotulou Wills Leal. Quer seja pela literatura de nos-

sos versados “escritores de província”, quer seja pelas publicações diárias nos jornais, órgãos que sempre abriram espaços às nossas elucubrações de verdadeiros “cinemistas” e guardiões da saga incansável em nosso cinema.

Lembremos que, sem dúvida, nossa “fonte” terá sido as muitas leituras de *“Cahiers du Cinéma*, numa espécie de “escola europeia de cinema” por nós assumida, e sempre nos abrindo espaços a Aliança Francesa, de Ramondot, no Parque Solon de Lucena (Lagoa). Isso, durante a efervescência dos anos 1950/60, através de suas publicações vindas de Paris. Espécie de bíblia que nos motivou a fazer cinema na Paraíba. Poucos da minha geração buscaram eximir-se do privilégio de aprender o francês, criando-se, então, uma espécie de clube “les amis des Cahiers du Cinéma”. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexasantos.com.br.



APC se solidariza com a FCJA

A Academia Paraibana de Cinema se solidariza à decisão da atual gestão da Fundação Casa de José Américo, em estender as suas atividades à cidade de Areia, no Brejo da Paraíba, terra do escritor e homem público José Américo de Almeida. O novo núcleo da FCJA será instalado, conforme está sendo anunciado, no histórico Casarão José Rufino, centro da cidade, onde será instalada uma biblioteca, também acontecerão atividades artísticas como palestras e exposições de artes.

O escritor José Américo de Almeida é um dos membros da APC, com a titulação de sócio benemérito, desde que a Academia Paraibana de Cinema foi criada, em 2008.

EM cartaz

ESTREIA

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas descobre que sua paixão pela aventura cobrou seu preço: por conta de seu gosto pelo perigo e pelo desrespeito à segurança pessoal, ele queimou oito de suas nove vidas. Com apenas uma vida restante, o Gato precisa pedir ajuda para uma antiga parceira – que atualmente é sua rival e inimiga mortal, Kitty Pata Mansa – para continuar vivo. Então, o destemido bichano parte em uma jornada épica pela Floresta Negra para encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de proporcionar o legendário Último Desejo e restaurar suas nove vidas. CINEPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h15; CINEPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 - 17h15 - 19h45; CINEPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 15h15 - 17h45 - 20h15; CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h15 (3D) - 15h45 (3D) - 18h15 - 20h45; CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45 - 16h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h - 19h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 13h30 - 16h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 - 16h30 - 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., 3D): 14h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub., 3D): 14h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h30 - 16h30 - 18h30.

CONTINUAÇÃO

AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA (Avatar: The Way of Water. EUA. Dir: James Cameron. Ficção Científica. 12 anos). Após 10 anos da primeira batalha de Pandora entre os Na'vi e os humanos, Jake Sully (Sam Worthington) vive pacificamente com sua família e sua tribo. Ele e Ney'tiri formaram uma família e estão com problemas conjugais. No entanto, eles devem explorar as regiões de Pandora, indo para o mar e fazendo pactos com outros Na'vi da região, quando uma antiga ameaça ressurgir. CINEPOLIS MANAÍRA 4: 13h (dub.) - 17h (dub.) - 21h (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 15h - 19h; CINEPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 14h (dub.) - 18h (leg.) - 22h (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 13h30 - 17h30 - 21h30; CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h30 - 18h30 - 22h20; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 17h45 - 21h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h30 - 22h; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub., 3D): 18h20 - 22h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D):

16h45 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h30 - 18h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub., 3D): 15h30 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub., 3D): 16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub., 3D): 15h30 - 19h; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub., 3D): 16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3: 14h30 - 18h.

PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE (Black Panther: Wakanda Forever. EUA. Dir: Ryan Coogler. Aventura. 14 anos). Em Wakanda, a Rainha Ramonda, Shuri, M'Baku, Okoye e as Dora Milaje lutam para proteger a sua nação de potências mundiais, na sequência da morte do rei T'Challa. Enquanto eles se esforçam para abraçar o próximo capítulo, os heróis unem-se para descobrirem um novo caminho para o reino. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h15.

TERRIFIER 2 (EUA. Dir: Damien Leone. Terror. 18 anos). Acordando no necrotério após seu massacre na noite de Halloween do ano passado, Art the Clown (David Howard Thornton) está de volta no tempo para o Dia da Reforma. Desta vez, ele está de olho na jovem Sienna (Lauren LaVera) e seu irmão mais novo, Jonathan (Elliott Fullam). Porque é Halloween mais uma vez e a sede de assassinato do sinistro malabarista deve ser satisfeita. A fantasia caseira de Halloween de Sienna e sua trágica história familiar têm uma conexão misteriosa com os assassinatos que o homem de pesadelo com a fantasia de palhaço cometerá novamente naquela noite. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 18h45 - 21h45; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 19h - 21h50; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h30.

CINE BANGUÊ (JP) - JANEIRO

A BARQUEIRA (Argentina e Brasil. Dir: Sabrina Blanco. Drama. 12 anos). Uma adolescente temperamental sonha em se tornar uma barqueira, trabalho quase extinto realizado por homens. CINE BANGUÊ: 9/1 - 18h30; 19/1 - 20h30; 24/1 - 18h30.

BREVE HISTÓRIA DO PLANETA VERDE (Brasil e Argentina. Dir: Santiago Loza. Drama. 12 anos). Mulher trans descobre que a sua recém-falecida avó passou os últimos anos na companhia de um pequeno alienígena roxo. CINE BANGUÊ: 10/1 - 18h30; 16/1 - 20h30; 21/1 - 18h; 30/1 - 20h30.

CLARICE LISPECTOR - A DESCOBERTA DO MUNDO (Brasil. Dir: Taciana Oliveira. Documentário. 10 anos). Ensaio documental criado a partir de depoimentos de amigos e familiares da escritora. CINE BANGUÊ: 8/1 - 18h; 11/1 - 18h30; 14/1 - 18h; 22/1 - 18h; 28/1 - 18h.

ENCONTROS (Inteuredeoksyeon. Coreia do Sul. Dir: Hong Sang-soo. Drama. 14 anos). Os encontros, desencontros e percalços sentimentais de um jovem que vai da Coreia do Sul a Berlim para visitar o pai, a mãe e a namorada. CINE BANGUÊ: 11/1 - 20h30; 19/1 - 18h30; 25/1 - 18h30; 29/1 - 18h; 31/1 - 20h30.

KEVIN (Brasil e Uganda. Dir: Jana Oliveira. Drama. 10 anos). Joana é uma cineasta brasileira e, pela primeira vez vai visitar sua amiga Kevin, em Uganda. Chegando lá, ela começa a gravar as conversas íntimas e peculiares das duas. CINE BANGUÊ: 12/1 - 18h30; 17/1 - 20h30; 23/1 - 18h30.

A MÃE (Brasil. Dir: Cristiano Burlan. Drama. 14 anos). Busca de uma migrante nordestina (Marcélia Cartaxo) pelo filho, supostamente assassinado por policiais militares durante uma ação na vila onde mora. CINE BANGUÊ: 17/1 - 18h30; 23/1 - 20h30; 26/1 - 19h; 30/1 - 18h30.

PALOMA (Brasil. Dir: Marcelo Gomes. Drama. 16 anos). Mulher trans que está decidida a realizar seu maior sonho: um casamento tradicional, na igreja. CINE BANGUÊ: 10/1 - 20h30; 15/1 - 18h; 18/1 - 18h30; 25/1 - 20h30; 31/1 - 18h30.

PARADISE (Itália e Eslovênia. Dir: Davide Del Degan. Drama e Comédia. 14 anos). Depois de testemunhar um assassinato cometido pelo máfia na Itália, jovem (Vincenzo Nemolato) entra para o programa de proteção a testemunhas. CINE BANGUÊ: 9/1 - 20h30; 12/1 - 20h30; 16/1 - 18h30; 24/1 - 20h30.

PEQUENOS GUERREIROS (Brasil. Dir: Bárbara Cariry. Infantil. Livre). Três crianças fazem uma viagem do litoral até a cidade de Barbalha (CE), no Sertão brasileiro, onde vão pagar uma promessa na Festa do Pau da Bandeira. CINE BANGUÊ: 8/1 - 16h; 14/1 - 16h; 15/1 - 16h; 21/1 - 16h; 22/1 - 16h; 28/1 - 16h; 29/1 - 16h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Sobre o diário

No meu programa cotidiano de leitura, não consigo passar sem um diário. Quer de autor brasileiro, quer de autor de literaturas estrangeiras, sempre estou rastreado, no compasso intermitente das horas, as páginas desse gênero íntimo e heterodoxo.

Nele, autor e narrador como que se confundem na tentativa, imagino que inútil, de superar as tensões e os mlogros no jogo das máscaras. Sou dos que acreditam, como sugere o grande poeta de minha geração, José Antonio Assunção, que toda palavra trai. Toda linguagem é trapaça.

Este hábito de ler diários já vem de longe, e, no seu cultivo permanente, me fez ler e acumular razoável quantidade dessas obras singulares. Contemplo a estante em que os arrumei e namoro alguns nomes que me são caros nesse tópico especial e amado de minhas leituras.

Dos de fora, destaco a presença forte dos diários de algumas escritoras e poetas, a exemplo de Virgínia Woolf, Katherine Mansfield, Raissa Maritain, Anaïs Nin, Susan Sontag e Silvia Plath. A esses junto os de Miguel Torga, Franz Kafka, Ricardo Piglia, Virgílio Ferreira, Albert Camus, Bernardo Soares, Charles Baudelaire, Giovanni Papini, Amiel e os irmãos Goncourt. Dos de casa, a lista é bem maior, porém, chamo a atenção para os diários de Humberto de Campos, Josué Montello, Lúcio Cardoso, Maura Lopes Cansado, Waldir Ayala, Herberto Sales, Roberto Alvim Corrêa, Eduardo Frieiro, Gilberto Freyre, Antonio Carlos Villaça e Ascendino Leite.

Com essas páginas alinhavadas sob a lógica severa do tempo (anos, meses, dias, horas) tenho convivido naquele típico exercício circular de leitura que não tem fim. Uma anotação aqui, um comentário ali, uma confissão acolá, e mais e mais observações, críticas, digressões, farpas, ironias, deboche, acusações, injúrias, fraquezas, vícios, virtudes, verdades e mentiras, factualidade e fantasia, tudo se mistura na construção do olhar do diarista. O diarista que, olhando o mundo em sua volta, deixa-se olhar pelo leitor, na sua sabedoria e na sua insensatez.

Tecido ao calor dos dias e sob as circunstâncias mais diversas, o diário exige, por parte de quem o escreve, intenso sentido de observação, capacidade reflexiva, olhar crítico, poder de análise e autoanálise, disciplina e curiosidade, entre tantos requisitos que podem condicionar a tarefa desafiadora de sua escrita e sustentação.

Quem se entrega, tanto à escrita quanto à leitura de diários, são criaturas como que tomadas pelo mistério da falta, pela magia da ausência, pela delicada intuição de que a linguagem ainda não diz tudo, mesmo que se multiplique em diferentes direções e assuma os matizes mais surpreendentes no território da expressão.

Pode parecer paradoxal, mas é no diário que mais dolorosamente se cristaliza a sensação de incomunicabilidade que rege, a partir da insólita pauta de nossa existência, o incontornável diálogo consigo mesmo e com os outros.

Sem fugir ao imperativo da precariedade de qualquer esforço linguístico e expressional, o diário, tentando investigar a verdade factual sem intermediações nem embustes retóricos, não consegue escapar ao peso ficcional que incide sobre qualquer palavra no discurso.

Verdade ou invenção. Eis a questão chave que macula o interior da forma, decependo suas paredes contraditórias e fazendo de sua estrutura carnal uma espécie de mitografia de fantasmas, mesmo que a vida esteja pulsando ali com seus prêmios e suas derrotas.

Isto, sem que me reporte à paixão que move o diarista na elaboração de seus enredos subjetivos ou na arquitetura de suas descrições das coisas, dos acontecimentos e dos seres que contornam à sua sensibilidade e imaginação.

Sensibilidade e imaginação, sim, porque não tenho nenhum pudor em afirmar que o diário constitui obra estética e prosa ficcional das mais legítimas e, em alguns modelos, com alta voltagem poética.

Insere-se perfeitamente nessa família difusa e ambivalente de que fazem parte as cartas, as confissões, as autobiografias, as biografias e as memórias. Para mim, todos de valor literário. E com muita poesia e ficção.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

MEMÓRIA

Clássico infantil completa 50 anos

Meio século depois de sua publicação original, 'A Vaca Voadora' ainda tem o que dizer aos leitores de hoje

Cilza Bignotto
Agência Estado

Em dezembro de 1972, chegava às livrarias um dos romances mais divertidos e originais da literatura brasileira: *A Vaca Voadora*, de Edy Lima (1924-2021). O sucesso veio rápido: em março de 1973, *A Vaca Voadora* aparecia na lista dos livros mais vendidos publicada pelo *Estadão*, logo abaixo de pesos pesados como *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado, e *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo. Ao longo daquele ano, *A Vaca Voadora* reapareceu nas listas de mais vendidos. Era o único livro infantil disputando posições com *best-sellers* como *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach.

O que teria levado um livro para crianças a tais alturas, no disputado campo literário brasileiro daqueles anos de chumbo? Talvez, um pouco de alquimia literária.

A Vaca Voadora pode ter agradado a adultos e a crianças por motivos diferentes, porque é narrativa das mais ambivalentes. No cadinho do romance, Edy Lima misturou ingredientes de gêneros reconhecidos como infantis, como contos de fadas, a elementos de gêneros voltados para adultos, como a farsa – em que ela era mestra – e mais algumas pitadas do que se convencionou chamar de Teatro do Absurdo. Parece incrível? Não era, para alguém como Edy Maria Dutra da Costa Lima.

Gaúcha de Bagé, ela deixou a cidade natal aos 19 anos para trabalhar como jornalista na *Revista do Globo*, em Porto Alegre. Nas décadas seguintes, viveu em São Paulo e no Rio, atuando como jornalista, romancista, dramaturga, editora de discos infantis, roteirista de novelas, tradutora e autora de dezenas

de livros. Suas produções mais famosas provavelmente são *A Farsa da Esposa Perfeita*, de 1959, e a adaptação para o teatro de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, levada aos palcos em 1961. É a série de livros iniciada com *A Vaca Voadora*, porém, que permanece em circulação.

A muito premiada Edy Lima saiu de cena discretamente, no dia 1º de maio de 2021. Sua morte não foi noticiada pela grande imprensa. A série de livros com *A Vaca Voadora* é hoje publicada pela Global Editora.

Lalau, o protagonista de *A Vaca Voadora*, tinha boa explicação para a ausência de certas notícias nos veículos de comunicação naqueles idos de 1970. O primeiro voo da vaca não virou notícia, embora testemunhado por muita gente:

“Nosso voo, eu soube depois, não mereceu nenhum noticiário da televisão nem dos jornais. Mais tarde entendi que só se torna notícia o que é anunciado com antecipação. E que a imprensa, falada ou escrita, como dizem, só toma conhecimento do que de antemão lhe é oferecido como algo sensacional. Claro que minhas tias não telefonaram avisando coisa nenhuma. Por isso, os que viram a vaca voando acharam que estavam enganados e preferiram ficar quietos. Afinal, o que não foi afirmado com antecedência que vai acontecer não pode acontecer. E essa é uma regra bem estabelecida, que ninguém gosta de quebrar.”

Eis um bom exemplo da ambivalência textual do romance. Adultos poderiam perceber, na fala de Lalau, a ironia com que os mecanismos da censura então vigentes no país eram denunciados; crianças poderiam entender as reflexões do menino de outras maneiras, menos



Obra da gaúcha Edy Lima (1924-2021) agradava crianças e adultos

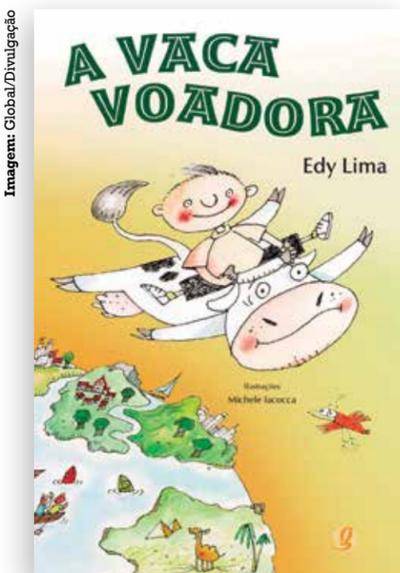


Imagem: Global/Divulgação

■ Livro misturou ingredientes de gêneros reconhecidos, como os contos de fadas, a elementos da farsa com algumas pitadas do Teatro do Absurdo

(ou nada) angustiantes. Com esse tipo de alquimia textual, Edy Lima conquistou um prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil, no terrível ano de 1975, com o provocador título

A Vaca Proibida. As aventuras da vaca eram sempre valentes e ambivalentes.

Eram também absurdas, como os tempos que corriam. Lalau, o menino que narra a história, vive com tia Cristina Maria, a Quiquinha, que é alta, magra e alquimista, e tia Maria Cristina, a Maricotinha, que é baixa, gorda e cozinheira. As personagens são tão caricaturais que funcionam como tipos complementares. Sua caracterização lembra muito a das personagens da farsa, gênero cultivado com sucesso por Edy no teatro. Fazem lembrar, ainda, o esquema básico das peças de Samuel Beckett, que, segundo Martin Esslin, em seu clássico *O Teatro do Absurdo*, era o “dos pares de personalidades interdependentes e complementares”. Vladimir e Estragon, a dupla (tragi)cômica de *Esperando Godot*, têm personalidades complementares.

No processo de destilação da farsa em romance infantil, Edy Lima manipula recursos semelhantes aos usados por Beckett em suas peças, como na seguinte cena:

“- Este é Lalau, filho da enteada da cunhada de uma prima de Aniceta.

Gumercindo ergueu-me nos braços (eu tinha seis anos nesse tempo) e me beijou emocionado.

As lágrimas corriam-lhe pelo rosto:

- Um neto de Aniceta é para mim mais que um filho. Conte comigo, menino, fui o primeiro namorado de Aniceta e só não casamos porque ela morreu daquela maneira...”

Não há, na literatura brasileira para crianças, protagonista cuja origem seja mais embaralhada do que a de Lalau. Personagens órfãos ou abandonados pelos pais são quase um clichê em histórias infantis, de Cinderela a Har-

ry Potter. A novidade, em *A Vaca Voadora*, é o modo como as tias usam a linguagem para explicar quem é Lalau: “Filho da enteada da cunhada de uma prima de Aniceta”. Cada nova palavra obscurece o sentido da anterior. A explicação produz um emaranhado de relações de parentesco que impedem conhecer a origem do menino.

A explicação das tias e a resposta de Gumercindo são de uma comicidade quase aflitiva, para adultos – e deliciosa, para crianças. O diálogo lembra aqueles de *Esperando Godot*: as palavras são familiares, assim como os conceitos que evocam, mas as frases, deformadas por uma descontinuidade elaborada, não fazem o sentido que habitualmente esperamos delas.

Para alívio geral, os efeitos da manipulação cuidadosa de recursos tão sofisticados por Edy Lima são muito distintos daqueles do Teatro do Absurdo. A narrativa de *A Vaca Voadora* é difusa, mas celebra a alegria e os muitos sentidos para a vida que crianças e adultos podem criar juntos. O romance cinquentão ainda tem o que dizer aos leitores de hoje, surpreendidos diariamente por absurdos – alguns novos, outros mais antigos, da época em que *A Vaca Voadora* alçava seus primeiros voos.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Global Editora

TEATRO

Monólogo 'Agreste' volta a ser encenado em João Pessoa

Da Redação

Com algumas apresentações esporádicas no ano passado, o monólogo *Agreste* retorna hoje para mais uma encenação gratuita, que acontecerá a partir das 19h30, no Teatro Ednaldo do Egypito, no bairro do Manaíra, em João Pessoa. A classificação indicativa é 12 anos e a direção é assinada por Everaldo Vasconcelos.

Com texto ganhador do Prêmio Shell e baseado em caso verídico, a peça interpretada pela atriz paraibana Fabíola Ataíde é contado de forma fabulesca sobre um casal de lavradores, cuja a morte súbita do marido leva um pequeno povoado a descobrir que se tratava de um corpo feminino. A viúva, que desconhecia as diferenças anatômicas dos gêneros e nunca tinha visto o companheiro nu, torna-se vítima do horror e da intolerância de sua comunidade.

Espectáculo resultante da pesquisa de Mestrado em

Artes da Cena, da Faculdade Célia Helena (SP), recentemente *Agreste* fez uma turnê por São Paulo, sendo encena-

do no Teatro Oficina, Teatro Célia Helena e fazendo parte da programação em comemoração aos 30 anos do Ins-

tituto Brincante, criado pelo músico Antônio Nóbrega.

Houve também uma apresentação especial na

casa da dramaturga e roteirista Maria Adelaide Amaral. Segundo a autora, “*Agreste* é um rastilho de pólvora,

no sentido mais afetivo, pois o texto contagia o público que assiste e o dissemina, ou seja, aquele que assiste é afetado pela emoção, conta para outra pessoa, e esta prossegue a ação, perpetuando a mensagem”.

Escrita pelo pernambucano Newton Moreno, a história se baseia em um caso verdadeiro e foi responsável por consagrar o dramaturgo nacionalmente depois de também levar os prêmios de Melhor Espectáculo e o de Melhor Autor pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA). “A dramaturgia de Newton Moreno é muito sensível e tem vários momentos que eu, enquanto atriz, preciso me segurar, porque me emociona muito”, aponta Fabíola Ataíde. “Ele sabe a colocação exata de cada palavra. São palavras que chegam em gavetas emocionais, descrevendo as coisas de forma tão poética que a gente consegue visualizar a cena no texto”, finaliza a atriz paraibana.



Foto: Fabio Soares/Divulgação

Depois de uma turnê por São Paulo, peça com Fabíola Ataíde é encenada gratuitamente, mais uma vez, no Teatro Ednaldo do Egypito

CONSÓRCIO NORDESTE

Estados voltam a dialogar com a União

João Azevêdo, atual presidente da entidade, revela que ano será favorável à implantação de políticas públicas

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste (Consórcio Nordeste), criado em 2019 por um grupo de governadores da região, deve vivenciar o ano mais favorável para implantação de políticas públicas desde a sua criação. De acordo com o governador da Paraíba e presidente do grupo, João Azevêdo (PSB), a expectativa para 2023 é de um ambiente de diálogo e apoio com o Governo Federal.

Em entrevistas nos últimos meses, desde que assumiu a presidência em dezembro do ano passado, João Azevêdo tem enfatizado o relacionamento republicano que os governadores do Nordeste têm tido com o presidente Lula (PT). Após ser criado em um ambiente hostil com a última gestão, a expectativa é de melhorias para os estados da região.

Um dos motivos que faz com que os governadores do Nordeste tenham boas expectativas para os próximos quatro anos é o fato de que o novo presidente se mostrou mais presente e disposto a ouvi-los do que o último gestor. De acordo com João Azevêdo, já aconteceram mais reuniões com o presidente Lula, antes mesmo dele assumir o cargo, do que nos últimos quatro anos com Jair Bolsonaro.

“Sem dúvida, nesse curto período já tivemos mais oportunidades de conversar com o presidente Lula, ele nos ouviu [mais que Bolsonaro em quatro anos]. Até durante o período de campanha tivemos reuniões por duas vezes. E já agora depois das eleições essa audiência. Isso ocorre porque sabemos da necessidade de se ter investimentos que mantenham a geração de emprego e renda”, disse o governador João Azevêdo em entrevista ao Uol Notícias, segundo apurou a reportagem de **A União**.

Com Lula, temas da região terão maior destaque

“Nós tivemos conversas já com o presidente da República, colocando evidentemente à disposição para discutir não só a questão da Paraíba, mas principalmente o Nordeste, considerando que eu fui eleito presidente do Consórcio Nordeste e isso coloca a Paraíba numa outra condição de diálogo com a Presidência da República”, disse João Azevêdo em entrevista coletiva durante a sua diplomacia, no último dia 19 de dezembro.

De acordo com a avaliação do economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Paulo Cavalcanti, o Consórcio Nordeste cresceu mesmo estando em um ambiente hostil com o governo Bolsonaro, e hoje é referência para outras regiões. “O consórcio surge em relação ao tratamento discriminatório que o Governo Federal estava tendo com os estados do Nordeste. Por várias vezes o presidente Bolsonaro deu declarações contrárias e prejudicou o grupo”, comentou.

Um dos propósitos do Consórcio é permitir ações conjuntas, além da troca de experiências administrativas, segundo explicou o economista. “Se um determinado governo desenvolve uma política com resultados positivos, essa experiência é partilhada através do consórcio e chega a outros estados do Nordeste”.



João acredita que acesso ao Governo Lula vai facilitar atendimento de prioridades



Segundo Paulo Cavalcanti, o Consórcio cresceu, apesar de ter ambiente hostil

Desenvolvimento regional é o objetivo

Em 2019, quando o Consórcio foi criado, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) vivia uma fase de “desmonte”, segundo a avaliação do economista Paulo Cavalcanti. Sendo uma das motivações do trabalho do grupo, que tem como objetivo o fortalecimento do órgão.

“O que estava acontecendo é que os governadores cada vez menos participavam das reuniões porque o país estava sem política de desenvolvimento regional. Os governadores individualmente tinham maior capacidade de atrair recursos do que através de uma ação coordenada pela Su-

dene. A intenção do Consórcio não é enfraquecer a Sudene, é do interesse deles que a Sudene seja forte, mas enquanto isso não acontece, eles atuam”, comentou o economista.

De acordo com o governador João Azevêdo, os órgãos regionais são prioridade nas discussões com o presidente Lula. “Nós já colocamos e já demonstramos ao que se faz necessário o diálogo para discutir principalmente a gestão dos órgãos regionais, órgãos como o Banco do Nordeste, Sudene, Codevasf. Esses órgãos têm que ter uma gestão que seja pactuada com os governadores do Nordeste”, disse.

Ações do Consórcio têm como base a Ciência

Entre os frutos das ações realizadas pelo Consórcio Nordeste, está o Comitê Científico do Nordeste (CCN), criado durante a pandemia. “Aconteceu por conta da pandemia, porque durante esse período o Governo Federal negou a gravidade da situação, aplicou uma política negacionista e os governadores decidiram, sabiamente, empreender uma ação própria mais articulada, isso resultou que o Nordeste sofreu menos com a pandemia do que o resto do país”, explicou Paulo Cavalcanti.

Mas além das ações reativas ao comportamento do Governo Federal, o professor avalia que o Consórcio conseguiu atuar de forma proativa, criando inovações institucionais. “Na gestão do governador Wellington Dias, foram institucionalizadas câmaras temáticas, quando os representantes de cada governo se reúnem para discutir problemas de cada área específica, compartilhar experiências e propor inovações”.

Além disso, durante esse período foi criado o Círculo de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste, que reuniu mais de 100 voluntários que articulam para analisar a situação da região do ponto de vista da saúde. Segundo explicou um dos fundadores e coordenador, Paulo Cavalcanti, o grupo se articula com o Consórcio Nordeste através do Comitê Científico.

“O círculo é uma organização que surgiu espontaneamente conectando essa grande comunidade científica do

Nordeste pensando a região, em uma base de conhecimento gigante”, explicou o coordenador.

O grupo fez parte da equipe de transição do novo Governo Federal e está planejando se reunir com o governador João Azevêdo para discutir ações para o ano de 2023.

Consórcio público

O modelo de consórcio público está previsto na Constituição de 1988 e foi regulamentado em 2007. Normalmente, é utilizado na esfera municipal, principalmente para a gestão associada de serviços. No caso do Nordeste, desde 2000 existe o Fórum de Governadores do Nordeste, uma instância de discussão de ações de desenvolvimento integrado.

O consórcio foi criado para ser o instrumento jurídico de integração desses estados, que atuam de forma conjunta também no Banco do Nordeste, na Companhia Hidrelétrica do São Francisco e na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).



O consórcio surge contra a discriminação com os estados do Nordeste

Paulo Cavalcanti

BOLSA FAMÍLIA

Idec pede a suspensão de crédito atrelado ao auxílio

Órgão propõe isenção da cobrança de juros e ampliação do prazo de pagamento

Anna Carolina Papp e
Adriana Fernandes
Agência Estado

O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) enviou ao Ministério da Justiça ofício pedindo a suspensão e a revisão dos contratos existentes de crédito consignado para os beneficiários do Auxílio Brasil. A instituição, que desde o início se posicionou contra a medida lançada durante o período eleitoral, propõe isenção da cobrança de juros e a ampliação do prazo de pagamento.

Como revelou o Estadão/Broadcast, o governo Lula estuda oferecer algum tipo de anistia às dívidas dos beneficiários do programa em razão da situação de fragilidade do público-alvo dessa modalidade de crédito.

No documento, o Idec propõe a suspensão imediata das operações; a integração, pela Caixa Econômica Federal, dos contratos de bancos privados pelo valor principal; isenção da cobrança de juros; e uma

investigação dos 3,5 milhões de contratos e das condições em que foram firmados. O Idec propõe ainda que seja criado um fundo para o pagamento de beneficiários que não permanecerem no agora rebatizado Bolsa Família.

Caso a revisão dos contratos leve à exclusão por inadequação ou irregularidade no Cadastro Único, o Idec propõe que seja cobrada a taxa do consignado para aposentados, cujo teto é de 2,14% ao mês - no consignado do auxílio, os juros são de 3,45% ao mês.

Irregularidades

“As famílias foram incentivadas a buscar o crédito como se o dinheiro estivesse sendo doado”, afirma Ione Amorim, coordenadora do Programa de Serviços do Idec. “Foram identificadas muitas irregularidades, a começar pela instabilidade nos sistemas dos bancos e dificuldade de acesso, propostas canceladas, dinheiro não disponibilizado no prazo, descontos no bene-

fício por dinheiro não entregue e cadastro de famílias incompatíveis com os critérios do programa”, disse.

Ela afirmou que a anistia total poderia ser uma alternativa, mas que não seria justa com todos que buscaram o crédito e tiveram as propostas negadas. “Precisamos reduzir o tamanho do impacto da dívida na vida dessas famílias, retirando os juros embutidos nessas operações”, disse.

Essa também é a visão da diretora institucional da Rede Brasileira de Renda Básica, Paola Carvalho, que defendeu não necessariamente uma anistia total, mas uma redução dos juros ou renegociação da dívida. “Não se trata, nem nunca se tratou, de um crédito orientado para pequenos investimentos ou para sair das listas de devedores. Mas se demonstrou a todo o momento um apagar de incêndios, de famílias que precisavam colocar a luz ou o aluguel em dia ou mesmo fazer uma compra mais substancial no mercado”, disse Paola.

O pesquisador da FGV Social Marcelo Neri disse ser favorável a um “caminho do meio”. “A forma abrupta de implantação do crédito consignado em sintonia com o calendário eleitoral foi muito deletéria. Da mesma forma, uma moratória igualmente brusca parece contraproducente para a inclusão financeira, a curto e a longo prazos, dos menos favorecidos. Um caminho do meio parece menos traumático.”

Anistia

O governo Lula estuda oferecer algum tipo de anistia às dívidas dos beneficiários do programa em razão da situação de fragilidade do público-alvo dessa modalidade de crédito

NOVA LEGISLATURA

Oito deputados assumem postos no governo

Agência Câmara

Oito deputados eleitos para a próxima legislatura (2023 a 2027) assumiram postos no Executivo federal. Eles devem tomar posse em 1º de fevereiro na Câmara e, em seguida, se licenciar para exercer os cargos no governo. Entre os oito há cinco que foram reeleitos e dão lugar já agora a cinco nomes que assumem as vagas na Câmara ainda em janeiro, como suplentes da legislatura que está se encerrando.

O deputado Alfredinho (PT-SP) assumiu, agora em janeiro, no lugar do ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha (PT-SP), e continuará no cargo a partir de fevereiro porque é o segundo suplente da federação entre PT-PV-PCdoB no estado de São Paulo. Ele era vereador de São Paulo até o ano passado.

Alfredinho continua porque também saíram para o Executivo o deputado reeleito Paulo Teixeira (PT-SP), ministro do Desenvolvimento Agrário, e o eleito Luiz Marinho (PT), ministro do Trabalho. As outras duas vagas da federação por São Paulo ficarão com os suplentes Orlando Silva (PCdoB-SP) e Vicentinho (PT-SP), deputados que não foram reeleitos. Orlando Silva, que cumprirá seu terceiro mandato, chegou a se despedir dos colegas em 20 de dezembro.

O ministro Alexandre Padilha continuará a atuar fortemente na Câmara, já que sua pasta terá a missão de interagir com o Congresso, como ele mesmo explicou no discurso de posse. “É criar um novo ambiente de relação institucional no país, de respeito aos Poderes,



Marina Silva (Rede) foi uma das deputadas eleitas e assumiu o Ministério do Meio Ambiente

de respeito às instituições, de incentivo à consolidação das instituições, sem o qual não damos conta de enfrentar todos os desafios; a relação com o Congresso Nacional, que representa o povo brasileiro, com o qual eu sempre aprendi, e aprendi ainda mais na condição de deputado federal”, disse.

Também para a nova legislatura, a federação Psol-Rede, em São Paulo, elegeu duas deputadas que se tornaram ministras: Sonia Guajajara (Psol), ministra dos Povos Indígenas, e Marina Silva (Rede), ministra do Meio Ambiente. Os suplentes serão Luciene Cavalcante (Psol), mais ligada à área de Educação; e Ivan Valente (Psol-SP), também do Psol, que é deputado desde 1995, mas não foi reeleito como titular.

O ministro da Secretaria

de Comunicação Social, Paulo Pimenta (PT-RS), assumirá o seu quinto mandato na Câmara em fevereiro, mas deverá ser substituído pela cientista social Reginete Bispo. Já o ministro das Comunicações, Juscelino Filho (União-MA), deverá ceder o lugar para o médico Dr. Benjamim, do mesmo partido. Por fim, a ministra do Turismo, Daniela Carneiro, que usa o nome parlamentar Daniela do Waguinho (União-RJ), terá como suplente o empresário Ricardo Abrão. Entre os suplentes que assumiram agora em janeiro, está o ex-presidente da Câmara deputado Marco Maia (PT-RS), para o lugar de Paulo Pimenta. Até fevereiro, quando serão empossados os deputados da nova legislatura, muitas mudanças ainda poderão ocorrer, porque outros eleitos e reelei-

tos podem ser chamados para assumir postos em executivos estaduais e municipais.

■ O ministro Alexandre Padilha continuará a atuar fortemente na Câmara, já que sua pasta terá a missão de interagir com o Congresso, como ele mesmo explicou no discurso de posse

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Minha prosa na cabeça da moça

Em dezembro de 2022, a Editora A União publicou minha última produção literária denominada “Meu livro é um fracasso de vendas e outras crônicas”, no Selo do Prêmio José Lins do Rego. Conforme o título, até agora apenas 12 leitores abriram meu livro para perscrutar seu conteúdo. Entre esses 12 propagadores e dissecadores da fé mozartiana está uma professora aposentada, classificada como uma leitora voraz. Por essa graduação, a pessoa considerada “leitora voraz” lê mais de um livro por mês. Possivelmente, essa minha leitora estaria na posição de consumidora insaciável de livros. Em 2022 ela leu 46 volumes, sendo o quadragésimo sexto este meu livrinho de crônicas leves. Sabendo-se que a França é um dos países que mais leem no mundo, onde 88% da população que se declara leitora lê em média 21 livros por ano, e que no Brasil, apenas 52% dos brasileiros confessam que gostam de ler, mas não passam de cinco livros lidos por ano, a professora pode ser considerada uma atípica usuária de literatura.

Como vive uma criatura que lê em média quatro livros mensalmente? Quando estamos dormindo, essa pessoa permanece desperta, vagando no mundo da literatura? Enquanto pensamos para ler “O camaleão”, do dramaturgo russo Anton Pavlovitch Tchecov, com apenas 22 páginas, esse ser multiculturalista devora em seis dias o calhamaço “Os miseráveis”, de Victor Hugo, com 1.512 páginas. Como são eles, os leitores vorazes, de que são feitas suas mentes adaptadas para trocar a tela do computador pelo papel, esnobando os modernos livros digitais? Esses leitores analógicos seriam viciados no cheiro da tinta de impressão? É sabido que, com o passar do tempo, a celulose do papel desprende um cheiro típico edulcorado, essência que acaba por seduzir os neurônios do paciente. Pronto, a pessoa se torna dependente dos livros, e acaba por ler qualquer coisa para satisfazer o anseio. Talvez essa teoria explique a última exploração literária do ano desta professora, ela que emprega suas melhores energias mentais para ler com velocidade, sem atrapalhar a compreensão e a concentração.

Confesso que subsisto no rebanho comum dos que leem apenas um livro mensalmente, ou menos. Tenho me dedicado mais a levar outras pessoas a descobrir o sabor da leitura, com nosso projeto “Biblioteca viva”, nas cidades de Bananeiras, Solânea, João Pessoa e Mari. Pontos de troca de livros sem burocracia. E essa missão me empolga, ao mesmo tempo em que me consterna, porque tenho a impressão de que o analfabetismo, inclusive funcional, o quase nenhum estímulo em casa ou na escola e a carência de projetos como este da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, do terceiro setor, levam cada vez mais as pessoas para longe dos livros. Sou frequentador de uma biblioteca pública em Solânea, onde faço doações mensais de livros, e durante minhas longas permanências entre aquelas estantes, ainda não tive o prazer de ver um usuário, um único que seja, um consumidor de livros. A internet e as redes sociais são as causas principais dessa queda no número de leitores? É uma teoria. No Brasil, acreditem que 44% das pessoas não leem e 30% jamais comprou um livro na vida. E as pesquisas continuam registrando o declínio ano a ano. Teria sido esse fenômeno que nos levou ao desastre político, econômico e moral dos últimos quatro anos? Outra teoria.

Enquanto a gente dorme na ignorância, a professora que não quer mudar o mundo, mas a si mesma, continua trabalhando sua emoção, abrindo sua mente nas peregrinações pelo universo da sabedoria e do raciocínio, porque ela sabe que ler traz muito prazer e ganho ao coração, à pisque e até à alma dos que têm fé. Que em 2023 ela siga seu destino de exploradora das mil consciências dos autores, descendo, às vezes, até por curiosidade intelectual, os degraus de obras menores como este “Meu livro é um fracasso de vendas e outras crônicas”, merecedor da amável nota da Fundação Espaço Cultural, patrocinadora da edição: “O livro de Fábio Mozart retrata, através de 67 crônicas, distribuídas em 196 páginas, histórias cotidianas que envolvem o leitor pelo humor e crítica do seu narrador. Explorando horizontes que aproximam eventos como a observação de uma árvore de imbaúba, que nasceu no muro do seu quintal, e os desdobramentos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, o autor faz um relato sincero e, ao mesmo tempo, poético de suas vivências”.



Fotos: Arquivo/Agência Senado

Itamar Franco é empossado presidente no dia 2 de outubro de 1992 e aclamado no dia 29 de dezembro; José Sarney na Presidência da República, quando jurava a Constituição

POSSES PRESIDENCIAIS

Fotógrafos e suas imagens históricas

Registros feitos pelos profissionais do Senado eternizaram momentos históricos dos presidentes da República

Agência Senado

Momentos. É disso que o presente é feito. É isso que os fotógrafos capturam, primeiro com seus olhos, depois com suas lentes. Os fotógrafos do Senado eternizam todos os dias momentos que depois contarão a história do nosso país. Suas fotos, disponíveis no banco de imagens da Agência Senado, rodam o mundo. Com as imagens da Posse Presidencial no dia 1º de janeiro, não foi diferente.

Geraldo Magela e Waldemir Barreto, já são profissionais conhecidos nesse evento que atrai tanta atenção. Magela faz essa cobertura fotográfica desde a época do presidente Collor, empossado em 15 de março de 1990. Ele ainda trabalhava para o Jornal de Brasília quando entrou pela primeira vez em contato com a solenidade.

“Sempre cobri política pelos jornais, mas cada posse é uma emoção diferente.

Naquela era uma emoção muito grande pela democracia, um processo que estava vindo”, lembra Magela, que passou a integrar o time de fotógrafos do Senado só dez anos depois, em 2000.

Tancredo Neves foi o primeiro presidente eleito democraticamente após o regime militar, mas faleceu antes de assumir o cargo. Seu vice, José Sarney, foi quem assumiu a Presidência do Brasil.

Collor foi o primeiro presidente eleito pelo voto a tomar posse. Depois do impeachment, veio a posse de Itamar Franco, as duas posses de Fernando Henrique Cardoso, as duas posses de Lula, as duas posses de Dilma, outro impeachment, a posse de Michel Temer, e a última posse, do atual presidente Jair Bolsonaro. Magela fotografou todas elas.

Da época do rolo de filme

Waldemir começou a cobrir posses quando veio

para o Senado, em 1998. Seu sonho sempre foi fazer fotos de meio ambiente, mas foi a política que o laçou. Sua primeira cobertura desse evento foi na reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1999. Naquele momento, a fotografia digital já começava a ser introduzida no Senado.

“A posse de 1999 foi a despedida do filme. Em 2000, começamos a trabalhar com fotografia digital no Senado e é uma diferença enorme. Fomos referência, uma vez que os jornais começaram por volta de 2005. Hoje fazemos cerca de mil fotos por evento. Com o filme, não dava pra ter tantas fotos assim”, compara.

Waldemir é geralmente escalado para cobertura dentro do Plenário, local de acesso muito restrito. Na Posse Presidencial, só dois fotógrafos, um do Senado e um da Presidência da República, têm acesso livre ao interior desse local e podem

circular por entre as principais autoridades presentes. Nas últimas posses, o posto de Waldemir foi lá.

“Quando estou trabalhando, sempre dou o melhor de mim, independentemente de estar cobrindo a posse de um presidente ou de um líder comunitário, são todos iguais. Meu objetivo é estar atento, olhar o todo e registrar o micro que mostra os pontos chaves dos fatos que, muitas vezes, passam despercebidos”, revela ele, deixando transparecer senso de comunidade e atenção aos detalhes, muito possivelmente adquirido em sua infância na tribo Guaraní de Mato Grosso do Sul, onde nasceu e viveu até os nove anos.

Credenciamentos

Há outros seis postos destinados à imprensa no evento. Esses são também abertos à imprensa externa e todos, até os profissionais da Casa, devem ser creden-

ciados especificamente para a solenidade. Há, inclusive, um hot site sobre o credenciamento de imprensa criado especificamente para a Posse Presidencial de 2023. Um desses postos é a rampa do Congresso Nacional, por onde está prevista a chegada e saída do presidente empossado. Esse é um dos locais preferenciais de Magela, que gosta de sentir o calor do povo que vem prestigiar o evento. Ali são horas de espera, guardando o melhor lugar, por 15 minutos ou menos de captura de imagens.

“Para cada posse fico imaginando a fotografia que eu quero que aconteça pra mim. A espera é longa, mas é a história do Parlamento. A imagem fica na memória da instituição e do Brasil. Acredito que, no futuro, quem vai salvar a História serão os órgãos públicos com seus arquivos”, preconiza.

Em várias posses, Mage-

“

A posse de 1999 foi a despedida do filme. Em 2000, começamos a trabalhar com fotografia digital no Senado e é uma diferença enorme

Waldemir Barreto

la também já fotografou de dentro do Palácio do Planalto, para onde o presidente do Congresso segue após a cerimônia no Parlamento.



Acima, as posses de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Lula; abaixo, Dilma Rousseff e Michel Temer; Jair Messias Bolsonaro e, de novo, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2023



Bárbara Fonseca, filha da professora Ana Flávia Pereira, foi homenageada por toda a sua querida família durante tarde de lazer na residência da prima Daniella Pereira Barbosa. Bárbara, que é cidadã americana, se encantou com o progresso da Paraíba, berço de seus avós, os saudosos Afonso e Clemilde Pereira. No evento, regado a muita alegria e descontração, registrei, através das lentes de Antônio David, alguns dos melhores momentos. Confira.



A homenageada do evento, Bárbara Pereira Fonseca



Ana Flávia Pereira e a querida filha Bárbara Pereira Fonseca



O casal Sales e Gláuce Gaudêncio com a professora Ana Flávia Pereira



A professora Ana Flávia Pereira entre os amigos Ezilda Melo, Marcélia Leal, Júlia Ferrer, esta colunista e Socorro Ramalho



A farmacêutica Sônia Helena Carvalho, casada com o engenheiro paulistano Miguel Flávio Monteiro, festejou seu aniversário cercada pelo carinho de familiares e de inúmeros amigos. O evento, um jantar da pizzaria Pimenta Nativa, foi assinado por seu irmão, o chef de cozinha Flávio Carvalho. Na foto com seu esposo, Sônia revela a felicidade de festejar mais um ano de vida.



Solange Madruga, Políbio Alves, Sérgerson Silvestre, Ivo Sérgio Borges da Fonseca, Dorgivaldo Andrade, Hacéldama Borba, Fátima Souza, Rosilda Xavier e Dácio Lima Gonçalves são os aniversariantes da semana.



Aninha Bichara, neta de ex-primeira dama paraibana, Mirtes Bichara Sobreira, através de seu Instagram, mostra vitalidade da avó que, com seus bem vividos 100 anos e ainda muito lúcida e saudável, se detém na cozinha, abrindo massa de pastel, para agradar aos bisnetos. Pense numa mulher de fibra, guerreira e feliz.



Marcélia Leal e suas lindas filhas, Renata e Ívia Leal, passaram as festas de fim de ano no Solar Tambaú, precisamente no magnífico apartamento do casal João Carlos e Bethânia Ferreira. Do alto do magnífico prédio, presenciaram a queima de fogos que, neste ano, aconteceu de forma silenciosa. De parabéns os gestores do meio ambiente.



IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

O governo da Paraíba e o Sebrae-PB estão convidando a imprensa paraibana para o lançamento da 35ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, durante evento que vai acontecer na próxima terça-feira (10), na avenida Cabo Branco, em João Pessoa. Segundo Marielza Rodriguez, a gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), a rica cultura indígena será o tema dessa edição que vai acontecer na orla da capital paraibana, de 13 de janeiro a 5 de fevereiro.

A banda Tuaregs, uma referência quando do tema é a autêntica musicalidade de qualidade e bom gosto, vai animar a festa que moradores e ex-moradores do bairro do Miramar vão realizar no dia 10 de março, deste ano, no clube Cabo Branco. Um grupo de amigos, liderados por Virgínia Cláudia Barbosa Palitot, Saulo Caldas, Yves Pereira Cavalcanti, Noberto José da Silva Neto, Paulo Sérgio Carvalho, Roberto Uchôa e esta colunista.

O advogado e escritor Talden Farias, de tradicional família de juristas campinenses, foi nomeado assessor jurídico da Associação Nacional dos Municípios e Meio Ambiente (Anamma), instituição privada que representa os municípios em matéria ambiental e nacionalmente presidida pelo alagoano Marçal Cavalcanti.

"Baile D'á Notícia", um dos eventos mais disputados em Campina Grande, vai festejar sua 16ª com megafesta, no dia 28 de janeiro, fazendo parte da programação de abertura do calendário de eventos do pré-Carnaval Campina Folia, promovido pela Prefeitura de Campina Grande. Na ocasião, o grande homenageado será o saudoso jornalista Fernando Soares. João Pinto, ex-presidente da API, já confirmou presença.

O Núcleo do Simples Nacional da Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-PB) informa que as micro e pequenas empresas, que estão com os negócios em atividade, têm até o dia 31 de janeiro para aderir ao Simples Nacional.

A solicitação de opção deve ser realizada, via internet, no Portal do Simples Nacional por meio do link <http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/>, clicando em Simples Nacional - Serviços - Opção - Solicitação de Opção pelo Simples Nacional.

Já teve início, no dia de ontem (7), a 17ª edição do Fest Verão Paraíba, evento que ainda tem ingressos disponíveis, para os eventos dos dias 14 e 21 deste mês, no site oficial de vendas e, em João Pessoa, na loja Mioche, no 1º piso do Manaíra Shopping, e na Domus Hall. Em Campina Grande os bilhetes podem ser adquiridos no Spazzio ou na Loja Mioche, no Partage Shopping.

O ano de 2023 começa com uma grande notícia para os fãs da música brasileira e, especialmente, da cantora Marisa Monte. Ela volta à capital paraibana no mês de março, trazendo o show da turnê "Portas", que passou por João Pessoa em abril do ano passado e foi um grande sucesso.

As vendas dos ingressos ainda não foram abertas, mas o show já tem data e local confirmados. Será no dia 10 de março, na Domus Hall, no Manaíra Shopping.

Selic Fixado em 8 de dezembro de 2021 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.302	Dólar \$ Comercial -2,16% R\$ 5,236	Euro € Comercial -1,05% R\$ 5,575	Libra £ Esterlina -0,77% R\$ 6,332
--	---	--	--	---

Inflação IPCA do IBGE (em %)	Ibovespa
Novembro/2022 +0,41	108.944 pts 
Outubro/2022 +0,59	
Setembro/2022 -0,29	
Agosto/2022 -0,36	
Julho/2022 -0,68	
	+1,21%

DIFERENTES PERFIS

Negócios precisam atender desejos dos consumidores

Plano de investimentos deve levar em conta o comportamento dos clientes

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Empresários que pretendem investir em suas atividades neste início de ano devem observar os valores considerados pelos consumidores na escolha de um produto ou serviço, a exemplo de eficiência, praticidade, transparência, bem-estar, sustentabilidade e ética, aponta o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB). O mercado digital, que impulsionou diversos segmentos e potencializou o empreendedorismo no Brasil, sobretudo com a pandemia de Covid-19, deve estar no centro do planejamento do empresariado.

A gerente da Unidade de Gestão Estratégica e Monitoramento do Sebrae-PB, Ivani Costa, aponta que o empresário deve analisar o comportamento dos consumidores antes de planejar investimentos e realizar negócios. Segundo ela, os clientes ou usuários de serviços escolhem empresas proativas, que oferecem soluções práticas e transparentes ao público.

“Um exemplo disso são os produtos de higiene e beleza, que precisarão comprovar sua eficácia e eficiência, uma vez que os clientes estão optando por compras inteligentes. Além disso, os consumidores

migrarão para marcas que seguem valores iguais aos seus e que buscam atender suas necessidades específicas”, afirma a gestora.

Ela destaca três novos perfis de consumidores avaliados pelo mercado: antecipadores, “novos românticos” e condutores. O primeiro grupo é referente ao consumidor cauteloso, que demanda ações otimizadas por priorizarem estabilidade e segurança. Segundo Ivani Costa, os empresários do varejo podem conquistar o consumidor em destalhes como a forma de reabastecimento na própria loja, frequência maior de lançamentos e descontos e recompensas. A oportunidade é para reformulação das lojas, especialmente do mix de produtos, nos estabelecimentos de conveniência e mini-mercados.

As soluções em sustentabilidade e bem-estar devem conquistar os “novos românticos”, que são aqueles consumidores que tiveram sua rotina modificada durante a pandemia de Covid-19. Conforme Ivani Costa, são pessoas que buscam sossego e procuram estar longe das grandes cidades. O serviço de entrega de produtos é importante para esses consumidores e possibilita geração de negócios no setor de logística de transportes, embalagens e infraestrutura para pon-



Luciano Guerrero destaca o uso de tecnologia pelas lojas

tos de retirada de produtos, por exemplo.

No viés da sustentabilidade, os consumidores do setor da construção civil e, consequentemente, de artigos para o lar, observam a durabilidade dos materiais e se há certificação ecológica. No que se refere ao bem-estar, o mercado de roupas e calçados confortáveis é promissor, assim como a comercialização de artigos como velas, incensos e obje-

tos de uso doméstico, aponta a gerente do Sebrae-PB.

A qualidade da alimentação é um item importante. É crescente o consumo de alimentos orgânicos, a exemplo dos modelos de assinatura de produtos que atendam a esse nicho, como ovos, frutas, legumes e verduras. O critério não se restringe ao consumo humano, sendo valorizado também no mercado de animais de estimação.

Uso de tecnologia agrega valor aos produtos

O setor supermercadista paraibano pode apresentar várias novidades ao consumidor, a exemplo do recebimento do dinheiro de volta e o uso de etiqueta eletrônica para atualização das ofertas nas lojas de modo instantâneo. Estes são alguns dos serviços ofertados por uma empresa de tecnologia específica para o segmento, que oferece soluções para lojistas e

seus clientes. Conforme o diretor comercial da VR Software, Luciano Guerrero, a empresa está apresentando as soluções aos clientes antigos e pretende fechar novos negócios, neste ano. “Temos em torno de 300 lojas clientes de nossos produtos, na Paraíba, entre supermercados de todos os portes de operação, e estamos sempre trabalhando na expansão. Estivemos

presentes na última edição da Consuper, feira do setor, no estado, e conseguimos gerar negócios que estão se concretizando”, afirma.

Entre as tecnologias para o setor, Luciano Guerrero destaca, software para controle de estoque dos produtos e faturamento em tempo real, a compra digital de produtos e a utilização de aplicativo que mostra

as ofertas conforme o perfil de compras do consumidor.

“Também realizamos a programação de máquinas de autoatendimento nos supermercados, o que já é uma realidade na Paraíba”, destaca o gerente. A empresa também aposta no viés da capacitação, com aplicativos para realização de treinamento virtual das equipes.

Serviços pautados na experiência do consumo

A utilização de tecnologia na experiência de consumo é fundamental para aqueles caracterizados como “condutores”. Segundo Ivani Costa, o grupo é formado por indivíduos multitalentosos e que desempenham muitas tarefas. “Para essas pessoas, que buscam novas experiências e rotinas, se destacam oportunidades como aventuras virtuais, novas interações de consumo e até mesmo uma interação gamificada (em forma de jogo), em que o consumidor pode comprar, se divertir e até mesmo aprender”, comenta.

Fundador do grupo Ser Educacional, empreendedor e presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Janguê Diniz, afirma que a aposta no mercado digital é a maior tendência. “Costumo dizer que quem não está no digital já morreu ou vai morrer em breve. Não dá mais para ignorar o e-commerce, pois é no ambiente on-line que grandes oportunidades residem. É preciso que o empreendedor analise de que forma ele pode usar a internet para expandir seu negócio, pode ser mon-

tando um grande site, mas pode ser também utilizando as redes sociais e o WhatsApp para conquistar e fidelizar clientes”.

Personalização

Uma empresa de software que vende soluções para o comércio eletrônico via chat aposta na possibilidade de concretizar negócios on-line ou off-line, não limitando sua atuação à internet. A modalidade é conhecida como e-commerce omnichannel. O diretor-executivo, Henson Tsai, aponta que a solução de chat

omnichannel proporciona experiências de compras personalizadas e seguras.

Ele destaca que a integração de canais proporciona uma experiência que pode iniciar em uma plataforma on-line e concluí-la em uma off-line sem dificuldades. “Soluções de chat serão ainda mais fortes no ambiente virtual. As pessoas hoje em dia gastam mais de 80% de seu tempo em plataformas sociais. Já é um hábito para nós descobrir produtos e até comprar diretamente nos canais sociais”, ressalta.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Qual a sua meta para 2023?

Já parou para refletir sobre suas metas este ano? Pois bem, o ano já começou! Vou deixar aqui algumas dicas para você organizar seu planejamento financeiro anual e não se frustrar ao final do ano por não ter conseguido atingir suas metas.

Sem objetivos, não há como sair da zona de conforto. Todos que alcançaram algo na vida, tiveram sonhos, desejos, vontades e planos. O primeiro passo é entender a diferença entre metas e objetivos. Em suma, o objetivo é onde você deseja chegar, ou seja, o que deseja atingir. As metas são os caminhos que você percorre ou tudo aquilo que você faz para alcançar seus objetivos.

Muitas frustrações e decepções financeiras são frutos da falta de planejamento e péssimas escolhas quanto ao uso do dinheiro. “Errar é humano”, diz o provérbio. Contudo, precisamos ter cuidado, pois algumas decisões financeiras equivocadas podem gerar consequências que se arrastam por anos. Pense nisso! Nunca esqueça o mantra da economia: os recursos são escassos, não podemos ter tudo. Viva segundo o seu padrão de vida. Planejar algo significa administrar sua renda (limitada), investimentos e despesas, objetivando tornar sonhos realidade. Três perguntas simples ajudam muito nesse processo.

“O que eu quero?” indica o alvo. Não viva no piloto automático da vida, faça hoje mesmo uma reflexão e defina seu alvo em 2023. Faça uma lista, estabeleça prioridades. Acima de tudo, identifique o objetivo principal. “Por qual razão eu quero?” Não basta apenas saber onde deseja chegar, mas identificar o motivo ou razão de alcançar tal objetivo. Fazendo isso fica mais fácil perceber se objetivo vem de uma necessidade ou de um desejo. Muitas decisões que tomamos no dia a dia deveriam ser baseadas na razão, apesar disso, na maioria das vezes o emocional se sobrepõe à razão. Saímos do rumo quando isso acontece.

“Quando irei ter o que eu quero?”. Nesse ponto considere os prazos, ou seja, o tempo necessário para atingir os objetivos. As metas precisam ter prazos bem definidos, do contrário a frustração te fará desistir no meio do caminho.

Agora que você respondeu às perguntas, siga os próximos passos para organizar definitivamente seu planejamento financeiro:

- 1) liste todos os gastos;
- 2) faça o planejamento anual;
- 3) classifique os gastos por categorias;
- 4) verifique detalhadamente cada categoria;
- 5) liste as metas;
- 6) acompanhe semanalmente.

Qualquer dúvida nesse processo fale comigo através do e-mail (acima do título), ficarei honrado em responder.

Ter paciência e consistência faz toda diferença nesse processo. Não espere alcançar todos os objetivos rapidamente. Lembre-se que existem objetivos de curto (um ano), médio (acima de dois anos) e longo prazo (acima de cinco anos). Todo planejamento financeiro exige persistência, disciplina, paciência e tempo. Comece de onde está e não sofra pensando onde deveria estar. Arrume a casa! Considere sua situação atual e o seu momento de vida, incluindo não somente o aspecto financeiro. Mais importante que a velocidade é estar no caminho certo. Por último, tenha ciência que para concretizar sonhos, acreditar faz parte da jornada.

BANCO DE VAGAS

Empresas adotam currículos globais

Intenção é recrutar profissionais que se encaixam em oportunidades disponibilizadas em qualquer lugar do mundo

Felipe Siqueira
Agência Estado

A pandemia e o isolamento social mudaram não apenas a forma de trabalhar como também de contratar. Com a popularização do *home office*, a janela de oportunidade de contratação foi ampliada, exigindo alternativas. Uma pessoa do Brasil pode ser escolhida em um processo seletivo para uma empresa na Europa, ou vice-versa, sem prejuízos para empresa ou trabalhador. Foi de olho nesse novo mundo que as empresas de recrutamento passaram a adotar a prática de currículos globais.

Uma delas é a PageGroup, uma empresa de recrutamento que criou uma estrutura - um banco de dados - com o perfil de candidatos que se encaixam em empresas e vagas de qualquer lugar do mundo. Por meio do braço Page Outsourcing, a companhia enxergou uma tendência de mercado: empresas precisam iniciar operações em países ou continentes diferentes e não têm o *know how* (conhecimento em métodos e processos) para determinada região. Esta demanda por estruturas em diferentes países é recorrente há um certo tempo, mas acabou sendo intensificada após a pandemia, em que as “fronteiras” ficaram cada vez mais relativas, com o *home office* encurtando distâncias.

Para o diretor global do Page Outsourcing, o inglês Olly Harris, a pandemia ensinou que as relações de trabalho podem ser feitas remotamente. “Isso abriu um mundo de possibilidades, com contratações em diferentes regiões”, destaca ele.

Atualmente, as vagas em aberto são para profissionais mais técnicos, com expertise em alguma área, como cargos em tecnologia. “Esse tipo de processo é o oposto de posições C-Level (CEOs, por exemplo). Isso porque, nesses cargos mais altos, os profissionais vão precisar estar no escritório por muitas vezes (o que limitaria o tipo de contratação).”



Foto: Freepik

Perfil do candidato fica no banco de dados do grupo de recrutamento e, ainda que não seja aproveitado numa vaga, pode ser considerado para outras posições

Busca leva em consideração demanda e capacidade

A ideia é que a solução seja uma via de mão dupla. OCV tem abrangência mundial porque o candidato poderá preencher uma vaga local, no Brasil ou na América Latina, mas também na sede de uma companhia em outro continente, como na Europa, por exemplo. Além disso, o perfil pode ser considerado para outras posições, já que o CV fica no banco de dados do grupo especialista em recrutamento.

Em resumo, o indivíduo fica disponível para vagas ao redor do mundo, a depender da demanda e do preenchimento de requisitos - tanto em capacidade técnica quanto comporta-

mental. Essas vagas podem ser presenciais ou on-line. Portanto, quando se fala em estrutura, considera-se tanto a parte física, como a montagem de escritórios (onde será instalado), quanto questões de burocracia e partes legais, que valem para on-line e presencial.

O PageGroup é contratado por companhias que planejam expansões e precisam de mão de obra especializada em determinadas regiões. O processo de recrutamento pode ter início num local e ser concluída pela equipe global.

De acordo com o diretor executivo do Page Outsourcing, Lucas Toledo, os

aspectos principais da centralização de operação feita pela companhia são: atender a demanda por talentos e conseguir realizar tudo em custo e qualidade efetivos, além de buscar diversificação de profissionais entre os países.

“Todo esse processo é muito complexo. Imagina uma empresa que opera em 30 países, que vai precisar realizar recrutamento em todos esses cenários diferentes. Vai ter de conhecer o mercado de trabalho, ter equipes nos locais. Teria de fazer a gestão de todo esse time e usar ferramentas de tecnologia, com bancos de talentos disponíveis para quando a

demanda vier. Os custos são bem altos”, explica.

Maiores demandas

As áreas com mais demandas por CVs globais atualmente, de acordo com Toledo, são tecnologia e saúde. Ele ressalta que o mercado tech tem crescido muito e vem se mantendo aquecido nesse quesito “Mesmo que algumas grandes empresas estejam passando por um momento de readequação de quadros (como os vários casos de demissão em massa de *startups* e *big techs*, por exemplo), em geral, no mercado, a gente tem uma grande demanda e uma escassez de talentos.”

“

Mesmo que empresas estejam passando por readequação de quadros, há uma grande demanda e escassez de talentos

Lucas Toledo

Desafios para candidatos e o mercado

O presidente do PageGroup para a América do Sul, o holandês Gijs van Delft, explica que uma das maiores dificuldades em lidar com processos seletivos globais é garantir a padronização de serviços e de abordagens, além de assegurar pleno conhecimento das realidades locais e global de cada mercado.

Olly Harris, diretor global da empresa, complementa que, além da realidade da região, o *modus operandi* de cada empresa precisa ser levado em consideração, o que significa que diferentes companhias da mesma região podem também abarcar culturas diferentes. “O processo precisa fazer sentido para aquela empresa, não adianta querer fazer a mesma coisa para todas.”

Já do ponto de vista do

“

É preciso estar aberto a mudanças e à diversidade. Nesse contexto globalizado, é necessário ter muita curiosidade e vontade de aprender

Gijs van Delft

profissional qualificado, os especialistas afirmam que a mentalidade é muito exigida, principalmente em relação à capacidade de adaptação. “É preciso estar aberto a mudanças e à diversidade. Nesse contexto globalizado, é necessário ter muita curiosidade e vontade de aprender”, fala van Delft.

O executivo holandês também complementa que o principal desafio tem sido as questões legais e tributárias. Segundo ele, como não há exatamente um conjunto comum de regras a serem seguidas, demandando adaptações de acordo com as respectivas leis de cada região, esta parte acaba sendo bastante complexa. “Isso é uma tendência de mercado que ainda não tem 100% de regulação”, comenta.

Dicas - Como ter um Currículo Global?

■ A pedido da reportagem, o PageGroup listou os principais pontos que um candidato precisa atender para se encaixar na demanda por currículos globais. A seguir, os tópicos elencados pelo diretor executivo do Page Outsourcing, Lucas Toledo.

- Ter currículo e LinkedIn em inglês, bem feitos, com detalhes de competências e entregas, além de, no caso de gestores, realizar descrição sobre a capacidade de gestão;

- Investir em atualizações, cursos e certificações com reconhecimento internacional;

- Fortalecer sua rede de relacionamento com pessoas de outros países ou que tenham acesso a outros mercados para entender demandas, tendências e gerar abertura de oportunidades de trabalho;

- Postar conteúdos interessantes nas redes sociais, isto gera muito engajamento;

- Trabalho voluntário também é muito bem visto no exterior, pois mostra desenvolvimento pessoal e habilidades adquiridas com a experiência;

- Ter flexibilidade, capacidade de trabalhar em ambiente dinâmico e multicultural, lidar com diferentes estilos, trabalhar com diversidade, ter vontade de aprender e ser bastante curioso;

- Investir no aprendizado em idiomas.

PRESIDENTE DA SBPC

“As pesquisas têm que ser para o bem das pessoas”

Em entrevista, Renato Ribeiro aponta direções para o crescimento da ciência no país

Márcia Dementshuk e
Renato Félix
Assessoria SEC&T

Andar em uma montanha russa com altos e baixos é uma diversão para muitos. Mas quando as descidas e subidas representam em um gráfico a curva histórica de investimentos em ciência e tecnologia no Brasil a diversão acaba. Conforme levantamento apresentado pelo ex-ministro Sérgio Rezende, entre 1980 e 2002, o zigue-zague do valor executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, FNDCT, (corrigido para 2017) se dava entre menos de R\$ 2 milhões e R\$ 1 bilhão, um valor muito abaixo do ideal para o desenvolvimento científico, considerado por especialistas. O Ministério da Ciência e Tecnologia, criado em 1985, foi extinto e recriado três vezes em governos distintos, ao longo desses anos. Nos anos seguintes a 2002 a ciência brasileira avançou. De 2003 a 2010 os recursos vindos do FNDCT quintuplicaram, comparados a 2002.

Mas o trenzinho da montanha russa que sobe devagar despenca na descida. Em 2019 o novo governo iniciou cortando o orçamento do CNPq. A consequência era o corte das bolsas de fomento à pesquisa atingindo mais de 80 mil bolsas, se o orçamento não fosse recomposto. A Sociedade para o Progresso da Ciência, SBPC, entidade, que representa mais de 70 associações científicas, promoveu uma mobilização conduzindo mais de 900 mil assinaturas recolhidas para a Câmara Federal. Diante

da aprovação de um suplemento pelos deputados, o Ministério da Economia teve que liberar o recurso para o pagamento das bolsas.

De lá para cá, muitas surpresas desagradáveis. Cavando uma queda vertiginosa, em 2021 o governo contingenciou 91% do FNDCT que teve uma receita de cerca de R\$ 6 bilhões. Na tentativa de defender seu contingente, a SBPC efetivou intervenções a cada investida para o bloqueio de recursos que deveriam ser destinados para a Ciência e Tecnologia.

“Historicamente, a SBPC atua no Legislativo e Executivo em defesa da ciência, tecnologia e inovação, intermediando os interesses da comunidade científica e agindo em defesa do estabelecimento de orçamentos e regras adequadas à expansão deste importante setor”, informa o site da entidade.

Diante de uma nova perspectiva a partir do governo que inicia a SBPC indica caminhos para potencializar a pesquisa científica e a inovação tecnológica. O presidente da entidade, Renato Janine Ribeiro amplia o cenário em entrevista exclusiva para A União e adianta: “Fazendo um paralelo ou uma metáfora, o que eu espero é que a gente saia daquela situação em que se procura curar a doença para uma situação em que se procura promover a saúde. Melhorar a qualidade de vida. E há uma grande chance de fazer isso com o MCTI.”

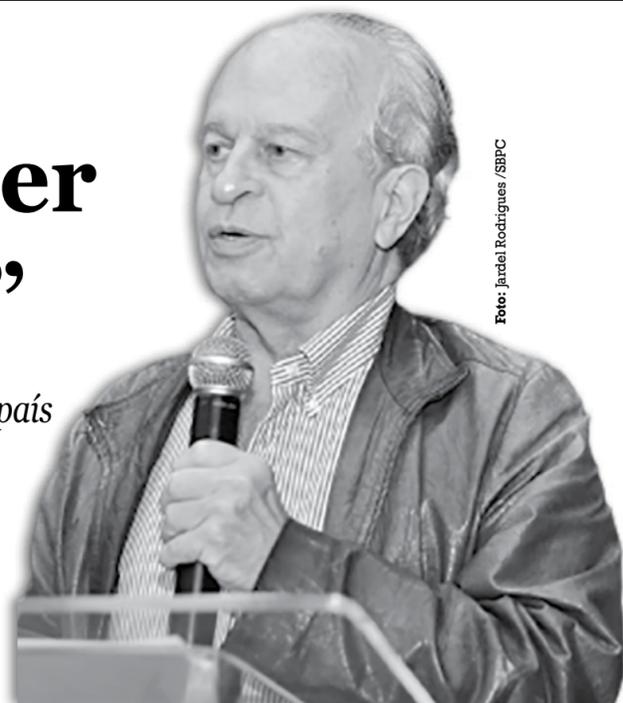


Foto: Jarda Rodrigues/SBPC

Presidente da SBPC, Renato Ribeiro, espera que o MCTI recupere o protagonismo

A entrevista

■ *Quais as contribuições esperadas da gestão ministerial do MCTI, de uma forma geral?*

O que esperamos da gestão da ministra Luciana Santos é que o MCTI recupere o protagonismo na questão do aporte que a ciência pode fazer para a solução dos grandes problemas nacionais e mais até do que, digamos, resolver os nossos problemas, encaminhar as nossas soluções, as nossas vitórias.

■ *Como se pode tratar de áreas estratégicas como Ciência, Saúde, Cultura, Educação, Meio Ambiente?*

Temos na SBPC um círculo virtuoso de sete elementos, os quais cinco foram enumerados. Além desses, eu acrescentaria tecnologia e inclusão social. Em um círculo virtuoso cada componente melhora os outros. Cuidado com o meio ambiente melhora a saúde. Mas a educação melhora todos os outros componentes, porque crescem a ciência, a saúde, a cultura. Temos que trabalhar para que o Brasil volte a esse período em que isso estava bem articulado. É interessante notar que a maior parte dos ministérios nesse enunciado é agora dirigida por mulheres, o que indica também um foco diferente, maior com o cuidado. Não é fortuito que o presidente Lula fala tanto em cuidar do Brasil, o que faz pensar na chamada ética do cuidado, que a estudiosa norte-americana Carol Gilligan tanto explorou como uma visão – dizia ela – mais feminina do mundo.

Articulação

O Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação precisa de uma articulação um pouco diferente da do SUS e do Sistema Nacional de Educação que almejamos

■ *Como potencializar a utilização desse complexo de recursos para a pesquisa científica no Brasil, os chamados componentes do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação?*

O Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação precisa de uma articulação um pouco diferente da do SUS e do Sistema Nacional de Educação que almejamos. No SUS e no Sistema Nacional de Educação se trata de articular as três instâncias – federal, estadual e municipal – ao passo que no Sistema de Ciência e Tecnologia são poucos municípios que têm uma atuação nesse tocante. Os estados têm, mas o principal é fazer que os componentes da União dialoguem entre si.

■ *De que maneira isso pode se dar?*

Sob a liderança certamente do MCTI, ter uma articulação que envolva a Embrapa, que

está no Ministério da Agricultura, a Capes, que está no Ministério da Educação, setores que estão no Ministério – que voltam a existir – da Indústria e Comércio... Até mesmo nas Forças Armadas há setores de pesquisas. Todos eles precisam estar bem articulados para que não haja desperdício de ação, de atividade, e que haja um foco. Isso supõe, por sua vez, que a gente procure definir uma nova estratégia nacional de ciência, tecnologia e educação, dado que a que foi aprovada em 2016 venceu no dia 31 de dezembro e foi pouco atualizada.

■ *Destaque alguns pontos importantes para a construção dessa estratégia?*

Dessa estratégia, eu teria a dizer que deveríamos evitar que começasse com a questão da Defesa. Já foi um sinal do protagonismo crescente da categoria militar no governo Temer e que chegou ao paroxismo no governo Bolsonaro, com os militares tendo uma importância grande, sob forma de salários e vantagens pessoais, mas não exatamente na construção de um projeto nacional. Então nós precisamos que tudo isso tenha um foco comum. Defesa deve estar, mas não como única prioridade. E tem que haver mais elementos focados na questão das desigualdades sociais, da injustiça social, da miséria e da fome. As próprias ciências humanas não são destacadas atualmente e é delas que depende você conseguir

melhorar muito da relação de convívio entre as pessoas – de comunicação e de construção da vida social.

■ *Como a SBPC se posiciona frente ao financiamento de pesquisas por empresas?*

A maior parte dos cientistas da SBPC – e a própria entidade – é favorável ao financiamento da pesquisa. O que nós queremos cuidado são apenas duas coisas. As pesquisas têm que ser para o bem das pessoas. Nós não somos favoráveis à pesquisa de guerra, agressão ou de destruição. Pesquisa bélica não tem a nossa simpatia. Da mesma forma, nós queremos muito que os resultados da pesquisa sejam usados para o bem das pessoas e não para o mal. Isso significa, por exemplo, que qualquer controle da intimidade das pessoas por câmeras, etc., deve estar sujeito ao escrutínio social para que não se torne abusivo, deve ser muito bem discutido. Outro ponto: embora as empresas possam ter lucros com as suas pesquisas, deve estar muito claro que esses lucros não podem ser abusivos. Da mesma forma que, se o investimento da empresa significar que ela vai definir quais as pesquisas realizadas pelo setor público, isso tem que ser muito bem discutido. Tem que ser uma pesquisa realmente para o bem da sociedade e não uma na qual, digamos, uma empresa, com um pequeno aporte, consegue canalizar todo o foco de um laboratório de universidade pública. Isso não deve haver. Deve haver é uma atenção muito grande aos que são os propósitos maiores da ciência.

■ *Falando em investimentos no setor de C, T & I, baseado nos debates*



Foto: Pixabay

Recurso para pesquisa caiu em 2019

consolidados pela SBPC, qual o valor que seria o ideal para os próximos quatro anos?

O valor ideal deve ser em torno de 2% do PIB [é um consenso]. Agora, também é bom levar em conta que o nosso PIB precisa crescer. O Brasil tem crescimento econômico não consegue realizar as missões que tem que fazer em ciência, em tecnologia, em inclusão social, em educação. Se nós quisermos ter uma educação boa, temos que chegar aos 10% do PIB, do Plano Nacional de Educação de 2014 a 2024, que não foi aplicado – com raras exceções que eu próprio deslanchei, como a base nacional curricular. Mas o Plano Nacional de Educação teoricamente vigente fixava em 10% do PIB o que iria para a educação. Então nós temos que aumentar sensivelmente o PIB para que todo esse valor caiba.

■ *E quais as estratégias para se alcançar esse valor dentro do orçamento federal?*

Antes de tudo, o protagonismo do Poder Executivo. Esses anos de crise levaram o Poder Executivo a perder muito do seu espaço em favor do Poder Legislativo e do Judiciário. É preciso que uma liderança comprometida com o futuro do Brasil restabeleça o papel do Poder Executivo que é aquele que foi eleito – na única eleição em que todos os brasileiros têm o mesmo peso, no voto de cada um – para dirigir o país. Que se retome o protagonismo do Poder Executivo e que esse seja capaz, dialogando com a sociedade, inclusive com as oposições, de definir rumos que geram uma política de ganhos para o maior contingente da sociedade. E faz parte disso nós deixarmos claro o quanto a ciência é relevante para que a vida das pessoas melhore.

■ *Alguma consideração final?*

Uma coisa que tenho sempre dito é o seguinte: contra o negacionismo, devemos pegar, por exemplo, um smartphone e mostrar que a pessoa que usa um aplicativo de distância ou um aplicativo para saber a chegada do ônibus, ela só tem isso porque a Terra é redonda. Não teria GPS se a Terra fosse plana. Então, se nós conseguirmos mostrar que cada ganho de qualidade na vida está ligada à ciência, isso será bom.

PRESERVAÇÃO DOS ANIMAIS

Sudema fará mapeamento da fauna

Ideia é colher dados importantes para embasar políticas públicas voltadas à conservação da fauna paraibana

Ítalo Arruda
Especial para A União

Constituir a vigilância sobre a biodiversidade da fauna na Paraíba é o principal objetivo da Divisão de Fauna da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), responsável pela gestão e pelo controle das atividades de uso e manejo de fauna silvestre em cativeiro (*ex situ*) e em vida livre (*in situ*). Para 2023, o órgão planeja a elaboração de um mapeamento de toda a fauna existente no território paraibano, a fim de obter dados técnicos e científicos, e, com isso, intensificar – além das ações de preservação – a promoção de políticas públicas voltadas à conservação da fauna. A informação é do chefe do setor, Leandro Silvestre.

Inicialmente, explica Leandro, este trabalho contemplará as espécies ocorrentes tanto nas Unidades de Conservação (UCs) quanto



Foto: Divulgação/Sudema

Silvestre quer anotar espécies ameaçadas e exóticas

nas unidades que possuem relevância ecológica, e, gradativamente, será expandido às demais áreas do estado. Ao todo, a Paraíba possui oito UCs, sendo quatro parques, duas reservas ecológicas, um jardim botânico e um monumento natural.

“Estas áreas de maior interesse para conservação abrigam uma diversidade faunística considerável, pois atuam como redutos de remanescentes florestais fornecendo condições para a manutenção da biodiversidade”, destaca o chefe da Divisão de Fauna, Leandro Silvestre, ressaltando que, com a catalogação das espécies, será possível elaborar um documento no qual constarão listas com os nomes das espécies ameaçadas e das espécies exóticas invasoras em cada um daqueles locais.

Ainda de acordo com Leandro, a criação da lista



Foto: Roberto Guedes

Jardim Botânico é uma das oito Unidades de Conservação

das espécies invasoras, especificamente, visa orientar a implementação de medidas para evitar a introdução e a dispersão destes animais, bem como reduzir significativamente o impacto dessas espécies sobre a biodiversidade e serviços ecossistêmicos, seja por meio de ações de controle, seja por meio de ações de erradicação. Já a relação das espécies ameaçadas possibilitará a adoção de ações de

prevenção, conservação, manejo e gestão, com vistas a minimizar as ameaças e o risco de extinção de espécies que se enquadram nesta situação.

“O mapeamento consistirá na compilação de informações fornecidas por bancos de dados online, coleções biológicas, literatura especializada, consulta a especialistas para cada grupo e atividades de campo”, explica Leandro Silvestre.

Proteção

Paraíba possui oito Unidades de Conservação, sendo quatro parques, duas reservas, um jardim botânico e um monumento natural

Riscos

Relação de espécies ameaçadas direciona ações para minimizar os riscos de extinção. Espécies invasoras também preocupam a equipe

Combate a maus-tratos

Desde que foi criada, em maio de 2021, a Divisão de Fauna tem possibilitado a formação de uma equipe técnica direcionada à questão da biodiversidade silvestre, cujo foco é o cumprimento dos objetivos institucionais da Sudema relativos não só ao licenciamento ambiental, mas também à autorização de uso dos recursos naturais e à fiscalização, ao monitoramento e ao controle ambiental na Paraíba. Além de coordenar e controlar as atividades relacionadas à fauna silvestre, a Divisão de Fauna da Sudema também realiza uma série de serviços voltados à fiscalização, apreensão, reabilitação e destinação de animais aos seus respectivos habitats. O setor também é imprescindível para a identificação de cativeiros irregulares e condições de maus-tratos.



Gavião de Pescoço Branco

Foto: Eduardo Jorge Cavalcante Vieira

Serviço

Principais atividades da Divisão de Fauna

- ▶ Controlar a atividade de manutenção em cativeiro de indivíduo das espécies fauna nativa e exótica;
- ▶ Expedir autorizações ambientais para uso e manejo de fauna silvestre em cativeiro, visando atender às finalidades socioculturais, de pesquisa científica, de conservação, de exposição, de manutenção, de criação, de reprodução, de comercialização, de abate e de

- beneficiamento de produtos e subprodutos;
- ▶ Avaliar e autorizar atividades em que o manejo de fauna se aplica visando a redução de impactos no controle e manutenção de populações;
- ▶ Monitorar os impactos decorrentes da instalação e operação de empreendimentos sobre as comunidades biológicas adjacentes;
- ▶ Apoiar ações de

- fiscalização, de imposição de sanções administrativas e de processamento de Autos de Infração Ambiental;
- ▶ Receber, identificar, marcar, triar, avaliar, recuperar, reabilitar e destinar animais silvestres e exóticos provenientes de ações de fiscalização, resgate ou entrega voluntária de particulares;
- ▶ Realizar atendimento veterinário e acompanhamento nutricional, sanitário e

- comportamental da fauna silvestre trazida à unidade;
- ▶ Emitir parecer técnico sobre condição fauna silvestre impactada ou ameaçada;
- ▶ Controlar a apanha de espécimes da fauna silvestre, ovos e larvas destinadas à implantação de criadouros e à pesquisa científica;
- ▶ Orientar e conscientizar sobre o uso dos recursos faunísticos de maneira sustentável.

PARAÍBA

Handebol busca dar a volta por cima

Retorno de competições garante novo ânimo ao esporte no estado, após o período da pandemia

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

São muitos os desafios, mas também inúmeras as conquistas quando se fala em handebol na Paraíba. É que o estado é um verdadeiro celeiro de grandes atletas, tendo emplacado vários nomes na Seleção Brasileira ao longo dos anos. Talentos das quadras e das areias que o estado segue fomentando a começar da base. Para o ano que se inicia, a expectativa é de crescimento no esporte, afetado de maneira importante pela pandemia da Covid-19. Torneios e campeonatos prometem movimentar o cenário e colocar mais uma vez o handebol no lugar de destaque que sempre esteve.

Abrindo as competições do ano está o Circuito Brasileiro Adulto, que acontece de 13 a 18 de janeiro nas areias da Praia de Tambaú. Pelo menos 10 equipes que somaram mais pontos no Circuito Nacional e no Campeonato Brasileiro se enfrentarão nas categorias adulto, cadete e juvenil, tanto no masculino quanto no feminino. Mas não é só, em seguida tem início um dos principais eventos da modalidade no país.

“Em seguida teremos a 26ª edição da Taça Kika de Handebol de Areia com pelo menos 60 equipes de todo o Brasil e uma de Portugal. Ano passado tivemos um número menor de equipes, já que ainda estávamos na pandemia. Esse ano o volume de equipes e o nível vai ser muito alto e com certeza teremos um grande evento”, destaca Rossana Marques, idealizadora da Taça, e uma das grandes fomentadoras do esporte no estado.

O Campeonato Paraibano, por exemplo, teve a dinâmica afetada pela pandemia, como destacou o diretor do Departamento de Futebol de Areia da Federação Paraibana de Handebol, Silvio Lago. O entrevistado falou ainda sobre outras consequências que enfraqueceram a prática do esporte. “Era muito disputado, mas deu uma quebrada. Alguns times se desfizeram ao longo dos dois anos e o medo da pandemia nos fez não realizar o evento em 2022, quando focamos em pequenos festivais e torneios”.

O desafio agora é provocar o interesse e trazer de volta os atletas. “Atualmente os adultos que brilharam no passado recente estão findando suas carreiras. Mas nós estamos enxergando aqui no CT Rossana Marques uma geração que vai se perpetuar durante 20 anos já que as atletas da Seleção Brasileira chegam a uma média de 35 anos e o time cadete e juvenil da Rossana tem uma média de 15 anos, com atletas que estão se sobressaindo no cenário nacional”. O Centro de Treinamento é um dos principais do estado, responsável por formar grande parte dos atletas de destaque nacional.

Mas para que os atletas se desenvolvessem cada vez mais é preciso que haja incentivo. Rossana chama a atenção para o tema. “Se eles prosseguirem, se tiverem estímulo, bons campeonatos aqui pra segurar, com certeza o nível da Paraíba vai voltar a ser gigante, um dos melhores do Brasil e até do mundo como éramos”.

Era com o Rio de Janeiro que a Paraíba disputava o posto de polo de formação de atletas do handebol na categoria adulto, entre os atletas da juvenil a disputa sem-

pre se deu com o Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro.

Quem também tem anos de contribuição voltados para o handebol paraibano é Aldivan Rodrigues, que treina atualmente as equipes da Vila Olímpica Parahyba e Uniesp. Em 40 anos de carreira, o professor conta que viveu muitas experiências no esporte e que, apesar das dificuldades, a Paraíba se mantém firme no ranking dos melhores do país nas quadras e principalmente nas areias.

“Essa parte financeira deixa a gente muito limitado e esses dois anos de pandemia custaram muito caro pra a gente. Estamos agora focados no Brasileiro que vai acontecer aqui em João Pessoa onde traremos atletas de destaque para as disputas”. Aldivan lembra que é no handebol de areia que o estado tem se sobressaído, somando vitórias importantes e revelando grandes nomes já conhecidos da Seleção Brasileira. “Já tivemos muitos nomes nas quadras, mas no momento é nas areias que temos conquistado mais vitórias. Bruno Carlos, Gil Vicente, Aldrin Andrade, Gabriel Henrique e Pedro Santana são alguns dos nossos destaques”, elenca.

Paraibanos na Seleção

Uma das que escreveu o nome na história do handebol brasileiro foi Millena Alencar. A paraibana defendeu a camisa verde e amarela pela primeira vez em 2008 no Mundial da Espanha. Até o ano passado, a atleta que joga como pivô, lateral esquerda ou especialista, conquistou alguns pódios importantes. “O Mundial em Omã em 2012, World Games Colômbia em 2013,

World Games Polônia em 2017. Conquistei dois títulos individuais, o de melhor lateral esquerda do mundo em 2010, no Mundial da Turquia e melhor especialista em 2022, nos Jogos Centro-sul Americanos no Brasil”.

Desde 2005 na seleção de handebol de areia, Cinthya Piquet continua sendo destaque. Aos 37 anos a tricampeã mundial, tricampeã do World Games e tricampeã Sul-Americana conta como é estar entre as melhores do país. “Jogar na Seleção é a realização de um sonho antigo e que se tornou realidade. Representar o meu país além de uma grande responsabilidade, que é manter o nosso país no topo já que estamos entre os melhores desde 2005, é motivo de muito orgulho”. Sobre o handebol na Paraíba, a atleta que já tem uma filha se destacando na modalidade, afirma ser sim um dos melhores do país e faz questão de citar sua grande incentivadora. “Nós temos um trabalho de base muito bom que é feito através da professora Rossana há muito tempo. A Paraíba está entre as melhores equipes do Brasil”.

Ingrid Frazão, Thays Petrucci, Lavínia Soares e Mayssa Pessoa também colaboraram para o sucesso da Seleção Brasileira ao longo dos últimos anos. Paraibanos e paraibanos que contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento do esporte seja nas quadras ou nas areias e que, naturalmente, seguem passando legados. O professor Aldivan Rodrigues é um deles. Colecionador de títulos e descobridor de talentos, o técnico está de malas prontas. “Minha carreira está encerrando aqui no Brasil, vou acompanhar a carreira do meu filho na quadra lá em Portugal”.



Foto: Marcos Russo

A Taça Kika de Handebol é um dos eventos mais importantes do calendário paraibano e começa no próximo dia 19, com a participação de 60 clubes, entre eles, um de Portugal

FUTEBOL MUNDIAL

Endrick na lista de jovens promissores

Jogador do Palmeiras, de apenas 16 anos, aparece em quinto lugar entre os 50 destacados por revista britânica

Agência Estado

A revista britânica FourFourTwo, especializada no mundo da bola, colocou Endrick e outros cinco brasileiros em sua lista anual dos 50 jovens mais promissores do futebol mundial. O atacante do Palmeiras é o mais bem colocado entre os representantes do país, na quinta colocação. A publicação destacou os 165 gols marcados na base alverde e qualidade técnica da joia de 16 anos.

"Você não pode ensinar (a ninguém) o que já nasceu com Endrick", diz a matéria. "O poder é assustador. Depois de anos com o resto da América do Sul produzindo centroavantes explosivos, como Luis Suárez e Sergio Agüero, o Brasil agora parece ter um igual. Não é apenas a velocidade de seus pés, mas suas reações relâmpago: ele já marca todos os tipos de gols", conclui.

Promovido aos profissionais do Palmeiras há pouco menos de um ano, Endrick já tem um destino traçado fora do clube paulista. O atacante foi negociado com o Real Madrid por 72 milhões de euros (R\$ 408,6 milhões na cotação atual), a segunda maior venda da história do futebol brasileiro, atrás apenas da venda de Neymar pelo Santos ao Barcelona, em 2013, por 88,4 milhões de euros. Ele fica na equipe palestrina até julho de 2024, quando completará 18 anos.

Em pouco tempo, Endrick já quebrou alguns recordes do clube. Ele se tornou o mais jovem a estreiar pelo time (16 anos, dois meses e 15 dias), e a fazer um gol no profissional (16 anos, três meses e quatro



Endrick já quebrou alguns recordes do clube: tornou-se o mais jovem a estreiar pelo time e a fazer um gol no profissional

dias). Na equipe principal, Endrick disputou sete partidas, marcou três gols e conquistou o Campeonato Brasileiro de 2022.

O segundo brasileiro mais bem posicionado na lista é o atacante Marcos Leonardo, do Santos, na 35ª posição. O atacante de 19 anos está na equipe principal desde 2020,

mas ganhou sequência apenas na última temporada. Ao todo, são 33 gols em 119 jogos pelo time santista. O clube da Vila Belmiro também é representado no ranking pelo ponta direita Ângelo, de 17 anos, na 37ª colocação. Enquanto a FourFourTwo destaca a capacidade de finalização do primeiro, este último

é elogiado pela criação de jogadas.

Maior contratação da história do Athletico-PR, o atacante Vitor Roque foi listado na 39ª colocação. Contratado junto ao Cruzeiro por R\$ 24 milhões, o jogador de 17 anos é citado como uma opção aos gigantes da Europa que perderam a corrida pela

assinatura de Endrick - são 13 gols em apenas 52 jogos na carreira.

Marquinhos, ex-São Paulo e atualmente no Arsenal, e Matheus Nascimento, do Botafogo, também representam o Brasil na lista, na 42ª e 45ª colocação, respectivamente. O atacante de 19 anos do time inglês foi contratado

junto ao tricolor paulista por 3 milhões de libras e ainda não teve sequência na Inglaterra, mas é visto com potencial. Já a joia botafoguense, de 18 anos, acumula convocações para a Seleção Brasileira de base e já foi especulado no Real Madrid. Atualmente se recupera de lesão e está fora do Sul-Americano Sub-20.

Top 10

- 1°. Jude Bellingham (Inglaterra, 19 anos. Borussia Dortmund)
- 2°. Jamal Musiala (Alemanha, 19 anos. Bayern de Munique)
- 3°. Benjamin Sesko (Eslovênia, 19 anos. Red Bull Salzburg)
- 4°. Gavi (Espanha, 18 anos. Barcelona)
- 5°. Endrick (Brasil, 16 anos. Palmeiras)
- 6°. Youssoufa Moukoko (Alemanha, 18 anos. Borussia Dortmund)
- 7°. Romeo Lavia (Bélgica, 18 anos. Southampton)
- 8°. Alejandro Garnacho (Argentina, 18 anos. Manchester United)
- 9°. Harvey Elliott (Inglaterra, 19 anos. Liverpool)
- 10°. Carney Chukwuemeka (Inglaterra, 19 anos. Chelsea)

Outros brasileiro:

- 35°. Marcos Leonardo (Brasil, 19 anos. Santos)
- 37°. Ângelo (Brasil, 17 anos. Santos)
- 39°. Vitor Roque (17 anos. Athletico-PR)
- 42°. Marquinhos (Brasil, 19 anos. Arsenal)
- 45°. Matheus Nascimento (Brasil, 18 anos. Botafogo)

BÁRBARA TIMO

Judoca supera acidente de carro e anemia para subir ao pódio

Agência Estado

"O sentimento é que eu sou uma sobrevivente de 2022. A frase é a definição dada por Bárbara Timo, judoca nascida no Brasil e que luta por Portugal desde 2019. A atleta superou um acidente de carro que quase tirou sua vida, uma anemia profunda, um período de depressão e foi uma das responsáveis por um movimento dos lutadores para melhorias na Federação Portuguesa de Judô. E ainda fechou o ano com o pódio no Mundial.

Bárbara Timo teve uma lesão em um dedo da mão e precisou passar por uma cirurgia para correção do problema logo no começo do ano. Três meses depois, a judoca voltou a competir, foi ao pódio por Portugal em uma competição na Europa e teve o maior susto da vida.

"Em abril eu tive um acidente de carro. Seguindo os médicos que nos atenderam, o estranho de tudo foi que todos os cinco que estavam no veículo (quatro atletas e o motorista) conseguiram sair com vida. O esperado, pela gravidade de tudo, era ter acontecido alguma fatalidade. O nosso carro bateu em um caminhão, rodou e bateu em um muro. Todos tivemos algumas lesões, eu tive um problema no ombro que me acompanhou por meses, mas nada além disso", afirmou a judoca.

Cerca de dois meses depois do acidente, Bárbara Timo passou a se sentir estranha nos treinos. Sem entender muito bem a razão, a judoca se achava cada vez mais fraca, sem intensidade e com dificuldade para algumas coisas que eram necessárias na rotina de esportista. Por causa disso, após algum tempo, ela optou por

pedir um tempo longe das competições para o seu clube, o Benfica

No período longe dos torneios, a judoca seguiu com todo o suporte e acompanhamento do clube. Em uma das séries de exames que fez descobriu o que era a causa de todos os sintomas que vinha sentindo nas semanas anteriores: uma anemia profunda.

"Nunca descuidei da minha alimentação em Portugal, mas já tive episódios de anemia na minha infância e pode ter alguma relação. O lado bom é que tudo que eu estava passando, da

fraqueza, falta de intensidade e resistência, estavam me deixando em dúvida sobre o meu rendimento, a minha capacidade e me fizeram ter um momento de depressão. Descobrir que era por conta da anemia me fez achar o motivo e focar para recuperar", afirmou.

Luta fora dos tatames

Não bastasse o acidente no primeiro semestre e a questão médica que a deixou fora das competições por alguns meses, Bárbara Timo ainda ti-

nha um adversário maior para enfrentar em 2022.

No começo de outubro, ela foi um dos seis atletas da seleção portuguesa de judô que escreveram uma carta pedindo a saída do presidente da Federação Portuguesa da modalidade. A razão do pedido foi, entre outros motivos, a falta de compreensão, flexibilidade e sensibilidade por parte do presidente, que resultou em um "clima insustentável e tóxico".

Por causa disso, Bárbara Timo se tornou o rosto do movimento dos atletas e passou a falar abertamente sobre o movimento. "A gente apenas tentou mostrar o que estava acontecendo e o que a gente não concordava. Apenas isso. Buscamos dialogar e não foi possível, em um primeiro momento. Por conta disso, optamos pela carta e ela ganhou a proporção que teve. A maior parte das pessoas nos apoiou, mas teve uma pequena parcela de pessoas que criticou duramente, principalmente pelo fato de eu ser naturalizada. Acho que o momento que eu passei e a minha preocupação com a saúde mental me fez abrir mais os olhos e buscar uma solução", afirmou.

Recentemente, Jorge Fernandes, então presidente da Federação Portuguesa de Judô, foi julgado pelos delegados da entidade em assembleia geral e acabou destituído do cargo por 45 votos a 0.

Chave de bronze

Mesmo com os altos e baixos do ano, Bárbara Timo chegou para mais um Mundial de Judô como uma das candidatas ao pódio na categoria até 63kg. Sabendo que, nesta edição, a dedicação, concentração e raça em cada uma das lutas seria ainda mais neces-

sária, a atleta não fez feio. Com cinco vitórias em seis lutas, perdendo apenas a semifinal para a japonesa Horikawa Megumi, Timo ficou com a medalha de bronze.

A conquista foi a segunda em um Mundial na carreira de Bárbara como judoca de Portugal. Com o bronze, Timo entrou para um seleto grupo do judô português com mais de uma medalha em competições deste tipo. Além dela, Telma Monteiro conquistou o pódio em cinco oportunidades, com quatro ouros e duas pratas, e Jorge Fonseca foi medalhista em duas vezes, com dois ouros.

■ Bárbara teve uma lesão em um dedo da mão e precisou passar por uma cirurgia para correção do problema logo no início de 2022

"Eu não consigo colocar em palavras o que aconteceu nesse mundial. O pessoal brinca que quando eu tenho um problema médico que me afasta dos tatames eu volto já com pódio garantido e isso aconteceu no Mundial. Acho que foi mais uma vez a prova de que eu posso, que eu consigo", afirmou a judoca



Luso-brasileira tem uma história de superação para seguir vencendo no judô

Foto: Divulgação/FIJ

MAIS POLÊMICA

Pelé não foi ao enterro de Garrincha

Despedida de seu grande parceiro na Seleção Brasileira e rival em clube aconteceu há 40 anos, em Pau Grande (RJ)

Agência Estado

O velório de Pelé, morto no dia 29 de dezembro após batalha contra um tumor no cólon, foi cercado de polêmicas. Campeões mundiais foram criticados por não comparecerem no último adeus ao Rei do Futebol, velado entre segunda e terça-feira no gramado da Vila Belmiro, em Santos. Em 1983, reportagem publicada pelo Estadão noticiou que Pelé foi alvo de críticas por não ir ao enterro de Mané Garrincha, seu maior parceiro na Seleção Brasileira, com quem venceu as Copas de 1958 e 1962.

O enterro de Garrincha aconteceu em Pau Grande, distrito de Magé, na Baixada Fluminense, terra natal do ídolo do Botafogo. O "Anjo das Pernas Tortas" faleceu aos 49 anos em decorrência de problemas relacionados ao alcoolismo. O velório foi acompanhado por cerca de oito mil pessoas, depois de um percurso de 63 quilômetros do Rio de Janeiro. Segundo a publicação do Estadão, o público que se despedia de Mané se indignou ao perceber a ausência de Pelé. Uma coroa de flores enviada pelo Rei do Futebol foi retirada por um amigo de Garrincha.

Entre os antigos companheiros de Garrincha que compareceram ao seu velório estavam Nilton Santos, Bellini, Ademir, Gilmar e Félix. O zagueiro Brito foi o que mais demonstrou revolta com a ausência de Pelé. "Dava tempo de Pelé aparecer. De madrugada, na hora em que só estavam no velório a família e os amigos mais chegados, o Pelé poderia ter aparecido que não seria molestado e não haveria tumulto. Acho que o Pelé pisou na bola", disse à reportagem do Estadão em 1983.

Ídolos da época, como Zico - principal jogador do futebol brasileiro naquele momento -, também não marcaram presença no enterro de Garrincha. Dos atletas em atividade, apenas Roberto Diniz, recém-contratado pelo Flamengo, e Luisinho, atacante do América, estiveram na solenidade. "Isso mostra que a classe é desunida", completou Brito.

Ainda de acordo com a matéria, Pelé passou a noite em uma festa na casa do seu amigo Alfredo Saad, no Rio. Ele foi avisado da morte de Mané, mas optou por não aparecer. Em entrevista à Revista Época, em 2000, ele afirmou que não foi ao velório de Garrincha por "não gostar de enterros", além de não estar tão próximo do ídolo botafoguense à época de sua morte. Seis anos depois, à Folha de S. Paulo, ele afirmou novamente não ter o costume de ir a velórios ao comentar a ausência na despedida da filha Sandra Regina, de quem não tinha proximidade e só descobriu a paternidade anos depois.

Despedida do Rei

Apenas dois jogadores campeões mundiais com a Seleção Brasileira foram ao velório de Pelé: o companheiro do tricampeonato Clodoaldo (1970) e o volante

Mauro Silva (1994), vice-presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF). Por outro lado, cerca de 230 mil pessoas passaram pelo gramado da Vila para se despedir do Rei.

Ronaldo Fenômeno, pentacampeão em 2002, e Romário, tetra em 1994, enviaram coroas de flores ao velório. Entre os jogadores convocados para a Copa do Mundo do Qatar, nenhum compareceu. Neymar foi representado por seu pai. O técnico Tite, que recentemente deixou o cargo de técnico da Seleção, também não foi a Santos.

Cafu e Rivaldo, craques do penta, justificaram a ausência através das redes sociais. Enquanto o capitão da conquista de 2002 disse que não pôde ir porque estava fora do Brasil e não conseguiu antecipar o voo. Por sua vez, o ex-atacante do Barcelona e Milan disse que não foi ao enterro de Pelé porque fez a sua homenagem enquanto o Rei ainda estava em vida. Marcos, goleiro do título no Japão e ídolo do Palmeiras, se defendeu dizendo que ninguém havia ido no velório de seus pais.



Rivais em seus clubes (Santos e Botafogo), Pelé e Garrincha formaram grande dupla na Seleção Brasileira nos títulos mundiais de 1958 e 1962

Avenida Rei Pelé, a nova homenagem

Marcio Dolzan
 Agência Estado

Desde a última quarta-feira, quem quiser chegar ao Estádio do Maracanã muito provavelmente irá passar pela Avenida Rei Pelé. Isso porque a Prefeitura do Rio alterou o nome de um trecho da Radial Oeste,

via que passa em frente ao principal estádio do país, homenageando o Rei do Futebol. As placas de sinalização ao longo da avenida já foram alteradas, e aquela que cita o novo nome do trecho foi colocada em frente a um dos acessos ao Maracanã.

"PELÉ - (1940) Edson

Arantes do Nascimento. Atleta do Século Maior jogador de futebol de todos os tempos. Sinônimo de Brasil aos olhos do Mundo", diz a toponímia que explica o nome da rua.

A alteração do nome foi publicada no Diário Oficial do Rio, após decreto do prefeito Eduardo Paes. Na

justificativa, Paes apontou que o Maracanã é "templo do futebol brasileiro"; citou "as emoções vividas naquele estádio, no qual uma jogada extraordinária em março de 1961 deu origem à expressão 'Gol de Placa' realizada pelo Rei"; que "no momento que a bola chega aos pés de Pelé, o futebol se transforma em poesia"; e que foi lá que Pelé marcou seu milésimo gol.

Conhecida como Radial Oeste, a avenida cujo trecho foi rebatizado em homenagem ao Rei do Futebol na verdade se chama Presidente Castelo Branco, primeiro presidente da Ditadura Militar. A alteração do nome de uma via com mais de 20 anos é vedada por lei, e por isso a solução encontrada foi alterar apenas a nomenclatura de um trecho dela. Ao todo, a Avenida Rei Pelé tem 1.470 metros de extensão, com início na Avenida Maracanã e final na confluência das ruas São Francisco Xavier e Oito de Dezembro.

Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil



A rua em homenagem a Pelé passa em frente ao Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro

COPA DO NORDESTE

Botafogo decide vaga contra o Santa

Jogo no Estádio do Arruda, em Recife, às 19h15, de portões fechados, define o clube classificado para a fase de grupos

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

O Botafogo-PB tenta, hoje, colocar mais uma equipe paraibana na fase de grupos da Copa do Nordeste. O Belo encara o Santa Cruz-PE num confronto que já começa recheado de polêmica em função do regulamento do torneio que prevê a vantagem de mando de campo para equipe melhor ranqueada no Ranking Nacional de Clubes (RNC).

De acordo com o regulamento, nesta fase da competição, os clubes mandantes das duas partidas de fases eliminatórias, ambas em jogo único, serão aqueles melhores ranqueados na CBF. A diretoria do Botafogo alega que o critério foi baseado, mantendo o RNC da temporada de 2022, onde a equipe pernambucana ocupa a 46ª posição, enquanto o Botafogo-PB aparece na 59ª. Dessa forma, o Belo encara o Santa Cruz como visitante, no Estádio Arruda, em Recife, a partir das 19h15, de portões fechados para a torcida, clube cumpre punição da Justiça. Caso fosse levado em consideração o RNC de 2023, o Belo era quem seria o mandante do confronto,

já que ocupa a atual 51ª posição, cinco posições acima do rival pernambucano.

“Infelizmente o regulamento da competição manteve como critério para essa definição o ranking nacional de 2022. E teremos de cumprir essa deci-

são aliado ao fato de que a partida não terá divisão de rendas, em virtude de que o confronto ocorrerá de portões fechados”, comentou o presidente do clube, Alexandre Cavalcanti.

Apesar da polêmica, o grupo vai determinar para o duelo e acredita ter condições de conseguir a classificação pela terceira vez consecutiva, para fase de grupos da competição regional, mesmo jogando na casa do adversário.

“Teremos um jogo difícil contra um dos grandes clubes do futebol brasileiro. O nosso objetivo é voltar com a nossa classificação, pois temos consciência de nossas forças e que somos capazes de conseguir um resultado positivo”, finalizou.

Contra o tricolor pernambucano, o Botafogo vai reencontrar um velho conhecido fora das quatro linhas, o treinador Ranielle Ribeiro, que comandou o Campinense durante as temporadas 2021 e 2022, protagonizando grandes duelos contra o alvinegro paraibano.

Contra o tricolor pernambucano, o Botafogo vai reencontrar um velho conhecido fora das quatro linhas, o treinador Ranielle Ribeiro, que comandou o Campinense durante as temporadas 2021 e 2022, protagonizando grandes duelos contra o alvinegro paraibano.

“
Infelizmente o regulamento da competição manteve como critério para essa definição, o ranking nacional do início do ano passado

Alexandre Cavalcanti



Jogadores do Botafogo comemoram a classificação nas penalidades diante do Retrô-PE na última quinta-feira, no Almeidão

CRISTIANO X MESSI

Jogadores podem estar frente a frente em amistoso do PSG

Agência Estado

O técnico argentino Marcelo Gallardo, ex-River Plate, anunciou na última quinta-feira que será técnico do combinado entre Al-Nassr e Al-Hilal, clubes da Arábia Saudita, em amistoso com o francês Paris Saint-Germain no dia 19 de janeiro. O duelo pode opor o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi.

“Quero anunciar que em 19 de janeiro vou comandar o Riad Season que será formado com jogadores do Al-

Dia 19

Combinado formado pelo Al-Nassr e Al-Hilal, que terá Cristiano Ronaldo, e Galhardo, ex-River Plate, como técnico, vai enfrentar o PSG, de Messi, em amistoso em solo árabe

Hilal e Al-Nassr. Nos vemos em solo árabe”, disse Gallardo em breve comunicado.

Cristiano Ronaldo foi apresentado nesta semana no Al-Nassr em uma transação polêmica que suscitou inúmeras críticas ao astro lusitano. O jogador diz que tem importante missão a cumprir no futebol saudita e rejeita aposentadoria.

Messi retornou ao Paris Saint-Germain neste início de ano após a conquista da Copa do Mundo do Qatar pela seleção argentina. O PSG terá duas semanas

de descanso do futebol francês entre 15 e 29 de janeiro e aproveitará o período para realizar o amistoso.

Barcelona

Joan Laporta, não gostaria de ter aberto mão do ídolo Messi em 2021. O dirigente até teve relações cortadas com o astro argentino por não conseguir a renovação do contrato. Na última quinta-feira, o presidente do clube catalão deu explicações sobre o motivo de não ter chegado a um acordo e explicou que “teve de colocar

o clube na frente do melhor jogador do mundo.”

Em entrevista ao programa Que T’hi Jugues, da SER Catalunya, o dirigente garantiu que já se entendeu com o astro argentino e falou que as portas do Barcelona estarão sempre abertas para um retorno após o fim do contrato com o Paris Saint-Germain - terminaria em julho, mas o astro teria um acordo verbal de mais um ano com os franceses.

“Leo sempre fará parte da história e gostaria que ele tivesse um final diferente do

que teve”, disse Laporta, antes de explicar o motivo do adeus. “Tive de colocar a instituição acima do melhor jogador da história naquele momento de ruína financeira. Isso me deixou muito triste, mas não consegui conter. O contrato acabou e ficamos em ruínas”, explicou.

Laporta explicou que, mesmo com a redução drástica de salário, LaLiga não permitiria ao clube a renovação e, ao mesmo tempo, a inscrição dos jogadores contratados na época sem superar o Fair Play Financeiro.



Foto: Reprodução/Goal

Os dois melhores jogadores do mundo da última década, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, vão se defrontar nos próximos dias num amistoso programado para o próximo dia 19

A história revisada

Pesquisadores garantem que a Paraíba nasceu no município de Santa Rita e foi criada 11 anos antes da data oficial da fundação de João Pessoa: 5 de agosto de 1585



Ilustração: Tônio

Paraíba era Samuraguai e o Sanhauá não é um rio

De suas pesquisas sobre as origens da Paraíba, os pesquisadores Francisco de Aguiar e Gilvan de Brito também apontam outras informações inéditas que são ignoradas pela história tradicional e que são relacionadas aos rios Paraíba e Sanhauá.

Em relação ao Rio Paraíba, que nasce em Monteiro e deságua em Cabedelo, o professor Francisco Aguiar se vale do mesmo 'Dicionário das Batalhas Brasileiras', de Hernâni Donato, para revelar que, para os indígenas, o nome verdadeiro não tinha nada a ver com Paraíba. "Era Rio Samuraguai".

E diz mais. Ele detalha que, ao chegarem por aqui, os portugueses primeiro deram o nome de São Domingos (santo do dia) e que Rio Paraíba é um nome que só veio a se consolidar no século seguinte, mais precisamente do meio para o final do domínio holandês (1634-1654). Não há uma tradução precisa para Samuraguai, mas as projeções apontam para Samurá, utensílio de pesca, e Guai, comer.

Sobre o Rio Sanhauá, quem pesquisa e se posiciona é o jornalista e escritor Gilvan de Brito. Ele explica que, ao contrário do que se pensa e se diz, o Sanhauá é um braço de mar e não propriamente um rio. "Como os demais, ele não nasce no território e desce para desaguar no mar".

E continua: "O Sanhauá nasce no Estuário do Rio Paraíba, antes mesmo da Praia do Jacaré, e não desce para o mar. Sobe em direção contrária, dividindo os municípios de João Pessoa e Bayeux e terminando nas proximidades do Conjunto Residencial Alto do Mateus", aponta.

Gilvan acrescenta que "é por nascer no estuário, quase no mar, que o Sanhauá varia de extensão de acordo com o fluxo da maré. Na alta, ele vai mais e, na maré baixa, ele vai menos longe do litoral. É composto de águas doces (do Paraíba) e salgadas (do Oceano Atlântico) que se misturam e vivem permanentemente em fluxo e refluxo", explica Gilvan.

Concluindo, ele detalha que, em Tupi, Sanhauá quer dizer "dente redondo", nesse caso, uma clara referência ao fato de nascer na "boca" (foz do Rio Paraíba), e ter muitas curvas em seu curto percurso e extensão.

Ademilson José
Especial para A União

A passagem dos 200 anos de Independência do Brasil no ano de 2022 tem ampliado bastante os debates sobre a história do Brasil e, com isso, provocando outro debate que trata da necessidade de uma revisão nos registros de muitos fatos importantes, entre eles, os que tratam inclusive das datas de criação e início da fundação da Paraíba.

Apesar de já haver uma polêmica envolvendo as datas de 5 de agosto e 4 de novembro de 1585, há pesquisadores alertando que, com base em relatos citados pela grande maioria dos historiadores, inclusive dos próprios envolvidos nessa polêmica, o início da fundação não se deu em João Pessoa, capital paraibana, mas aconteceu no ano anterior e em outro local.

"A primeira construção em território da Paraíba se deu mesmo em 1584 e não em 1585; e o local é aquele onde existe hoje o Forte Velho, que atualmente pertence ao território do município de Santa Rita", afirma o professor e pesquisador Francisco Aguiar, autor do livro 'Santa Rita, Sua História, Sua Gente'.

Fundamentado em diversas fontes, entre elas o 'Dicionário das Batalhas Brasileiras - Dos Conflitos com Indígenas aos Choques da Reforma Agrária' (1996), Editora Ibrasa, de Hernâni Donato, ele explica que esse forte teve o nome de São Felipe e São Tiago, uma homenagem simultânea a Felipe, rei da Espanha, e a Santiago, santo do dia 25 de julho, quando a obra foi concluída pelo espanhol Francisco de Castrejón.

Francisco Aguiar alega que esses dados se encontram também na conhecida 'História do Brasil', do Frei Vicente de Salvador, onde ficou esclarecido ainda que esse primeiro forte foi basicamente de pau a pique (eles realmente dispunham de muita madeira), mas já contou com algumas coisas de cal e pedra. "E pedras que eles tra-

Foto: Reprodução

FRANCISCO DE PAULA MELO AGUIAR
SANTA RITA
SUA HISTÓRIA, SUA GENTE



ziam para evitar que as caravelas que carregavam pau-brasil viessem vazias", explica.

Ele garante que isso ocorreu já em 1584 e que somente um ano depois (agosto ou novembro), sob o comando de João Tavares, é que os portugueses iniciaram algum tipo de construção às margens do Rio Sanhauá, dando origem ao que se tem hoje por João Pessoa.

Apesar de Castrejón ter sido o responsável pela inauguração do verdadeiro primeiro forte em 25 de julho, o início da construção data de 1º de maio de 1584, através de outro espanhol, o almirante Diogo Flores Valdez, que, juntamente com o português Frutuoso Barbosa, comandou as tropas da União Ibérica que haviam invadido a Paraíba em fevereiro daquele mesmo ano.

Flores Valdez deixou Castrejón em seu lugar e voltou para anunciar suas conquistas ao rei da Espanha, se aproveitando da pequena tropa de Castrejón, os potiguaras tocaram fogo nessas construções que, semidestruídas e abandonadas, ao longo dos anos seguintes passaram a ser chamadas de Forte Velho, o nome que se mantém até hoje.

Francisco Aguiar explica que a escolha do hoje Forte Velho para a primeira construção se deu, inclusive, por uma questão de estratégia. "Era de lá que, meio recuados, eles podiam avistar melhor as embarcações inimigas que se aproximavam de Cabedelo", diz.

Morte do rei protela ocupação da capitania

Em se tratando de criação formal do estado da Paraíba, quem se apresenta para contestar as versões tradicionais e oficiais é o pesquisador e jornalista Gilvan de Brito. "Eu não me canso de repetir que, ao invés de 1585, a criação da Paraíba aconteceu 11 anos antes, em 1574", garante ele.

Gilvan detalha a tese argumentando que isso se deu logo depois da chamada Tragédia de Tracunhaém, nas proximidades de Goiana, em Pernambuco, onde, liderados pelo cacique Iniguaçu, da Serra da Copaoba (hoje município paraibano de Serra da Raiz), os potiguaras da Paraíba tocaram fogo no engenho e mataram mais de 600 pessoas, entre elas o proprietário Diogo Dias.

E como toda grande guerra tem sempre uma mulher no meio (miremse no exemplo de Tróia), o motivo do massacre potiguara é que, com ele, o

cacique Iniguaçu pretendia (e conseguiu) resgatar a filha, Iratembé (lábios de mel), que, dias antes, havia sido raptada pelo dono do engenho.

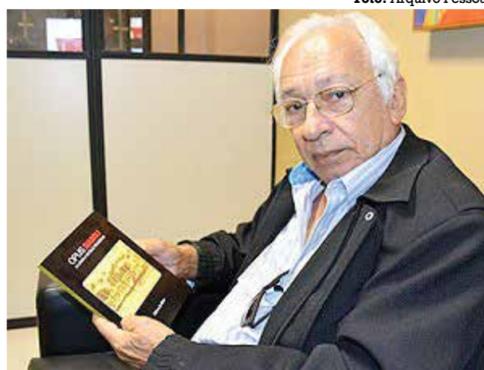
Gilvan garante que o ato de criação da capitania por parte de Dom Sebastião se deu naquele momento e que tem documentos comprovando isso na Torre do Tombo, em Lisboa, capital portuguesa, e na Biblioteca Real Literatura Portuguesa do Rio de Janeiro. A criação, segundo ele, se deu sem simultânea ocupação e por decisão do rei Dom Sebastião que, dois anos depois, morreu na Batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos.

"A morte dele terminou protelando a ocupação, o que João Tavares e Martin Leitão só conseguiram em 1585, mas a criação é de lá, do ano de 1574, 11 anos antes do que falam os defensores da história oficial", justifica Gilvan.

Foto: Arquivo Pessoal



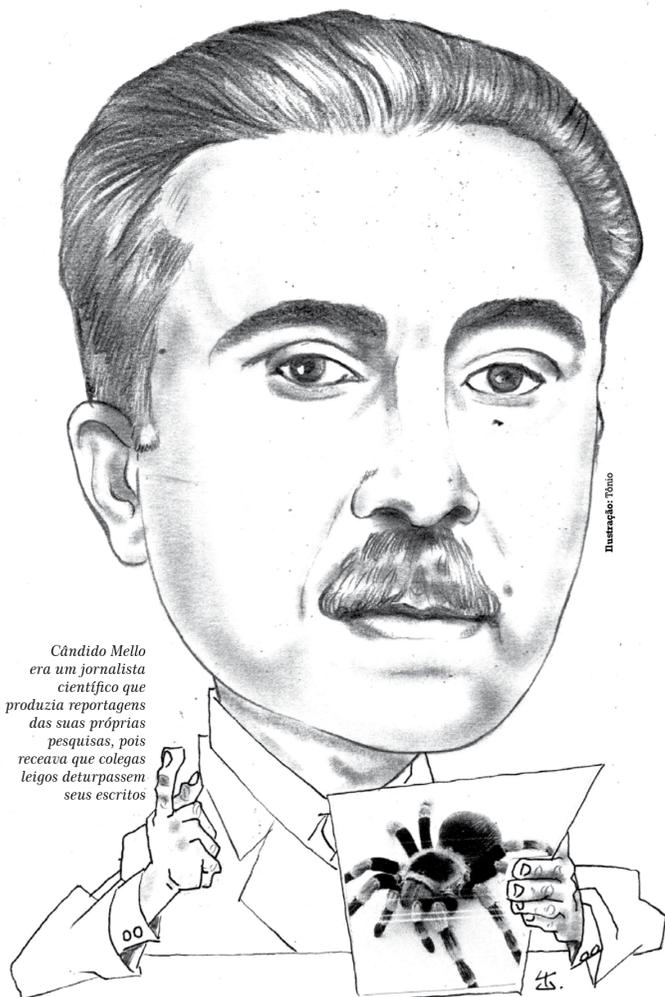
Foto: Arquivo Pessoal



Professor e pesquisador Francisco Aguiar (à esquerda) e o também pesquisador e jornalista Gilvan de Brito

Cândido Mello

Jornalista descobriu, na Paraíba, a segunda maior tarântula do mundo



Cândido Mello era um jornalista científico que produzia reportagens das suas próprias pesquisas, pois receava que colegas leigos deturpassem seus escritos

Ilustração: ZS.

Hilton Gouvêa
araujagouvêa1@gmail.com

Os biógrafos de Cândido Firmino Mello Leitão traçam os melhores elogios a seu respeito e afirmam que ele era um jornalista científico ocupado em escrever suas próprias matérias, “por medo de entregá-las a jornalistas leigos, que poderiam interpretar seus escritos erroneamente”.

Foi assim que, ao publicar no jornal suíço Le Mond de La Cience sua excelente classificação dos aracnídeos expostos no Museu da Basileia, foi agraciado com elogios de cientistas europeus, que classificaram seu trabalho como “de grande ajuda à ciência”.

No seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras (APL), o escritor Milton Marques Júnior, doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lembrou que cabe a Cândido Firmino Leitão a descoberta da Lasladora Parahybana, a segunda maior tarântula do mundo, em Campina Grande, “no crepúsculo da década de 1910”.

A descoberta dessa aranha, que possui um veneno sublimado e hoje é empregado na fabricação de antídotos contra picadas de escorpiões e algumas espécies de insetos, segundo o cientista capixaba Augusto Ruschi, “foi de grande ajuda para a ciência” e a medicina em geral.

A comunidade pediátrica do Brasil também se empolgou com as publicações de Cândido Mello em diversos jornais do país. As matérias ‘A Mortalidade Infantil no Rio de Janeiro’ e ‘A Pressão Arterial da Infância’, por exemplo, saíram em revistas cariocas e jornais portugueses, também obtendo destaques em periódicos norte-americanos e na Revista Broctéria, de Lisboa.



Foto: YouTube

A Lasladora Parahybana, a segunda maior tarântula do mundo, foi descoberta por Cândido Mello na região de Campina Grande, no final da década de 1910

Um especialista em doenças infantojuvenis

Cândido Firmino Mello Leitão nasceu em 17 de julho de 1886, em Campina Grande (PB), e morreu em 15 de dezembro de 1948, no Rio de Janeiro. Era filho do coronel Cândido Firmino de Mello Leitão e de Jacunda de Mello Leitão. Iniciou os estudos em Campina Grande, no Grêmio de Instrução Campina-Grandense, tendo sido um dos oradores, dessa entidade, em sua inauguração. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo tese de doutorado com o trabalho intitulado ‘Da Polistease Visceral’.

Após se formar, continuou no Rio de Janeiro, colaborando, como interno, na Clínica Propedéutica da Faculdade de Medicina, integrando a equipe do médico Miguel Couto; em 1919, assumiu a função de inspetor sanitário da Diretoria-Geral da Saúde Pública, passando a dedicar-se à Pediatría, quando iniciou, então, a publicação de vários trabalhos sobre as doenças infantis.

Interessou-se pela Zoologia, ciência pela qual dedicou-se integralmente; através de concurso público, ingressou como professor na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; lecionou, também, na Escola Normal de Niterói e na Escola Normal do Rio de Janeiro.

Era membro da Academia Brasileira de

Ciências, da Sociedade Entomológica do Brasil e da Entomológica da França; participou, como representante do Brasil nos Congressos de Ornitologia de Copenhague (1926), Internacional de Entomologia, em Madri (1935), Internacional de Zoologia, em Lisboa (1935) e de Ciências Naturais, na Argentina (1937). Classificou os aracnídeos dos museus da Basileia, Suíça, Barcelona, Espanha; Buenos Aires e La Plata.

Ele classificou, também, os proscopidas (família de gafanhotos conhecida pelo mimetismo de suas espécies representantes, que se assemelham grandemente com graxetos e galhos secos) dos museus de Santi-

ago, La Plata e Buenos Aires. Em revistas norte-americanas e em Broteria, de Portugal, publicou os estudos ‘A Mortalidade Infantil no Rio de Janeiro’ (1912) e ‘Pressão Arterial da Infância’. Escreveu, em colaboração com A.J. Sampaio, professor de Botânica do Museu Nacional, ‘Hortos Didáticos e sua Organização’. Em 1924, editou um ‘Compendio de Botânica’.

Também publicou: ‘A Vida Maravilhosa dos Animais’, ‘A Vida na Selva’, ‘Noções de Biologia Geral’, ‘O Brasil Visto Pelos Inglezes’, ‘Zoo-Geografia do Brasil’, ‘Dicionário de Biologia’ e ‘Esboço Crítico das Classificações Zoológicas’.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O som que vem da Bahia – Introdução

Com relação ao tema em epígrafe, bem que se poderia dizer “os sons que vêm da Bahia”, diante da diversidade e época em que eles foram surgindo e perpetuando-se em nossa memória musical e afetiva.

Assegura-se que, realmente, “o samba [brasileiro] nasceu na Bahia”. O fato é que, mesmo sem buscar didaticamente a origem desse contagiante ritmo, sabe-se que o termo e a dança vêm das bandas de Angola e do Congo, que já cultivavam os batuques influenciadores das canções improvisadas que sempre estavam presentes nos festejos rurais e interioranos daqueles povos. Sem dúvidas, advém daí a gênese dos nossos samba de morro (carioca), samba-enredo, samba de partido-alto e outros tantos que, muito certamente, deram origem ao gênero hoje consagrado como canção popular.

Fato curioso é que, já em 1890, quando escreveu o ‘O Cortiço’, Aluísio de Azevedo faziza, no romance naturalista, uma descrição do que ele chamou de “chorado baiano”, uma espécie de lundu (ritmo autenticamente africano), cantado e executado com acompanhamento de violão e embalado pelas palmas dos circundantes e dançantes.

Voltando ao tema central, sabe-se hoje que foi Hildária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata (Santo Amaro da Purificação-BA, 1854 – Rio, 1924) ou como a “Matriarca do Samba”, quem levou o samba para o Rio de Janeiro. Explica-se: em 1876, com 22 anos, por conta de perseguições policiais pela prática de atividades ligadas ao Candomblé que eram proibidas por lei, a família dela, como outras, foi homiziada-se no Rio de Janeiro, dando origem a



A chamada trindade primitiva do samba baiano: Tia Ciata, Xisto Bahia e João da Baiana

uma época que se convencionou chamar de “diáspora baiana”. Tia Ciata trouxe assim consigo as influências culturais (leia-se musicais e religiosas) da raça negra, tornando-se uma animadora das atividades populares afro-brasileiras. Desde a Bahia, ela já era uma conhecida sambista e mãe-de-santo (filha de Oxum), vindo a cultivar e estimular essas atividades junto à comunidade onde se estabeleceu, na Praça Onze, no Rio de Janeiro. Em casa do famoso babalorixá João Alabá, sob o comando dela, que era a iaquequerê do terreiro, é que se passaram a realizar os encontros “religiosos e musicais”, contando já com a

presença daqueles que viriam a constituir o alicerce do samba: Donga, Sinhô, João da Baiana, entre outros que organizavam, já àquela época, os saraus domésticos, mesmo às escondidas por conta da repressão policial determinada por leis daqueles momentos (a título de curiosidade: foi no terreiro de sua casa-de-santo que foi criado o primeiro samba autenticamente brasileiro gravado – ‘Pelo Telefone’, cuja criação é, coletivamente, atribuída a Donga, João da Baiana, Pixinguinha, José Luis (o já compositor, conhecido como Caninha), Hilário Jovino, Mauro de Almeida e Sinhô (José Barbosa da Silva), mas que foi registrada em nome de apenas Ernesto dos Santos (Donga) e Mauro de Almeida.

João da Baiana é outro cujo nome é cultuado pelos amantes do gênero dito samba. Embora tivesse nascido e morrido no Rio (1887-1974), sua mãe, Perciliana Maria Constança, tinha a alcunha de Baiana, de onde adveio o cognome do filho – João da Baiana – sendo que, por isso, era considerado erroneamente como baiano de nascimento.

Xisto (de Paula) Bahia (Salvador-BA, 1841 – Caxambu-MG, 1894), ator, compositor e cantor, deixou seu nome marcado com a primeira gravação de um disco: ‘Isto é bom!’, de sua autoria.

Em princípio, podem-se creditar a esses dois, João da Baiana e Xisto Bahia, os primórdios do que convencionamos chamar de música baiana, ou seja, do “som que vem da Bahia”, cujo universo musical adentraremos em sequência.

Bem que se poderia incluir nessa introdução o nome do mineiro/carioca Ary Bar-

roso (Ubá-MG, 1903 – Rio, 1964), espécie de eminência parda da música baiana, pela paixão que ele nutria pelos temas que a Bahia lhe proporcionava. Assim é que, do seu imenso repertório de criações antológicas, podem-se citar algumas em que a Bahia, com os seus personagens e costumes, serviu de cenário à sua fértil imaginação: ‘Faixa de Cetim’ (Bahia/ terra de luz e amor/ Foi lá onde nasceu Nosso Senhor/ Bahia de Iaiá e de Ioiá...); ‘Na Baixa do Sapateiro’ (Na Baixa do Sapateiro/ eu encontrei um dia/ a morena mais frajola do Nosso Senhor do Bonfim); ‘Quando eu penso na Bahia’ (Nem sei que dor me dá/ Se eu pudesse, qualquer dia/ eu ia de novo pra lá...); ‘No Tabuleiro da Baiana...’ (te arranhar lá na Bahia...); ‘Bahia’ (Bahia, terra de coco babaçu/ Bahia que tem moqueca e umbu/ Baiana tem mandinga/ baiana tem feitico/ Eu sou da Bahia/ e mereço um sacrificio); ‘Nega Baiana’ (...dou tudo pela Bahia/ Só tenho medo/ do Nosso Senhor do Bonfim); ‘Terra de Iaiá’ (Quem quiser conhecer/ o Brasil brasileiro, meu bem/ tem que uma vez ir à Bahia...); ‘Quando eu penso na Bahia’ (Quando eu penso na Bahia/ nem sei que dó me dá.../ Se eu pudesse um dia/ eu ia de novo pra lá...); ‘Bahia Imortal’ (Salve a Bahia imortal/ do Senhor do Bonfim/ que toma conta de mim); ‘Iaiá da Bahia’ (Estava na praia brava de Amaralina...); ‘Dengo’ (Eu já preparei meu tabuleiro.../ Não vai ter molundum/ não vai ter tapá/ com azeite de dendê...); ‘Quero voltar à Bahia’ (Quando a saudade da Bahia me vem/ me faz chorar!/ Quero voltar...).

E ainda há quem duvide de que o samba nasceu na Bahia...

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

O texto tradicional do jornal impresso não serve para as telas

Sou da geração do jornal impresso. Aprendi a ser jornalista com mestres que me apontavam que usar a voz ativa era melhor do que a voz passiva. Descobri como fazer título, subtítulo e lead na universidade e aprimorei meu conhecimento nas redações.

Há alguns anos, porém, percebi que deveria aprender a fazer textos novamente. Era necessário destruir conceitos arraigados dentro de mim, forjados em mais de duas décadas de estrada. A internet veio para modificar paradigmas em muitas áreas, e o texto jornalístico também precisa de um novo olhar.

Pirâmide invertida, textão, linguagem, sintaxe, tudo deve ser reavaliado. O que funciona no papel não serve mais para as telas. Não atraí mais antigas e novas gerações. O leitor olha de forma diferente para os textos; agora apenas “escaneia” o que vê (a leitura é superficial). Enormes blocos de texto, em geral, são pouco atrativos.

O olhar do usuário pede pausas, respiros, leveza. E preciso aprender a fazer jornalismo dessa forma. Nas minhas leituras sobre o tema, deparei-me com a seguinte frase do jornalista colombiano Fernando Ávila: “A redação na internet significa uma mudança de estilo, uma mudança sintática, uma revisão dos gêneros tradicionais de escritura e um desafio para os produtores



Foto: Pixabay

res de conteúdos informativos, comerciais, recreativos e educativos da rede”.

Conforme Ávila, a redação na internet requer mais do que nenhuma outra a economia de palavras. “A nova sintaxe – que sem dúvida o é – oferece menos restrição à voz passiva, recupera o recurso dos dois pontos, unifica o uso de cifras para todas as quantidades e em muitos casos, especialmente títulos e intertítulos, prescinde dos artigos”.

No livro, ‘Como escrever para a Web – Bases para discussão e construção de manuais para redações online’, que já sugeri por aqui em outro artigo, o jornalista Guillermo Franco dá muitas dicas que podem ser adotadas no dia a dia por jornalistas que escrevem para a internet. Veja algumas:

- Adote a voz passiva nos títulos sempre que possível;
- Evite começar títulos com expressões

de ligação, como: além disso, a saber, agora, ainda que, aliás, a menos, aparentemente, apesar disso, assim, até certo ponto, certamente, com efeito, contudo, de fato, de toda forma, depois de tudo, dito isto, em consequência, em uma palavra e enfim;

- Utilize palavras fortes no começo e fim de cada parágrafo (orientação de Roy Peter Clark, citada por Franco);

- A estratégia acima também pode ser adotada em declarações com aspas: comece com uma boa aspa; deixe a atribuição no meio; finalize com uma boa aspa. Ex: “Foi uma coisa horrível de ver”, disse Helen Lamadio, que caminhava próximo à sua casa em Hampden Avenue quando ocorreu a colisão. “Explodiu como uma bomba. A fumaça negra se espalhou”;

- Minimize a pontuação, racionalize o número de ideias que coloca nas frases e controle o tamanho de cada uma. Como afirma o jornalista Daniel Samper Pizano (citado na obra de Franco), “a frase longa é inimiga da boa leitura”.

Escrever para a internet é jogar antigas fórmulas no lixo. O manual de redação de ontem talvez não sirva mais, em sua totalidade, para os leitores de hoje. E até quem gosta de ler jornal e livro de papel já começa a querer ver, nas páginas impressas, a estética e a sintaxe do mundo digital. Pense nisso!



Prato do dia

Walter Ulysses

Cozido paraibano



Foto: Reprodução

Ingredientes:

- 1kg de acém sem osso
- 1kg de costela bovina
- 1kg de calabresa
- 2 batatas inglesas grandes
- 1 batata-doce grande
- 2 cenouras
- 1 repolho tamanho médio
- 400g de jerimum (abóbora)
- 2 espigas de milho
- 1 inhame pequeno
- 1 macaxeira média
- 1 banana da terra grande
- 1 cabeça de alho picado
- 1 cebola grande picada
- 2 colheres de sopa de coentro picado
- 4 ovos cozidos
- 8 folhas de couve
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Cominho a gosto

Modo de preparo:

■ Lave todos os ingredientes, corte e tire as cascas. Refogue a cebola, o alho com duas colheres de azeite, em seguida acrescente a carne e os

temperos. Em seguida, na panela de pressão, siga acrescentando os outros ingredientes por ordem de mais demorado de cozinhar até o último que

serão as folhas de couve. Acrescentar 300ml de caçaça e água. Tampe a panela e deixe cozinhar. Depois de começar a apitar, deixe cozinhar por 30 minutos. No final, preparar o pirão com farinha de mandioca e sirva com arroz branco e os ovos que foram cozidos separadamente. Bom apetite!

os ovos que foram cozidos separadamente. Bom apetite!

Tempero a gosto

Verdfrut reinaugura loja em Tambaú com adega, padaria e espaços instagramáveis. Projeto do renomado arquiteto Filipo Madeira busca entregar elegância e conforto para os clientes.

Em João Pessoa desde 2005, a Verdfrut, a maior rede de hortimercado do Nordeste, está de cara nova neste ano. A empresa familiar, que começou na feira livre de Nossa Senhora do Ó, em Ipojuca (PE), reinventa seu padrão de qualidade, com um projeto assinado pelo renomado arquiteto Filipo Madeira. Às mudanças vão da fachada ao interior da loja, mas a qualidade e excelência continuam as que já são conhecidas pelos clientes. "A loja de Tambaú completou 14 anos em 2022 e já temos quatro unidades. Essa é a primeira da rede na cidade a entrar neste novo padrão", destaca Jeferson Rafael Santos, CEO do Verdfrut.

A reinauguração do hortimercado em Tambaú aconteceu em 20 de dezembro de 2022 e, entre

as mudanças, estão a reabertura da adega e padaria, bem como maior espaço no estacionamento próprio (agora com até 28 vagas) para oferecer ainda mais conforto aos clientes. Filipo Madeira tem uma assinatura forte e projetos marcantes no âmbito nacional. O design elegante se destaca principalmente pela iluminação, teto coberto de folhas simulando uma floresta e espaços instagramáveis, como um balanço suspenso moderno.

O sistema próprio de distribuição, que acompanha desde a colheita, passando pelo transporte, armazenamento, seleção e distribuição final, faz com que os produtos Verdfrut estejam sempre fresquinhos. "O mix do Verdfrut é essencialmente de hortifrúteis selecionados, grãos, temperos, produtos saudáveis (diet, light e sem lactose), laticínios, mercearia, carnes, aves, pescados e frios", conta Jeferson.

O Verdfrut possui 20 lojas distribuídas nos estados de Per-

nambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Só em João Pessoa são quatro unidades: Tambaú, Bessa, Jardim Oceania e Manáira. Em 2022, a rede inaugurou uma nova loja em Recife, em Boa Viagem, a maior da rede, e reinaugura a unidade em João Pessoa. "Para 2023, o Verdfrut segue em expansão para estados como a Bahia e o Ceará e teremos novidades para João Pessoa", promete.

O hortimercado em Tambaú tem 44 metros quadrados, incluído a área de vendas, para o cliente ter o espaço que precisa para fazer suas compras com conforto. A responsável da família, que toca as lojas na Paraíba, é a diretora Lúcia Marques, tia de Jeferson, mantendo, assim, a tradição familiar da rede que continua se expandindo por todo o Nordeste. Para saber mais, o Instagram é @redevdfrut. Para delivery via site ou WhatsApp, basta acessar o link: <https://beacons.ai/verdfrut>.

O nascimento da grande cozinha na história da gastronomia

O século 17, chamado de o "grande século", foi fundamental para a história da gastronomia. Se o reinado de Luís 13 (1610-1643) foi marcado por uma espécie de eclipse culinário após os esplendores do Renascimento, é sob o reinado de Luís 14, o Rei Sol (1643-1715), que a gastronomia francesa vive seu maior esplendor. Esse período estabelecerá as regras do que será o "bom gosto" em matéria de comida. Esse bom gosto rapidamente permeará as cozinhas das demais monarquias europeias.

Veio o declínio das especiarias. A história da gastronomia até o meio do século 17 é marcada pela prática de temperar os pratos com uma quantidade gigantesca de especiarias, isso porque, por essas serem caras e raras, eram verdadeiros sinônimos de luxo e riqueza. Porém, esse exagero no uso de especiarias levava os pratos a ficarem intragáveis. Era uma época em que pouco se importava o gosto, a palavra de ordem era ostentação.

Com o passar dos anos, as especiarias passaram a ser facilmente encontradas nos mercados das grandes cidades. Houve uma banalização de seu consumo e a queda de sua utilização nas mesas aristocratas foi quase imediata.

Entraram em cena as plantas aromáticas. Tomilho, louro, cebolinha, estragão e alecrim... Essa mudança por mais simples que possa parecer ocasionou um impacto tremendo na história da gastronomia. Saíram os sabores fortes, apimentados e excessivamente condimentados e entrava o fresco, mesmo que ainda um pouco desmedido.

Em relação aos ensopados e molhos, os cozinheiros do século 17 descobrem novas formas de se expressar. De uma maneira geral são mais técnicos que seus antecessores. Reduzem consideravelmente a quantidade de animais normalmente consumidos. O açúcar que antes figurava em todos os pratos passa a ser reservado apenas aos bolos, cereais, pratos com ovos e produtos lácteos.

A mostarda é o último dos molhos condimentados a sobreviver. Esses são substituídos por molhos mais gordurosos e cremosos. A manteiga, os ovos e o creme ganham espaço, pois se adaptam melhor aos sabores delicados de ervas como estragão, manjericão e cebolinha. Uma nova técnica para engrossar caldos aparece: nasce o roux (feito de manteiga e farinha) e se instala definitivamente na história da gastronomia. Ao mesmo tempo, molhos emulsionados como o de manteiga branca (beurre blanc) e o molho holandês são degustados pela primeira vez.

Caldos e coulis: a outra grande inovação são os caldos de carne (bovina, de carneiro, de cordeiro, de aves, de miúdos...) geralmente acompanhados por um bouquet garni. Um dos mais usados naquela época é o "coulis universal", um caldo enriquecido com um aglutinante (farinha de trigo ou de amêndoas), cogumelos e carne moída. Vem o boom dos legumes e frutas. Esse grande século culinário também marca a história da gastronomia pelo uso cada vez maior de vegetais (incluindo vegetais de raízes até então desprezados). As saladas e frutas são consumidas na corte de Luís 14 em proporções jamais vistas.

Mas e o povo? Bom, com o modelo de monarquia absoluta de Luís 14, com os impostos para financiar a Guerra dos Trinta Anos, as obras do Palácio de Versalhes, e a boa mesa da aristocracia, a comida que resta ao povo é escassa. Resumisse ao consumo de cereais, não apenas consumido sob a forma de pães, mas também sob a forma de uma sopa espessa.

Essa sopa é uma "água fervida" na qual são mergulhadas "ervas" e "raízes", cenouras e nabos, alho-poró, acelga, espinafre, cebolas e muito repolho e leguminosas como feijão, lentilhas ou ervilhas. Na melhor das hipóteses, a sopa é reforçada com um pedaço de bacon ou banha de porco. A carne é rara, reservada apenas para as festividades. Assim como os ovos, a manteiga e o vinho. A democracia à mesa ainda aguardava uma revolução...

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



Foto: Reprodução



QUENTINHAS

■ Deu início na quarta-feira (4) 'A Churrascada', o maior projeto de churrasco do Brasil, inédito no Nordeste, que está no verão de João Pessoa! Diretamente da Fazenda Churrascada, em São Paulo, a 'Carreta

Churrascada' realiza o maior projeto de churrasco do Brasil pela primeira vez em João Pessoa e no Nordeste. São três semanas na Arena CSQ, no Bairro do Bessa. Com acesso gratuito à Arena, são 18 dias de 'Churrascada',

até o dia 22 de janeiro, fechando apenas às segundas-feiras. São dez horas de funcionamento por dia: das 12h às 22h. Mais informações nas redes sociais da @cantaloupebr, agência realizadora do evento.